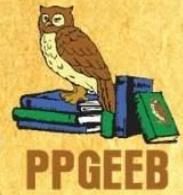




UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS - GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO
DA EDUCAÇÃO BÁSICA



ELIANE CRISTINA LEITE DOS SANTOS

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO NA ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANTÔNIO III - MATÕES DO NORTE -MA



SÃO LUIS
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

ELIANE CRISTINA LEITE DOS SANTOS

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA
DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO NA ESCOLA MUNICIPAL
SANTO ANTONIO III – MATÕES DO NORTE-MA

São Luís, 2024

ELIANE CRISTINA LEITE DOS SANTOS

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E
IDENTITÁRIA DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO NA
ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANTONIO III – MATÕES DO NORTE-MA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) como requisito obrigatório para o título de Mestra em Educação - Gestão de Ensino da Educação Básica.

.

Orientadora: Profa. Dra. Mariléia Santos Cruz da Silva

São Luís, 2024

Imagem da Capa

Ilustração de uma sala de aula, com ensino participativo, com práticas pedagógicas voltadas a valorização cultural e identitária da população negra, remanescente de quilombo.

Imagem: Chatgpt. Escola quilombola. Disponível em:
<https://chatgpt.com/c/67486940-b82c-8003-857d-c0671ea0cfff>

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Leite dos Santos, Eliane Cristina.

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO NA ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANTONIO III MATÕES DO NORTE-MA / Eliane Cristina Leite dos Santos. - 2024.

210 p.

Orientador(a): Mariléia Santos Cruz da Silva.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica/CCSO, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Relações Étnico-raciais. 2. Educação Escolar Quilombola. 3. Saberes Tradicionais. 4. Identidade Negra.
I. Santos Cruz da Silva, Mariléia. II. Título.

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO NA ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANTONIO III – MATÕES DO NORTE- MA

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) como requisito obrigatório para o título de Mestre em Educação- Gestão de Ensino da Educação Básica.

Orientadora: Profa. Dra. Mariléia Santos Cruz da Silva

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Mariléia Santos Cruz da Silva (Orientadora)

Doutora em Educação Escolar

Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB)

Prof. Antonio de Assis Cruz Nunes (1º Examinador) Doutor em Educação
Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB)

Prof. Ricardo Costa de Sousa (2º Examinador)

Doutor em Educação Escolar

Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UNIR)

Profa. Clênia de Jesus Pereira dos Santos (Membro Interno Suplente)

Doutora em Educação

Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB/UFMA)

Profa. Herli de Sousa Carvalho (Membro Externo Suplente)

Doutora em Educação Escolar

Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/CCIM/UFMA)

À Maria José Leite dos Santos, minha saudosa e amada mãe (*in memoriam*), que dedicou os mais preciosos dias de sua vida, lutando bravamente como quebradeira de coco e lavadeira de roupas, para garantir o sustento diário da nossa família.

AGRADECIMENTOS

Neste momento mais que especial de minha vida, agradeço primeiramente ao Eterno Criador, por sua infinita bondade, que, em meio a tantas dificuldades, permitiu que eu chegasse até aqui.

À minha família, que confia sempre no meu potencial e me incentiva a percorrer novos caminhos.

À Universidade Federal do Maranhão, por abraçar programas de ensino que ofertam educação de qualidade a pessoas negras e ao público de baixa renda.

A minha querida Orientadora, Profa. Dra. Mariléia Santos Cruz da Silva, pela paciência, compreensão, dedicação e ensinamentos, desde o início do processo seletivo até este momento de conclusão.

Aos Coordenadores, Profa. Dra. Hercília Maria de Moura Vituriano, e Prof. Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes, por sempre buscarem o crescimento do programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), e atenderem os seus novos discentes, assim como os egressos, com toda atenção e carinho.

Aos amigos Ângela Ribeiro Casas Nova e Luís Félix Rocha, que se tornaram referências e que me fizeram acreditar que uma mulher negra, pobre e residente num dos menores e mais carentes municípios do estado do Maranhão pudesse conquistar o título de Mestre em Gestão de Ensino da Educação.

Agradeço também à gestão municipal de Matões do Norte, por ofertar apoio durante o processo formativo até a conclusão do mestrado, abrindo as portas da Secretaria Municipal de Educação Esporte e Lazer (SEMECEL) e a disposição da Escola Municipal Santo Antônio III para a realização da pesquisa.

Por fim, aos colegas da turma de 2022, aos quais partilhamos momentos únicos e inesquecíveis.

“Às vezes, a resposta que você procura já foi sussurrada por seus ancestrais”.

Aline Botelho

RESUMO

O estudo AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO NA ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANTONIO III – MATÕES DO NORTE-MA tem como objetivo investigar as práticas pedagógicas de valorização cultural e identitária do povo negro remanescente de quilombos na escola quilombola Santo Antônio III, no município de Matões do Norte - MA, à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, tendo em vista a elaboração de um Caderno de Orientações Didáticas que contemple a valorização da identidade negra quilombola. A pesquisa de natureza qualitativa utilizou entrevistas semiestruturadas aplicadas à coordenação pedagógica da educação do campo, ao supervisor, ao gestor e a um professor do 4º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Santo Antônio de Matões do Norte. O presente trabalho traz como principais fontes bibliográficas as obras dos seguintes autores: Campos, (2014); Carvalho (2020); Cruz (2008); Ferreira (2021); Souza (2012); Gay e Quintans, (2014); Nascimento (1980); Moura (1981); Schwartz (2018). O estudo está organizado em seis seções, descritas a seguir: Inicialmente, na introdução, apresentamos a estrutura teórica, a problemática e os objetivos da pesquisa. Em seguida, na segunda seção, os quilombos são caracterizados como símbolos de resistência das populações negras, como lugares de saberes e preservação da memória cultural, tanto no passado como na contemporaneidade. Na terceira seção estão concentradas abordagens sobre o Quilombo Santo Antônio e seus desafios para a sobrevivência, com ênfase na cultura do Tambor de Crioula e nos saberes populares que precisam ser contados. A seção 4, retrata a Educação Escolar Quilombola, contemplando os desafios para construção de práticas pedagógicas de valorização do povo negro remanescente de quilombo. Na seção 5, desenvolvemos um estudo sobre as práticas pedagógicas de valorização cultural e identitária dos remanescentes de quilombo no contexto da Escola Santo Antônio III, com enfoque no currículo e na valorização da identidade negra quilombola. Essa seção também apresenta a Organização do Caderno de Orientações Didáticas sobre as Práticas Pedagógicas de Valorização Cultural e Identitária do Povo Negro Remanescente de Quilombo como produto educacional da pesquisa, e como este se apresenta. Em seguida, as considerações finais descritas na seção 6. Em relação ao resultado do estudo, compreendemos nesse processo investigativo que alguns avanços foram conquistados ao longo dos anos, a exemplo do amparo legal garantido por um conjunto de legislações direcionadas à efetivação da educação quilombola como direitos garantidos. Embora se reconheçam os avanços, concluímos que ainda nos deparamos com situações de negligências na aplicabilidade de um ensino que tenha como foco desenvolver o aprendizado dos estudantes com base na valorização dos saberes dos seus ancestrais, desvencilhando os mitos contados sobre a história do país com supremacia eurocentrista, resgatando memórias invisibilizadas por séculos. Sendo assim, esperamos que as ferramentas a serem trabalhadas nesta dissertação auxiliem professores e profissionais da educação no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas de valorização cultural e identitária dos negros remanescentes de quilombo, bem como ajudem os discentes a respeitar os saberes e a ancestralidade de seu povo.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais. Educação Escolar Quilombola. Saberes Tradicionais. Identidade Negra.

ABSTRACT

The study PEDAGOGICAL PRACTICES OF CULTURAL AND IDENTITY VALUE OF THE REMAINING BLACK PEOPLE OF QUILOMBOS IN THE SANTO ANTONIO III MUNICIPAL SCHOOL - MATÕES DO NORTE-MA aims to investigate the pedagogical practices of cultural and identity appreciation of the remaining black people of quilombos in the Santo Antônio III quilombola school, in the municipality of Matões do Norte-MA, in light of the National Curricular Guidelines for Quilombola School Education, with a view to developing a Didactic Guidelines Booklet that contemplates the appreciation of the black quilombola identity. The qualitative research used semi-structured interviews applied to the pedagogical coordination of rural education, the supervisor, the manager and a 4th grade elementary school teacher at the Santo Antônio de Matões do Norte Municipal School. The present work brings as main bibliographic sources the works of the following authors: Campos, (2014); Carvalho (2020); Cruz (2008); Ferreira (2021); Souza (2012); Gay and Quintans, (2014); Nascimento (1980); Moura (1981); Schwartz (2018). The study is organized into six sections, described below: Initially, in the introduction, we present the theoretical framework, the problems and the objectives of the research. Then, in the second section, the quilombos are characterized as symbols of resistance of black populations, as places of knowledge and preservation of cultural memory, both in the past and in the present. The third section focuses on approaches to the Quilombo Santo Antônio and its challenges to survival, with an emphasis on the Tambor de Crioula culture and the popular knowledge that needs to be told. Section 4 portrays Quilombola School Education, contemplating the challenges for the construction of pedagogical practices that value the remaining black people of the quilombo. In section 5, we develop a study on the pedagogical practices of cultural and identity valorization of the remaining quilombos in the context of the Santo Antônio III School, with a focus on the curriculum and the valorization of the black quilombola identity. This section also presents the Organization of the Teaching Guidelines Booklet on Pedagogical Practices for Cultural and Identity Appreciation of the Black People Remaining from Quilombo as an educational product of the research, and how it is presented. Next, the final considerations described in section 6. Regarding the results of the study, we understand in this investigative process that some advances have been achieved over the years, such as the legal support guaranteed by a set of laws aimed at the implementation of quilombola education as guaranteed rights. Although the advances are recognized, we conclude that we still encounter situations of negligence in the applicability of a teaching that focuses on developing students' learning based on the appreciation of the knowledge of their ancestors, disentangling the myths told about the history of the country with Eurocentric supremacy, rescuing memories that have been invisible for centuries. Therefore, we hope that the tools to be used in this dissertation will help teachers and education professionals in developing their pedagogical practices of cultural and identity appreciation of the remaining black people of quilombos, as well as helping students to respect the knowledge and ancestry of their people.

Keywords: Ethnic-racial relations. Quilombola School Education. Traditional Knowledge. Black Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista parcial do quilombo Urbano da Liberdade	29
Figura 2 - Alfavaca	33
Figura 3 - Mastruz	33
Figura 4 - Vassourinha	33
Figura 5 - Pião-Roxo	33
Figura 6 - Brasilina da Silva, benzedeira residente em Matões do Norte – MA	34
Figura 7 - Pessoas quilombolas, segundo a Unidade da Federação 2022	37
Figura 8 - Bernadete Pacífico, liderança quilombola da Bahia, assassinada no quilombo Pitanga dos Palmares	45
Figura 9 - Poço, que conforme relatos, deu origem ao povoado	52
Figura 10 - Peça de ferro usada no tornozelo para acorrentar os negros escravizados	53
Figura 11 - Equipe do Projeto de Inovação, Robótica SESI registrando as histórias do território quilombola, pelos griôs da comunidade	57
Figura 12 - Integrantes do Tambor de Crioula Raízes de Santo Antônio	58
Figura 13 - Apresentação do Tambor Raízes de Santo Antônio	58
Figura 14 - Raimunda Nonata Lopes, benzedeira há 65 anos, Povoado Bacuri- Matões do Norte – MA	60
Figura 15 - José Raimundo Casas Novas, Paulino de Jesus Martins Corrêa e Moisés Casas Novas Licá. Contadores de histórias, griôs da atualidade.....	61
Figura 16 - Fachada da Escola Municipal Santo Antônio III	77
Figura 17 - Capa do Produto Educacional	100
Figura 18 - Licença do Produto Educacional (CC- BY- NY-NC-ND)	101
Figura 19 - Eliane Leite, convite a um diálogo sobre a Educação com base nas relações étnico-raciais	101
Figura 20 - imagem de uma estudante negra, representando o poder transformador existente na educação	102
Figura 21 - Mulher negra desenvolvendo trabalhos com o coco babaçu	103
Figura 22 - Ancião- retrata a sabedoria popular e os ensinamentos tradicionais	103
Figura 23 - Concretização de ideias	103
Figura 24 - Possíveis questionamentos	104
Figura 25 - Quilombos e quilombolas, símbolo de resistência	105

Figura 26 - Início das explicações sobre o quilombo Santo Antônio no contexto da cultura afro-brasileira	106
Figura 27 - História da fundação: quadro com a relação dos povoados pertencentes ao território tradicional	107
Figura 28 - Costumes e tradições vivenciados no cotidiano do quilombo Santo Antônio	108
Figura 29 - Aquecimento e apresentação do trio de tambores	109
Figura 30 - Benzedeadas residentes em Matões do Norte – MA	110
Figura 31 - Ervas medicinais utilizadas no tratamento de saúde	111
Figura 32 - Griôs do território quilombola e roda de conversa com contação de histórias	112
Figura 33 - Produção artesanal com itens da palmeira do coco babaçu	113
Figura 34 - Apresentação do pilão de madeira, peneira e forno de torrar farinha	114
Figura 35 - Artesão apresentando um tambor em fase de construção, e criança aprendendo tocar tambor	115
Figura 36 - Proposta metodológica para trabalhar com a cultura material existente no quilombo	116
Figura 37 - Sequência didática integradora – Plano de Aula	118
Figura 38 - Apresentação da Autoras do Produto Educacional	120

SIGLAS

- ANC-** Assembleia Nacional Constituinte
- APEM-** Arquivo Público do Estado do Maranhão
- C.L.A-** Centro de Lançamento de Alcântara
- CNBB-** Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- CNE-** Conselho Nacional de Educação
- CPT-** Comissão Pastoral da Terra
- CRQs-** Comunidades Rurais Quilombolas
- DCNs-** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola
- FACAPI-** Faculdade de Ciências Aplicadas Piauiense
- FETAEMA-** Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras do Estado do Maranhão
- IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INCRA-** Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- INEP-** Instituto Nacional e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- ITERMA-** Instituto de Colonização e Terra Maranhão
- LDB-** Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- MEC-** Ministério da Educação
- PA-** Projeto de Assentamento
- PE-** Projeto de Assentamento Estadual
- PNSIPN-** Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
- REPAM-** Rede Eclesial Pan-Amazônica
- SECAD-** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
- SUS-** Sistema Único de Saúde
- TEM-** Teatro Experimental do Negro

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Declaração Racial dos profissionais entrevistados	81
Quadro 2: Formação dos profissionais entrevistados	81
Quadro 3: Sobre a história da população negra no Brasil, além do que se refere à escravidão, nas disciplinas estudadas na formação inicial	83
Quadro 4: Os movimentos de enfrentamento e resistência à escravidão no Maranhão como conteúdos discutidos no processo formativo inicial	84
Quadro 5: Formações continuadas ofertadas pelo município, com temáticas étnico-raciais direcionadas aos professores que trabalham nas escolas pertencentes aos territórios quilombolas	86
Quadro 6: Sobre a relevância de trabalhar conteúdos que apresentem a história da população africana e afro-brasileira, suas contribuições na formação da sociedade brasileira para o processo de valorização e sentimento de pertencimento dos negros remanescentes de quilombo	87
Quadro 7: Políticas sociais direcionadas à população remanescente de quilombo e contribuem para o bem-estar, fortalecimento da identidade e cultura nos territórios tradicionais	88
Quadro 8: A Escola Municipal Santo Antônio III e sua Proposta Pedagógica Curricular	90
Quadro 9: Proposta Pedagógica Curricular e adequação com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola	91
Quadro 10: Documentos norteadores na construção da Proposta Pedagógica Curricular da E. M. Santo Antônio III	91
Quadro 11: A Escola. M. Santo Antônio III, e o desenvolvimento de atividades de interação com a comunidade e respeito aos costumes e tradições	93
Quadro 12: Ensino ofertado na E. M. Santo Antônio III e a história e cultura afro-brasileira	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	QUILOMBOS: SÍMBOLOS DE LUTA E RESISTÊNCIA DO POVO NEGRO AFRICANO E AFRO-BRASILEIRO	23
2.1	Quilombos Urbanos e a Carência de Políticas Públicas	26
2.2	Territórios Tradicionais: Lugares de Saberes, Resistência e Memória Cultural de um Povo	31
2.2.1	A Fé nas Benzedeiças	32
2.2.2	Griôs e a Tradição Oral	34
2.3	Quilombos no Maranhão e os Desafios na Contemporaneidade	36
2.4	O povo negro e a necessidade de um despertar para sua identidade	45
3	QUILOMBO SANTO ANTONIO: ORIGEM E OS DESAFIOS PARA A SOBREVIVÊNCIA	50
3.1	Tambor de Crioula Raízes de Santo Antônio: Reafirmando as Tradições do Povo Negro Remanescente de Quilombo na Comunidade Santo Antônio	55
3.2	O Dom da Cura e o Chamado para Servir	59
3.3	Saberes Populares, Histórias que precisam ser contadas	60
4	A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DESAFIOS PARA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO	63
4.1	Ensino Pautado na Valorização dos Saberes Originários da População Negra: Uma Necessidade Real para a Sobrevivência dos Quilombos	68
4.2	Currículo Escolar Quilombola, e as Práticas Pedagógicas de Valorização dos Saberes Advindos da História, Costumes e Tradições da População Negra	70
4.3	Formação Inicial e Continuada: Direito Garantido aos Professores das Escolas Quilombolas	72
5.	UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO: UM ESTUDO NO CONTEXTO ESCOLAR DA ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANTONIO III- MATÕES DO NORTE-MA	77
5.1	Metodologia da Pesquisa	78
5.1.1	Análise e Interpretação de Dados	79
5.2	O Currículo da Escola Municipal Santo Antônio III e as Práticas Pedagógicas de	

Valorização da Identidade Negra Quilombola	80
5.2.1 A História Política e Social dos Quilombos no Brasil e Maranhão na Formação dos Profissionais da Escola Quilombola Santo Antônio III	82
5.2.2 Os profissionais da Escola Santo Antônio III e suas interpretações sobre a relevância dos conteúdos sobre as relações étnico-raciais para a educação de crianças quilombolas em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola	87
5.2.3 As Práticas Pedagógicas sobre a Educação Étnico-Racial voltadas para a População Negra	90
5.3 Organização do Caderno de Orientações Didáticas sobre as Práticas Pedagógicas de Valorização Cultural e Identitária do Povo Negro Remanescente de Quilombo como Produto Educacional da Pesquisa	97
5.3.1 Apresentação do Produto Educacional da Pesquisa	98
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	123
ANEXOS	129
A- Certidão de Autodefinição	130
B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	131
C – Termo de uso de Imagem	132
D- Projeto de Leitura Múltiplas Diversidades: Conhecendo e Valorizando a Diversidade Cultural Afro-Maranhense	133
APÊNDICES	145
A- Carta de Apresentação para Concessão de Pesquisa de Campo	146
B- Roteiro de Observação da Prática Docente	147
C- Roteiro de Entrevista com a Coordenação Pedagógica, Supervisor, Gestor e Professor da Escola Municipal Santo Antônio III, Polo IV – Educação do Campo	148
D- Produto Educacional	151

1 INTRODUÇÃO

Segundo Schwartz (2018), o processo escravocrata no Brasil foi marcado por muita crueldade e desvalorização da população africana e afro-brasileira. O Brasil foi o último país a abolir essa forma perversa de mão de obra nas Américas, e o que mais recebeu africanos saídos de seu continente de maneira compulsória.

Com o fim da escravidão, em 1888, os negros, agora em condição de pessoas livres, intensificaram suas organizações com o intuito de fortalecer a identidade da população negra e garantir o acesso aos direitos fundamentais.

A partir da década de 1970, o Movimento Negro começou a alcançar mais articulação e visibilidade, o que culminou com a participação do segmento social na construção da Constituição Federal de 1988. Dentre as várias entidades do movimento negro nacional, se destacou o Movimento Negro Unificado (MNU)¹, como enfatizam Gay e Quintans (2014, p.3):

No período da redemocratização, o movimento negro se reorganiza, assumindo novos contornos, e passa a reivindicar uma série de direitos e políticas públicas capazes de combater o racismo e reduzir as desigualdades raciais. Em tal processo, o Movimento Negro Unificado teve papel importante articulando militantes da causa negra, os quais passam a promover atos, conferências, produzir jornais e documentos de sistematização das demandas dos negros brasileiros. Uma das demonstrações de incidência desse movimento foi sua participação na Assembleia Nacional Constituinte (ANC) de 1987-1988.

Esse formato de produção participativa da Constituição Federal (1988) garantiu igualdades de direitos a todos, inclusive a educação, que por vários séculos se constituiu como privilégio e esteve mais acessível às pessoas abastadas. Na constituição popular de 1988, artigo 205, a educação:

É direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 2022, p. 174).

Com esse avanço, o movimento negro, de forma organizada, conseguiu dar mais um grande passo em busca de valorização e construção identitária da população

¹ O Movimento Negro Unificado (MNU) é um grupo de ativismo político, cultural e social fundado em São Paulo, em 18 de junho de 1978, com o objetivo de combater o racismo, o preconceito de cor e as práticas de discriminação racial, e promover a participação do negro em todos os setores da sociedade brasileira.

negra, ao conquistar a aprovação da Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, inserido no Art. 26-A, a seguinte redação: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana” (*Id.*, 2022, p. 20).

A obrigatoriedade estabelecida na Lei nº 10.639/03 sobre o estudo da história e cultura afro-brasileiras e africanas e as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (2010)² não fizeram com que todas as escolas, como determinado em lei, trabalhassem as temáticas étnico-raciais em suas propostas pedagógicas. Assim, pressupõem-se que essa negação afetará principalmente as localidades que mais necessitam de adquirir esses conhecimentos, que são as escolas periféricas, do campo e quilombolas.

Compreendemos que o formato de educação apresentada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola – DCNs (Brasil, 2012) visa atender os direitos das comunidades tradicionais com o desenvolvimento de ações que apresentem aos alunos a verdadeira história de seu povo, primando pelo respeito e conservação dos valores, tornando-os capazes de enfrentar as desigualdades e a violência causada pela discriminação. Estes direitos são descritos no documento da seguinte forma:

A oferta da educação escolar para as comunidades quilombolas faz parte do direito à educação; porém, o histórico de desigualdades, violência e discriminações que recai sobre esses coletivos afeta a garantia do seu direito à educação, à saúde, ao trabalho e à terra. Nesse sentido, atendendo aos mesmos preceitos constitucionais, pode-se afirmar que é direito da população quilombola ter a garantia de uma escola que lhe assegure a formação básica comum, bem como o respeito aos seus valores culturais (Brasil, 2012, p. 440).

A opção pelo estudo sobre as práticas de valorização cultural e identitárias do povo negro remanescente de quilombo está atrelada ao fato de ser uma mulher negra, professora e militante dos movimentos eclesiais de base, envolvida na defesa dos direitos da população negra e quilombola. Neste estudo buscamos compreender como as escolas do município de Matões do Norte trabalham as proposições previstas no Documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola, o qual sinaliza para o sentimento de pertencimento dos estudantes remanescentes de

² Documento que define princípios fundamentais e procedimentos de orientação as políticas públicas educacionais do país, entre elas a Educação Quilombola.

quilombo, como determina o Documento Curricular do Território Maranhense:

Um documento curricular, caderno curricular específico, para as populações quilombolas deve considerar as trajetórias históricas desses povos e sua memória coletiva de parentesco e identitária. É o que os preserva a despeito de todo o movimento externo de absorção como população de zona rural sem direitos (Maranhão, 2019, p. 43).

A ideia da elaboração do projeto surgiu em 2018, durante a Especialização em Metodologias do Ensino Fundamental, na Faculdade de Ciências Aplicadas Piauiense - FACAPI, momento em que todos os discentes pertencentes a essa formação tiveram a oportunidade de conhecer os vários modelos de educação, entre eles, a educação quilombola, que nos últimos anos vem conquistando direitos.

Dessa forma, desenvolvemos a pesquisa sobre as práticas de valorização cultural e identitária do povo negro remanescente de quilombo na Escola municipal Santo Antônio III, em Matões do Norte, especificamente na Comunidade Quilombola Santo Antônio, com a Coordenação Pedagógica, Supervisor, Gestor e Professor do 4º ano do turno vespertino. Essa escolha deu-se em virtude dessa instituição estar inserida num território de comunidades tradicionais, com análise sobre como ocorre o trabalho desenvolvido na referida instituição de ensino, no que diz respeito ao cumprimento das ações definidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola, conforme segue:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observado os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural (Brasil, 2012, p. 42).

A comunidade Santo Antônio está localizada a 15 km da sede do município de Matões do Norte - MA e constitui o território quilombola com mais 29 povoados que compreendem uma extensão de 38.000 hectares, estendidos da BR-135 até as margens do rio Mearim (INCRA, 2018).

Esperamos que a nossa investigação possa trazer contribuições para o campo da Educação para as Relações Étnico-Raciais, especificamente para a área da Educação Escolar Quilombola no contexto afro-maranhense e afro-nortematoense.

A nossa pesquisa foi desenvolvida a partir das seguintes problematizações:

Como as práticas pedagógicas de valorização cultural e identitária do povo

negro remanescente de quilombos se desenvolvem na escola quilombola Santo Antônio III, no município de Matões do Norte- MA?

A partir destas problematizações, formulamos outras questões norteadoras, vejamos:

- O que os docentes da escola quilombola Santo Antônio III sabem sobre a história política e social dos quilombos no Brasil e Maranhão?

- Quais entendimentos teóricos e práticos sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola os docentes da escola em análise possuem?

- Como os docentes da escola que será pesquisada desenvolvem suas práticas pedagógicas sobre a educação étnico-racial voltada para a população negra?

- Como a elaboração de um Caderno de Orientações Didáticas que contemple a valorização da identidade negra quilombola poderá contribuir para a melhoria das práticas pedagógicas dos docentes da escola pesquisada?

O objetivo geral desta dissertação é investigar as práticas pedagógicas de valorização cultural e identitária do povo negro remanescente de quilombos na escola quilombola Santo Antônio III, no município de Matões do Norte - MA, à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, tendo em vista a elaboração de um Caderno de Orientações Didáticas que contemple a valorização da identidade negra quilombola.

Para chegarmos a um resultado satisfatório na execução deste trabalho, propomos os seguintes objetivos específicos: verificar o que os docentes da referida escola sabem sobre a história política e social dos quilombos no Brasil e Maranhão; averiguar o que tais docentes sabem sobre a história política e social dos quilombos no Brasil e Maranhão; Compreender como os docentes da escola desenvolvem suas práticas pedagógicas sobre a educação étnico-racial voltada para a população negra quilombola; e elaborar um Caderno de Orientações Docente que contemple a valorização da identidade negra quilombola, visando contribuir para práticas pedagógicas adequadas às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

As reflexões e discussões apresentadas no escopo desta Dissertação tiveram base e orientação bibliográficas sobre a história do povo negro africano e afro-brasileiro no Brasil; quilombos urbanos; quilombos no Maranhão e os desafios na contemporaneidade; Territórios Tradicionais; a educação escolar quilombola;

currículo e práticas educacionais, seguindo o que dizem os(as) autores(as): Campos (2014); Carvalho (2020); Cruz (2008); Ferreira (2021); Souza (2012); Gay e Quintans (2014); Nascimento (1980); Moura (1981); Schwartz (2018); entre outros.

O estudo está organizado em seis seções, descritas a seguir: Inicialmente, destacamos a Introdução na seção 1, apresentando a estrutura teórica, a problemática e os objetivos da pesquisa.

Na seção 2, denominada Quilombos: Símbolo de luta e resistência do povo negro africano e afro-brasileiro, abordamos o território quilombola como lugares de saberes e preservação da memória cultural, tanto no passado como na contemporaneidade.

Na seção 3, estão concentradas abordagens sobre o Quilombo Santo Antônio e seus desafios para a sobrevivência, com ênfase na cultura do Tambor de Crioula e os saberes populares que precisam ser contados.

Na seção 4, nomeada A Educação Escolar Quilombola: Desafios para construção de práticas pedagógicas de valorização do povo negro remanescente de quilombo, destacamos o ensino pautado nos saberes originários da população negra, com foco no currículo escolar e a formação inicial e continuada dos professores.

Na seção 5, denominada Um estudo sobre as práticas pedagógicas de valorização cultural e identitária dos remanescentes de quilombo no contexto da Escola Santo Antônio III, apresentamos a metodologia da pesquisa, análise e interpretação de dados, com enfoque no Currículo da Escola Municipal Santo Antônio III e práticas pedagógicas de valorização da identidade negra quilombola. Nessa parte, ainda destacamos a história política e social dos quilombos no Brasil e Maranhão na formação dos profissionais da Escola Quilombola Santo Antônio III, entendimento dos profissionais da escola quilombola Santo Antônio III sobre a relevância dos conteúdos que tratam das relações étnico-raciais para a educação de crianças quilombolas em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, as práticas pedagógicas sobre a educação étnico-racial voltadas para a população negra, chegando à organização do Caderno de Orientações Didáticas sobre as Práticas Pedagógicas de Valorização Cultural e Identitária do Povo Negro Remanescente de Quilombo como produto educacional da pesquisa, e como este se apresenta.

Na seção 6, apresentamos as considerações finais.

Pelo exposto, acreditamos que a presente pesquisa contribuirá com o

fortalecimento e valorização da identidade negra, a partir da inserção e desenvolvimento das temáticas étnico-raciais nas escolas pertencentes aos territórios tradicionais, podendo se estender a toda rede municipal de ensino.

2 QUILOMBOS: SIMBOLOS DE LUTA E RESISTÊNCIA DO POVO NEGRO AFRICANO E AFRO-BRASILEIRO

A história do povo negro no Brasil dificilmente poderá ser contada sem relembrar os grandes momentos de tormentos e dores causados pela ação cruel do processo escravista. Castro (2023) afirma que a escravidão no Brasil foi uma instituição violenta e desumana, que, além do seu grande fluxo de negociação durante três séculos, produziu a associação da imagem do trabalhador escravizado em nosso país com a cor de pele do africano.

Seguindo o que diz Amaral (2011, p. 10):

Quando a escravidão de africanos foi introduzida no Brasil, seu objetivo era o aumento da produção de riquezas – note-se que a escravidão indígena também existia. Veremos que o racismo foi uma ideologia criada ao longo do século XIX, que buscava justificar a escravidão retrospectivamente, identificando o escravo ao negro.

As dores causadas pelas longas jornadas de trabalho, os castigos e humilhações, as privações de liberdade impulsionaram os africanos e seus descendentes a buscarem incessantemente por dias melhores. Nesse processo, a população negra foi submetida a estratégias de coisificação jurídica, que, conforme o afirma Amaral (2011), era uma forma de dominação que buscava desumanizar os escravizados, tornando-os incapazes de refletir e contestar sua própria condição.

Muitos escravizados não aceitaram essa posição de subalternização e lutaram pela liberdade, utilizando-se de várias estratégias de fugas e combate. No contexto de luta pela liberdade, alguns conseguiam escapar e se refugiaram nas matas, formando os denominados quilombos, construindo assim um verdadeiro exército de resistência à escravidão.

A palavra quilombo, de acordo com Gennari (2008, p.12):

Diz a ave balançando o corpo – é a incorporação à língua portuguesa de um termo africano que significa esconderijo. No Brasil se torna sinônimo de núcleo de escravos fugidos que procuram abrigo em locais de difícil acesso para neles construir padrões africanos de organização social.

O surgimento dos quilombos, de acordo com Kury (2019), acontece no período denominado como regime escravocrata, época em que africanos foram sequestrados de seu continente pelos colonizadores e trazidos à força ao Brasil para serem escravizados. Essa forma de repressão fez com que muitos elaborassem

formas de se tornarem livres, e a mais corriqueira eram as fugas, que quando bem-sucedidas resultavam na junção de grupos e formação de pequenas comunidades no meio de florestas – os quilombos – ou em meios urbanos.

A princípio, os quilombos foram construídos em locais escondidos de mais difíceis acessos, definidos estrategicamente para garantir a sobrevivência daqueles que conseguiam escapar do regime de escravidão. Essas experiências são reafirmadas por Silva (2022, p. 2), como destacamos a seguir:

Os quilombos, conforme mencionado, surgiram em meados do século XVI e foram resultado da resistência dos africanos escravizados. Esses escravos eram trazidos ao Brasil por meio do tráfico negreiro e usados aqui, principalmente, na produção do açúcar. A crueldade da escravidão, marcada por agressões físicas, trabalho extenuante, má alimentação etc., motivava a resistência escrava.

Conforme diz Moura (1981), Quilombo era “toda a habitação de negros fugidos que passam de cinco, em partes despovoadas, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões neles [...]”. Com essa definição, o Brasil pode ser interpretado como um lugar que teve como marca da sua formação social a existência de um conjunto de quilombos, de tamanhos diversificados, nas mais diferentes localidades. Desta forma, a compreensão do Brasil como país quilombola torna-se importantíssima para o conhecimento da nossa história social.

Por séculos, o povo negro africano e afro-brasileiro teve de camuflar os saberes trazidos pelos seus ancestrais que aqui chegaram em navios negreiros, subjugados em condições desumanas, tendo de adequar-se às crenças e cultura dos seus senhores para a preservação da vida. Contudo, ao chegarem aos quilombos ou mocambos, os ex-cativos entendiam esse lugar como território de resistência e preservação dos seus costumes e tradições, continuidade de seus descendentes, como também encontravam a força para continuar lutando pela sua liberdade e dos demais irmãos que permaneciam em situação de escravidão.

De acordo com Oliveira (2019, p.1):

O tratamento violento e as péssimas condições de sobrevivência oferecidas pela casa grande, faziam com que os negros escravos procurassem uma nova forma de viver que não fosse aquela. Para muitos não era fácil fugir, quando encontrados sofriam violência pior, mas aos que conseguiam, tentavam construir uma nova vida formando famílias e pequenas comunidades.

A vida nesse local de refúgio e recomeço era sempre conduzida por líderes

que elaboravam estratégias, visando manter a integridade dos escravizados que conseguiam escapar, como também a luta pela libertação dos demais negros que ainda eram tidos como propriedades. Para isso eram feitas negociações e enfrentamentos por meio da força, como ocorrido no Quilombo dos Palmares.

O Quilombo dos Palmares era composto por diversas aglomerações de escravos fugidos, indígenas, desertores de forças militares e de homens livres. Destacaram-se a comunidade de Macaco, a capital, Subupira, Dambraganga, Tabocas e Osenga. Entre seus líderes destacaram-se os reis Ganga Zumba e Zumbi (Pinto, 2013, p.1).

Caracterizar o Brasil como um país quilombola, que apresentou este tipo de formação social em todo o seu território, é algo necessário, já que, conforme Moura (1981) afirma, com base em estudo da toponímia do Brasil, realizado por Renato Mendonça, o quilombo não foi um fenômeno esporádico. É indiscutível a sua existência em todo território nacional, em todos os locais, tais como: vilas, povoados, cidades, entre outros. Foram comuns até mesmo em locais marcados por acidentes geográficos, muitos dos quais batizados com nomes de mocambos, assim como em áreas urbanas, conforme esclarecido por Schwarcz (2018, p. 34):

Os escravizados escondiam-se sozinhos ou em pequenos grupos nas periferias urbanas e nos pequenos núcleos suburbanos. Outros escravos procuraram fugir para locais mais distantes, formando vilas e micro sociedades de fugitivos, que ficaram conhecidos no Brasil como quilombos ou mocambos, palavras de origem africana (bantu). Desde o século XVI há notícias de fugitivos dos engenhos e da formação dessas comunidades.

Com a promulgação da Lei Áurea (Lei nº 3.353), de 13 de maio de 1888, foi *declarada* extinta a escravidão no Brasil. A partir desse ato, pessoas negras escravizadas foram libertadas, no entanto, sem nenhum auxílio para continuar a vida de forma digna no país. Muitos permaneceram nas fazendas ofertando seus serviços com remuneração precária, outros iniciaram ocupações em morros e em outros locais periféricos, sem nenhuma atenção dos poderes, sendo obrigados a existirem de forma degradável, às margens da sociedade.

O surgimento dos quilombos não se tratou de um fenômeno isolado existente apenas no Brasil; a crueldade do processo escravagista que tirou a liberdade de pessoas negras e o seu direito de viver com dignidade também ocorreu em outros países. Estudos apontam a existência de quilombos e lutas por direito à terra em

vários países latino-americanos, como destacamos a seguir, de acordo o que dizem as autoras Andrade e Bellinger (2009, local 1):

A existência de quilombos contemporâneos é uma realidade latino-americana. Tais comunidades são encontradas em países como Colômbia, Equador, Suriname, Honduras, Belize e Nicarágua. E em diversos deles – como ocorre no Brasil – o seu direito às terras tradicionais é reconhecido na legislação. Na América do Sul, três constituições reconhecem direitos de comunidades quilombolas: as da Colômbia, do Brasil e do Equador.

O direito à terra e à moradia digna continuam sendo uma luta contínua da população negra remanescente de quilombo no Brasil.

2.1 QUILOMBOS URBANOS E A CARÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Os quilombos urbanos, apesar de não terem sido uma novidade no período da escravidão, tiveram maior vigor a partir do final desse período e no pós-escravidão, quando se tornaram mais comuns na realidade brasileira. Esse fenômeno é descrito por Castro (2009, local, 3) da seguinte forma:

Nos anos que se seguiram, muitos quilombos abolicionistas pipocaram país afora. E, a presença crescente desses quilombolas nas paisagens urbanas somada à intensificação dos movimentos de libertação, à facilidade cada vez maior para os deslocamentos dos negros e à diminuição das perseguições resultaram no fim, de fato, da escravidão no Brasil. Quando, em 13 de maio de 1888, a princesa Isabel assinou a famosa Lei Áurea, a liberdade já fazia parte da vida da população negra. A lei só oficializou uma realidade conquistada a duras penas. O Brasil foi o último país do Ocidente a acabar com o regime servil.

A ocupação dos espaços urbanos após o encerramento do período escravocrata permitiu aos libertos o direito de viver sem o medo de serem capturados e mantidos em cárcere. Conforme Castro (2009, local 1), “Nos arredores das grandes cidades, escravos fugitivos plantaram comunidades clandestinas que sobreviviam do intercâmbio com os negros libertos. Os redutos se tornaram focos de resistência na luta abolicionista”.

Segundo o que está descrito nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (Brasil, 2012, p. 430):

Diferentemente dos quilombos de resistência à escravatura ou de rompimento com o regime dominante, como o de Palmares, que se situavam em locais distantes das sedes de províncias, com visão estratégica para se proteger das invasões dos adeptos da Coroa, existiram os chamados

“quilombos urbanos”, que se localizavam bem próximos das cidades, com casas de pau a pique, construídas com barro e pequenos troncos de árvores. Plantadas em clareiras na mata, as casas eram rodeadas pela criação de cabras, galinhas, porcos e animais de estimação.

A proximidade com os centros habitacionais permitia a circulação dos fugitivos com mais facilidade, pelo grande fluxo comercial realizado por negros libertos e pelos cativos, como é o caso do escravo de ganho, que tinha permissão de sair para gerar renda aos seus senhores, e essa movimentação permitia o fortalecimento das articulações em prol da libertação dos escravizados, assim como possibilitava a ida e vinda de forma mais segura àqueles que viviam livres, porém sem a legalidade da liberdade.

Castro (2009, local. 1) ainda afirma que:

Nas metrópoles emergentes no final do século 19, como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, já era quase impossível diferenciar quem era escravo, ex-escravo ou fugitivo. A portuária Santos, por exemplo, contava com cerca de 10 mil negros fugitivos que conviviam com uma população oficial de 13 mil pessoas. A presença de tantos fujões nas cidades produziu o fenômeno menos conhecido da história da escravidão no Brasil: os quilombos urbanos. Ao contrário dos chamados quilombos de rompimento, como o de Palmares, que se caracterizavam por se assentarem em locais distantes, com o objetivo de evitar caçadores de recompensa e, ao mesmo tempo, romper com o modelo de civilização europeia, tentando recriar o mundo africano, os quilombos urbanos pareciam pequenos povoados. Localizados bem próximos das cidades [...].

Os quilombos ligados aos perímetros urbanos geralmente desenvolvem formações comunitárias e construções de moradias com formatos simples, com pouco ou nenhum investimento financeiro, e estão localizados nos subúrbios. Esse perfil determina uma linha imaginária, porém com grande potência classificatória e excludente, que tem o poder de distinguir os que são considerados a elite, posicionados no topo da pirâmide social, com garantia dos direitos fundamentais e acesso livre ao desenvolvimento econômico, e os que lutam diariamente para serem inseridos nas políticas públicas que garantem a sobrevivência com dignidade.

De acordo com Moura (1981, p. 15):

A nossa estrutura social ainda é travada em seu dinamismo em diversos níveis pelo grau de influência que as antigas relações escravistas exerceram no contexto. Relações de trabalho e propriedade, familiares e sexuais, artísticas, políticas e culturais estão impregnadas ainda das reminiscências desse passado escravista. Quer no nível da dominação, quer no de subordinação, esse relacionamento guarda funda ligação com o estrangulamento que existia durante o escravismo.

Nesse contexto, compreendemos que a sociedade se assegura e continua reproduzindo ações com bases nos resquícios de um sistema que no passado transformou pessoas em mercadorias negociáveis. No entanto, alimentam um esquecimento sobre os males causados às vidas do povo negro africano e afro-brasileiro, fomentam a desvalorização identitária, os feitos e as grandes contribuições no que diz respeito ao desenvolvimento e à formação social do país.

Segundo Santos (2017, p. 2):

Os povos quilombolas constituem um importante segmento que até hoje ainda luta pelo seu lugar de direito na sociedade. Sua questão envolve o paradoxo do reconhecimento de sua identidade e especificidades; do reconhecimento, titulação e posse de suas terras; da preservação e valorização de sua cultura, e, ainda, da luta contra o racismo e a discriminação racial, entre outros. Tudo isso evidencia a importância de definir políticas públicas que sejam capazes de viabilizar o processo de promoção da equidade social e igualdade de direitos a esse setor e ao segmento negro, visto que ainda subsiste um imensurável débito herdado do processo histórico e social que envolve a formação do país, e cujas influências até hoje são determinantes das suas condições existenciais.

Os quilombos urbanos, mesmo sendo partes reconhecidas da cidade, ainda sofrem discriminações, pois a eles são direcionadas visões distorcidas. As políticas voltadas a esses bairros e comunidades geralmente são de caráter repressivo e punitivo, reproduzindo ações de um passado claramente presente no cotidiano da população remanescente de quilombo. De acordo com Belo (2023, p.16), o preconceito ao qual as populações negras e pobres estão submetidas aos olhos da sociedade acaba por definir os espaços que ocupam como sendo locais violentos, marginalizados ou desorganizados.

Souza (2018, Local. 1) reporta-se ao contexto de formação dos quilombos urbanos em São Luís (MA):

Os bairros resultantes dessas ocupações ou por elas adensados, a despeito de terem se tornado espaços urbanos consolidados em consequência da resistência e intensa luta de suas populações por equipamentos públicos e reconhecimento de sus direitos, continuam a figurar entre os mais carentes da zona urbana a exemplo da Região da Liberdade, Polo do Coroadino, Bairro de Fátima, Anjo da Guarda, Vila Palmeira/Santa Cruz dentre outros. Esses bairros guardam características que os relacionam culturalmente às CRQs de origem, mesmo décadas depois é possível identificar colônias completas de pessoas oriundas de territórios quilombolas da Baixada, Litoral Ocidental e outras regiões de forte presença negra.

Reconhecer a existência das organizações quilombolas faz parte de batalhas

constantes travadas pela sociedade civil. Mesmo com tantas evidências materiais, históricas e culturais, ainda são necessários processos longos para conquistar a certificação e titulação de um território de origens tradicionais, como destacamos a seguir o Bairro da Liberdade, hoje Território da Liberdade.

Figura1: Vista parcial do quilombo Urbano da Liberdade



Fonte: <https://g7ma.com/bairroda-liberdade-agora-e-quilombo-urbano/>

Localizada na Capital São Luís, a Liberdade foi o primeiro quilombo urbano reconhecido e certificado no Maranhão, pela Fundação Cultural Palmares. Essa decisão foi publicada no *Diário Oficial*, no dia 13 de novembro de 2019, como afirmado por Costa (2022, p. 8):

A partir de 2018, o Bairro da Liberdade foi considerado território quilombola urbano, através de um decreto municipal, e em 2019, através da Fundação Palmares, em 13 de novembro de 2019, foi registrada sua certificação federal, constando no Livro de Cadastro Geral nº 020, sob o nº 2.78. Dessa forma a Região da Liberdade, se tornou o primeiro Quilombo urbano de São Luís, esta certificação dada pela Fundação Palmares, que era ligada ao extinto Ministério da Cultura, que garante, entre vários benefícios, assistência de programas sociais voltados para a população preta dessa localidade.

Com uma rica expressão histórica e cultural, o Bairro da Liberdade teve início no século XX. Segundo Kury (2019, p. 2), sua formação ocorreu:

Com a ocupação da região do Matadouro por pessoas vindas dos quilombos rurais da Baixada Maranhense. Nos anos 70, quando o latifúndio se intensificou no interior do Maranhão, uma grande massa de pessoas se deslocou, densificando ainda mais a região – além das margens dos rios Anil, Bicas e Bacanga e no Anjo da Guarda.

Mesmo com uma localização privilegiada próximo ao centro histórico e comercial da capital do Maranhão, o quilombo da Liberdade ainda carece de fortes

investimentos no que diz respeito à aplicação de políticas públicas e ações governamentais que ofereçam qualidade de vida e bem-estar para a população residente. Essa afirmativa é reforçada por Costa (2022, p. 7), ao destacar que:

Podemos observar também que apesar de muito perto do Centro de São Luís, o quilombo urbano da Liberdade, e seus moradores passam por diversas situações de pobreza, miséria, falta de infraestrutura com relação a saneamento básico, segurança, violência, entre outras coisas, mas a comunidade e seus líderes não deixaram nada disso abater suas lutas e conquistas.

A vida nos territórios tradicionais, em especial os remanescentes de quilombos, enfrentam corriqueiramente dificuldades que conduzem essa população a continuar vivendo de forma precária como aconteceu com seus ancestrais no período da escravidão. As restrições a direitos básicos garantidos por lei, a ausência do estado nesses espaços afasta a efetivação de políticas afirmativas, que resulta na desvalorização da identidade negra, a partir da distorção e associação pejorativa dessas comunidades e seus residentes.

Souza (2018) descreve com clareza alguns dos motivos da permanência da população negra remanescente das Comunidades Rurais Quilombolas (CRQs), nas regiões periféricas de São Luís, e apresenta algumas das dificuldades e enfrentamentos vividos no cotidiano, como destacamos a seguir:

Após a frustração por não encontrar o prometido emprego e impedido de retornar às CRQs, então já ocupadas pelo latifúndio, longe das raízes e sujeitas a toda sorte de desestruturas culturais, religiosas e familiares restou a essas populações ocuparem as áreas socialmente periféricas e insalubres dos manguezais da ilha, buscando principalmente áreas que fossem relativamente próximas de equipamentos públicos e espaços habitacionais que lhes permitissem complementar o sustento retirados dos mangues com a comercialização de produtos oriundos da coleta, em especial frutos do mar, e a prestação de serviços (Souza, 2018, Local 1).

Com tantos desafios a serem enfrentados para garantir a sobrevivência e qualidade de vida, Costa (2022) destaca a fundamental importância do papel exercido pelas lideranças comunitárias para a sustentação e avanços dos territórios dos remanescentes de quilombo, pois são eles os elementos cruciais de referência na organização, enfrentamento e resolução de conflitos. São os principais responsáveis por exercerem a liderança na luta pelos direitos coletivos e individuais da sua comunidade.

2.2 TERRITÓRIOS TRADICIONAIS: LUGARES DE SABERES, RESISTÊNCIA E MEMÓRIA CULTURAL DE UM POVO

A história do povo negro africano e afro-brasileiro está repleta de movimentos que para muitos são considerados inexplicáveis, e visto até mesmo como práticas demoníacas, como os cultos religiosos e até mesmo as expressões culturais. Ações essas advindas dos saberes trazidos pelos ancestrais e repassadas às gerações seguintes.

De acordo com Pinheiro (2018, p.13):

Embora o sequestro e a escravização tenham privado as pessoas de todos os seus bens materiais e principalmente da possibilidade de decidir sobre os seus destinos, elas carregavam e disseminavam um imenso cabedal de saberes. Os conhecimentos conjugados com a enorme capacidade de resistência aos processos violentos conduzidos nesse movimento diaspórico foram determinantes para que houvesse uma difusão de suas energias sagradas o que ocasionou a manutenção e a transformação em legado das tradições vindas do continente africano.

A vida nos quilombos permitia a seus residentes o direito a viver suas crenças e costumes livremente dentro do território, permitindo que os conhecimentos advindos de África tivessem continuidade, mesmo que permanecessem sendo vistos e tratados a partir do julgamento construído por uma visão preconceituosa constituída pela sociedade eurocentrista.

A conquista do direito à liberdade no Brasil não proporcionou aos negros alforriados direito à saúde, educação e moradia. O que ocorreu foi um processo de extermínio dessa população, conjugado à sua manutenção à margem da sociedade. Tais populações tiveram, como rota de fuga para garantir a sobrevivência, os saberes constituídos pelos ensinamentos dos seus ancestrais, reproduzidos no cotidiano dos territórios quilombolas, entre eles o cultivo de alimentos e o uso de plantas no tratamento de enfermidades, como destacado por Faiad (2020, Local 3):

No Brasil escravocrata, que compreendeu o Brasil Colônia e Império, a carne mais barata do mercado era a carne negra. Como não havia preocupação com a saúde dessa parcela da população brasileira, os conhecimentos africanos sobre plantas e folhas foram usados para o combate de suas doenças e males. Posteriormente, esse saber foi incorporado ao cotidiano dos brasileiros por meio dos remédios caseiros na forma de chás.

2.2.1 A FÉ NAS BENZEDEIRAS

A tradição religiosa representada na benzeção, no manuseio de plantas de uso medicinal e as rezas, propiciou à população dos territórios a possibilidade de cuidar dos seus males do corpo, assim como o fortalecimento da parte espiritual. Os conhecimentos populares vividos nas comunidades negras apresentam-se como forma de resistência, tratamento de saúde e proteção à vida.

Siqueira (2021, p. 121) afirma que:

As benzedeadas são pessoas que têm uma enorme ligação com a natureza e uma sensibilidade energética bastante grande. São pessoas com consistente fé no transcendental. Elas atuam num espaço de resistência e de representação em que podem ser consideradas como as curadoras de enfermidades físicas e espirituais. Seus gestos, objetos e rezas simbolizam toda sua magia para promover a melhora daqueles que as procuram.

Segundo Silva (2022), os saberes tradicionais e populares das benzedeadas (Cf. Figura 1) se constituem como uma das formas de cuidado à saúde do povo negro remanescente de quilombo, reconhecidos ainda nos dias de hoje. São saberes centrados na religião de matriz africana, que são usados por gerações para curar os males do corpo e são repassados como heranças ancestrais significativas.

Conforme Siqueira (2021, p. 120):

Quando se fala em benzedeadas, refere-se à cultura popular, se está entrando em uma seara de muito simbolismo e religiosidade. As benzedeadas são atores sociais muito importantes em nossa sociedade contemporânea, como já foram no passado. A presença de saberes populares, saberes não oficiais ou aqueles desconsiderados pelas elites, datam desde antes da criação do cristianismo...

Os saberes populares representados na figura das benzedeadas, transcrevem a confiança e fé de um povo que acredita na religiosidade cultuada pelos seus ancestrais, e que reafirma essa crença ainda no cotidiano, com a busca de tratamento realizado com benzimentos e ervas, que por séculos foram a única fonte de cura de doenças nos territórios tradicionais.

Muitas dessas plantas medicinais utilizadas no processo de tratamento de saúde ainda conseguimos encontrar com facilidade nas comunidades, entre elas fizemos os seguintes destaques apresentados nas figuras abaixo:

Na figura 1, trazemos a Alfavaca, utilizada em banhos para a proteção do corpo, na culinária como condimento e sua semente, quando madura, já na cor escura, era usada para localizar cisco no olho. Trazemos na figura 2 a erva mastruz,

considerada um poderoso cicatrizante. A figura 3, apresentamos a vassourinha, ramo utilizado no processo de benzimento; conforme a intensidade do mal presente no corpo, o galho permanece vivo ou totalmente murcho. E na figura 4, o pião-roxo, utilizado em banho para afastar energia negativa e descarrego, também usado para combater dores de cabeça quando colocadas na frente, untada com manteiga e, principalmente, o uso de seus galhos nos benzimentos; a gravidade do problema também é apresentado no murchar das folhas.

Figura 2 - Alfavaca

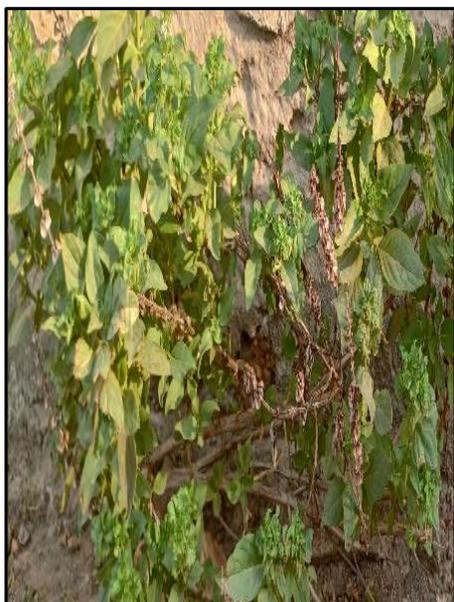


Figura 3 - Mastruz



Figura 4 - Vassourinha

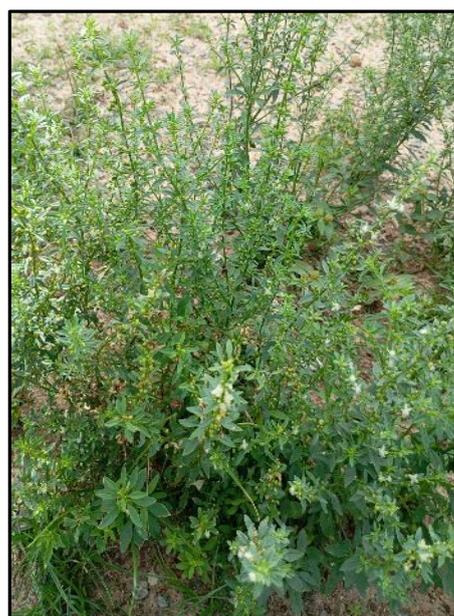


Figura 5 – Pião roxo



Fotos: Veras, Thyago Ferreira, 2024.

Silva (2022, p. 21) afirma que:

As pessoas que residem na comunidade acreditam nos saberes da benzeção, sendo que a crença se dá por meio dos resultados que acontecem em suas vidas, nas relações de fé profunda e os próprios conhecimentos que as benzedadeiras possuem de ervas medicinais naturais. Assim sendo, o reconhecimento de práticas culturais comunitárias diz respeito à necessidade de valorizar os saberes produzidos pela população afro-brasileira e indígena.

As ações históricas ancestrais praticadas nos territórios quilombolas, a exemplo da intervenção mística dos tratamentos de saúde das benzedadeiras, e outras manifestações religiosas, são formas de sustento e manutenção da tradição e cultura dos negros, tendo caráter importantíssimo para a conservação da memória coletiva desse povo.

Vejamos, a seguir, Dona Brasilina, benzedeira há cerca de 67 anos.

Figura 6 – Brasilina da Silva, benzedeira residente em Matões do Norte – MA



Fonte: Silva, Thiago Mesquita, jun. 2024.

2.2.2 GRIÔS E A TRADIÇÃO ORAL

De acordo com Treccani (2006, p. 1):

Durante séculos as comunidades remanescentes de quilombo permaneceram cercadas da “invisibilidade”, à qual tinham sido relegadas pela historiografia oficial. Se no passado esta invisibilidade era uma forma de proteção contra as ameaças externas, hoje milhares de comunidades negras

não só desejam sair do antigo isolamento, como querem o reconhecimento de seus direitos territoriais e de seus valores culturais (grifo do autor).

A história das comunidades pouco registradas no conjunto da história oficial do Brasil dificultou o acesso aos conhecimentos das gerações posteriores sobre a vida e luta do povo negro. No entanto, dentro das comunidades tradicionais, sempre existiu o respeito aos mais velhos, e com a autoridade a eles constituídas, assumiam a função de griôs, mantendo viva a memória dos ancestrais e seus ensinamentos.

Como diz Nunes (2018, p.1):

O griô se baseia na tradição oral para a transmissão de vivências e saberes culturais de uma comunidade. O mestre griô é reconhecido por, coletivamente, transmitir ensinamentos de geração em geração, com uma identidade própria de um povo, e inclusive com uma potência expressiva pedagógica em tais ensinamentos; quando dizem que você é um griô, significa que você se comprometeu a guardar as histórias, a guardar uma genealogia, e viver como um registro vivo, com instrumentos, elementos e rituais de iniciação. É como um historiador que trabalha com o canto e a memória.

Dessa forma, compreendemos a oralidade como ferramenta de resistência e manutenção da memória coletiva do povo africano e afro-brasileiro, pois corrobora a construção dos conhecimentos a partir da contação da história, costumes e tradições dos negros, às gerações seguintes. Segundo Campos (2020, p. 102):

No Brasil, devido ao processo escravista que apartou africanos(as) e afrodescendentes de sua história de vida, a oralidade passa a ser elemento de resignificação de sua existência na diáspora. A concepção de vida, tradição e sobrevivência não são mais as mesmas que em seu continente de origem.

Os ensinamentos repassados nos quilombos sobre a história do povo negro, pelos griôs, potencializaram por muitas gerações os saberes, possibilitaram às crianças o entendimento, a resistência, os costumes e percepção de suas origens. No entanto, com o passar do tempo e acesso à vida escolar, a ausência de temáticas étnico-raciais, de certa forma gerou um distanciamento dos estudantes sobre a realidade das comunidades tradicionais e o sentimento de valorização e pertencimento.

Assim, torna-se necessário coibir as ações que geram o afastamento da população negra residente em territórios tradicionais de suas raízes originárias, como as ocasionadas pelo desconhecimento da história dos ancestrais, suas contribuições

na formação da sociedade brasileira, a não vivência dos costumes e tradições. Essas abrem espaços oportunos para o negacionismo e o sentimento de não pertencimento.

O autorreconhecimento afrodescendente, de acordo com Régis (2017, p. 26):

Trata-se do princípio que destaca a postura autoafirmativa do sujeito, a importância da raiz africana na constituição da pessoa, a apropriação dos valores mais fortes das culturas de matriz africana, notadamente os da ancestralidade, pois fazemos parte da linhagem que envolvem os antepassados e os mortos. Implica em valorizar a história das pessoas e do local de referência, com ênfase nos mais velhos e o aprendizado dos seus ensinamentos, pois a ancestralidade está corporificada por meio dos mais velhos e também nos espíritos já desencarnados e suas simbologias em matérias de mundo vegetal, animal e mineral.

Régis (2017) destaca também a importância da tradição oral reafirmando seu papel para a valorização do conhecimento que é produzido e repassado por meio da oralidade. Aponta também que ela pode acontecer por meio de todas as formas de fala e vibração dos seres da natureza, como as linguagens de literatura oral, as expressões corporais e os instrumentos que prolongam a sua vibração, como os toques dos tambores.

Apresentar os feitos dos africanos e afro-brasileiros que impulsionaram o desenvolvimento do país, suas lutas pela garantia de direitos, as personalidades negras de destaque, certamente fará com que os discentes se reconheçam e fortaleçam suas identidades, seguindo-as como referência ao perceberem a importância de seus legados e os papéis fundamentais exercidos na sociedade, e que, por alguns fatores, a história do Brasil não escolheu contar.

Assim, compreendemos cada vez mais a necessidade de se trabalhar nos territórios tradicionais um currículo direcionado à realidade e costumes de sua população, com ações que fortaleçam e valorizem o passado, e reafirmem sua importância no presente, para que o futuro seja composto de pessoas firmes que se autorreconheçam enquanto cidadãos de direitos.

2.3 QUILOMBOS NO MARANHÃO E OS DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE

As lutas travadas atualmente pelas comunidades negras remanescentes de quilombos ainda seguem o roteiro constituído após a abolição da escravidão, que é a garantia de viver livre com condições de moradia e sustentabilidade.

De acordo com Oliveira (2017, p. 1):

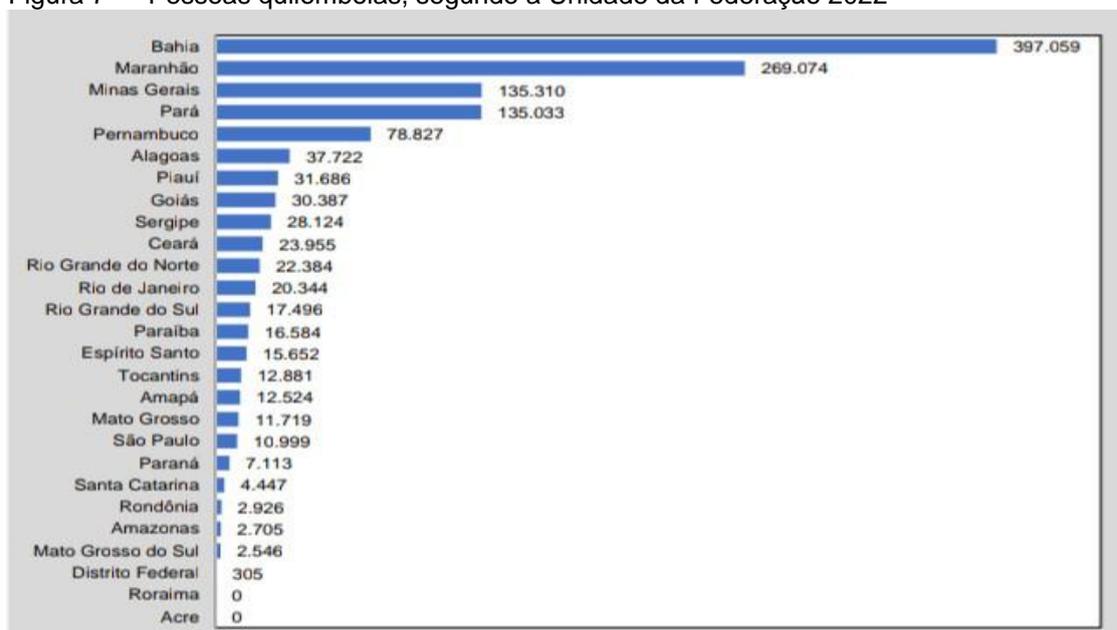
Ser quilombola não é coisa do passado. Uma das questões mais atuais da resistência dessas comunidades é a luta pelo território. No Brasil, o número de quilombos titulados é baixo. Quilombolas enfrentam ameaças do agronegócio, da especulação imobiliária e do próprio poder público.

Durante o período escravista houve no Maranhão grande fluxo de importação de mão de obra escravizada, e esse processo contribuiu para que este estado se tornasse um dos que apresentam a maior diversidade sociocultural do país, com predominância afrodescendente, como destaca Francisco (2023, Local 1):

A população do Maranhão é uma das mais miscigenadas do Brasil, de acordo com o IBGE, 68% dos habitantes são pardos, resultado da mistura de diferentes composições étnicas. A maioria da população estadual é composta por afrodescendentes, consequência do intenso fluxo de tráfico negreiro entre os séculos XVIII e XIX.

Com a intensa negociação de escravizados e a migração forçada de negros africanos, o Maranhão tornou-se um dos estados brasileiros onde a maioria da população é declarada negra. De acordo com o resultado do Censo Demográfico, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o Estado do Maranhão, atualmente ocupa o 2º lugar, em números de pessoas que se autodeclararam remanescentes de quilombo, como apresentado a seguir na Figura 5:

Figura 7 — Pessoas quilombolas, segundo a Unidade da Federação 2022



Fonte: IBGE, 2022.

Fróes (2023, local, 1), tendo como base informações disponíveis pelo IBGE 2022, destaca que:

O Maranhão tem a segunda maior população quilombola do Brasil, segundo dados do Censo do IBGE o estado possui 269.074 mil pessoas que se autodeclararam quilombolas e vivem em 32 municípios maranhenses. O estado fica atrás somente da Bahia que conta com uma população de 397.059 quilombolas. O Nordeste é a região brasileira que mais conta com o maior percentual e números absolutos de moradores que autodeclararam quilombolas. Ao todo, 905.415 pessoas vivem na região. A maior parte da população que se autodeclara quilombola no Maranhão está concentrada fora de territórios quilombolas titulados. De acordo com o IBGE, 260.029 pessoas, o que em percentual representa 96,64% da população, vive nessas regiões.

No entanto, a sobrevivência da população oriunda dos quilombos existentes nos territórios maranhenses, em boa parte, ainda precisa manter-se em constante vigilância, salvaguardando a vida e os bens adquiridos ao longo do tempo, inclusive o local onde residem. Com base no que diz Sodré (2023), por estarem bem localizados e conter em seu perímetro matas preservadas, grande concentração de alimentos e produtos que garantem a subsistência de seus moradores, os territórios quilombolas sempre despertaram o interesse das autoridades, grileiros, fazendeiros e latifundiários, que buscam constantemente formas para tomar posse dessas propriedades.

Por esses e outros motivos, os quilombos sofreram e ainda continuam sofrendo ataques, dizimação de seus líderes e destruição de seus territórios. Com o intuito de atender aos interesses dos governantes ou dos senhores de posses, muitos desses lugares foram invadidos, saqueados e ocupados, como destacamos o exemplo do Quilombo Limoeiro, tomado no século XIX, e os quilombos do município de Alcântara, que sofreram uma desocupação no século XX. Territórios prósperos que conseguiram organizar o modo de vida, desenvolvendo as atividades sustentáveis para garantir a subsistência e a valorização da sua cultura e religiosidade.

Maranhão (1992) descreve, com base em documentos encontrados no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM) e registrados no livro “A Invasão do Quilombo Limoeiro”, que este foi o mais antigo reduto quilombola de que se tem informação no Maranhão, destacado pelo seu desenvolvimento e sua grande concentração populacional.

Segundo Maranhão (1992, p. 5):

Densamente povoado, o Limoeiro, ao ser invadido e saqueado pelas expedições que ali chegaram em janeiro e março, teve a sua população dispersa pelas matas de Maracassumé, Paraná e adjacências. Uma pequena parcela incluindo o chefe do quilombo foi capturado pelas tropas do governo.

O Quilombo do Limoeiro sofreu dois grandes ataques no ano de 1878, em que muitos conseguiram se refugiar nas matas, outros perderam a vida ou foram capturados pelos que faziam parte da expedição do governo (Maranhão, 1992).

As crueldades do processo de dizimação dos quilombos ficaram descritas em diversos documentos resgatados e hoje de acesso público, dos quais destacamos parte da cópia de um ofício do Presidente da Província do Maranhão, Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, em que ficam nítidas as intenções sobre o futuro dos territórios ocupados pelas comunidades tradicionais:

Gabinete da Presidência do Maranhão, 31 de março de 1877- Chamando sua atenção para os mocambos existentes no lugar – Montes Auros – recomendo-lhe que envide todos os esforços para batê-los e destruí-los sendo para este fim preferidos os meios suasórios, devendo Vossa Mercê propor à administração as medidas que julgar necessárias para levar o efeito semelhante empresa, se por recursos, nada puder conseguir. Sendo incumbido a Colônia sob sua direção a destruição dos mocambos, espero que Vossa Mercê prestará esse serviço à Província – Deus Guarde a Vossa Mercê – Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides. Sr. Diretor da Colônia Militar do Gurupi (Maranhão, 1992, p.13).

Os membros da expedição do governo dedicaram todos os esforços para o cumprimento das recomendações da presidência, trazendo destruição e muito sofrimento à população residente no quilombo Limoeiro. No entanto, como é característico do povo negro, a história e continuidade desse território deu-se pela ação dos sobreviventes que conseguiram se refugiar nas matas, assim como no exemplo dos que foram mortos, e os que foram capturados.

No que diz respeito às comunidades quilombolas do município de Alcântara, Barros (2019) afirma que o projeto de implantação do Centro de Lançamento de foguetes em Alcântara, no início da década de 1980, foi executado sem discussão com os ocupantes do território. Esse processo ocorreu de modo autoritário e pouco divulgado, principalmente no que se refere à fase de destinação do espaço que provocou a retirada de aproximadamente 300 famílias de seus quilombos, as quais residiam no território há quase três séculos.

Segundo Barros (2019, p. 6):

Porém, o que se pode observar desde o início da implantação da base é que não se tem mínima preocupação no que tange os direitos das comunidades remanescentes de quilombo que vivem no município de Alcântara. Em 1980, de acordo com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (2007) no fascículo Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara, o decreto estadual n.º 7.320 de setembro de 1980 desapropriou 52.000 hectares do

município de Alcântara para implantação do dito C.L.A. e instituiu ameaças de expulsão das terras a totalidade das famílias que residiam e trabalhavam nestas terras há muitas gerações.

Em estudo apresentado no Mapa de Conflitos Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil (2019, local,1), de acordo com a Nova Cartografia Social da Amazônia:

O programa aeroespacial brasileiro foi iniciado na década de 1980 e a escolha de Alcântara como local para a construção do Centro de Lançamento veio acompanhada de desapropriações e expulsões dos quilombolas que ocupavam a região, além de sua remoção para agrovilas construídas pela Aeronáutica, que não contavam sequer com saneamento básico. Famílias e laços de amizade não foram respeitados na definição dos novos locais de assentamento, separando as pessoas e rompendo suas relações e tradições. A perda do espaço tradicional também gerou violações ao direito de manutenção à cultura quilombola, insegurança alimentar, proibição de livre circulação no território, falta de acesso às políticas públicas de educação, saúde, saneamento básico e transporte.

A realocação dessa população usurpou-lhes o direito de preservar as memórias constituídas de geração para geração representadas em cada canto das comunidades tradicionais, como nos seus locais de cultos e na natureza preservada. Com a perda do território tradicional e dos espaços tradicionais de produções para a garantia do sustento, são relegados a recomeçarem suas histórias a partir da decisão dos governantes, sem nenhuma preocupação sobre as perdas materiais e imateriais.

Conforme o que diz Romão (2011, p. 14):

As pessoas alojadas nas novas agrovilas estão impedidas de expandir seus terrenos sem antes solicitar autorização para a base, pois há regras estabelecidas pelos militares para utilização do espaço. Fica proibida também a criação extensiva de pequenos animais.

Mesmo tendo a vida limitada a partir das imposições do governo, os remanescentes de quilombos do município de Alcântara no Maranhão, não colocaram distanciamento nos sonhos que antes foram semeados e cultivados pelos seus ancestrais em seus territórios sagrados. As exigências para a permanência nas agrovilas dificultaram o desenvolvimento social e econômico de seus residentes e os obrigaram a recomeçar sem nenhum planejamento e aplicabilidade de políticas públicas, assim como a efetivação dos direitos fundamentais.

Percebemos, dessa forma, que os interesses financeiros sempre são colocados à frente, principalmente se os impactados com as ações afetem um público que sempre teve direitos usurpados, entre eles o direito à vida.

Retirar os negros remanescentes de quilombo de onde fincaram suas raízes,

removendo-os do seu solo sagrado, não significa que retiraram também suas forças, e essa afirmativa foi constatada com o resultado apresentado pelo IBGE (2022, p. 79), onde o maior índice de autodeclaração de remanescentes de quilombo do estado do Maranhão está localizado no município de Alcântara, como destacamos a seguir:

Analisando a proporção de pessoas quilombolas segundo os Municípios, Alcântara/MA é o município que se destaca com 84,57% de sua população quilombola. Os municípios de Berilo/MG, Cavalcante/GO, Serrano do Maranhão/MA e Bonito/BA têm mais de 50% de sua população declarada quilombola.

A autodeclaração é um forte sinal de que a identidade negra quilombola permanece viva e que os ensinamentos advindos dos seus ancestrais, que de alguma forma estão sendo repassados e permanecem presentes, sejam na memória coletiva, expressão cultural, religiosidade, ou apenas pelo fato de reconhecer as suas origens. Dessa forma, compreendemos também que a autoaceitação e a permanência nos quilombos, requer coragem e persistência, pois ainda é necessário enfrentar grileiros, fazendeiros, entre outros, para conquistar o direito de poder viver de forma literal em seus territórios.

As DCNs (2010) apresentam uma leitura sobre a importância do direito ao acesso e uso da terra, como destacamos a seguir:

A terra, para os quilombolas, tem valor diferente daquele dado pelos grandes proprietários. Ela representa o sustento e é, ao mesmo tempo, um resgate da memória dos antepassados, onde realizam tradições, criam e recriam valores, lutam para garantir o direito de ser diferente sem ser desigual. Portanto, a terra não é percebida apenas como objeto em si mesmo, de trabalho e de propriedade individual, uma vez que está relacionada com a dignidade, a ancestralidade e a uma dimensão coletiva (Brasil, 2012, p. 437).

Comparando a estratégia de dizimação do quilombo Limoeiro à relocação do território de Alcântara, elas se distinguem pela força física aplicada. No primeiro caso, a ordem era destruir e se apossar dos bens existentes na localidade; no segundo, a decisão foi remover a população de seus lares, ignorando as memórias e bens constituídos nesses espaços.

Contudo, o resultado foi alcançado com sucesso, pois os invasores conquistaram a posse do território, destruindo os vestígios de quem por lá construiu sua história. Assim, mais uma vez, a força da sociedade branca elitista, que tem os pensamentos e ações ainda regados pelo passado escravocrata, assumiram o papel de capitão do mato, com decisões concisas sobre a vida da população negra residente

nos territórios remanescentes de quilombos.

Com esses exemplos trazemos à tona o quanto a violência contra a população negra foi e continua sendo tão evidente, muda o *modus operandi*, mas o foco continua o mesmo, o subjugo dos quilombolas e a dissolução dos direitos garantidos por lei. Com tantas ações com imposição da força, a violência no campo tornou-se destaque nos telejornais e outros meios de comunicação nos últimos anos, e os quilombos foram impactados diretamente com essa onda de vandalismos e destruição, que algumas vezes culminam em vítimas fatais. De acordo com as afirmativas de Ramos (2022, p. 1):

Recordista de assassinatos no campo – foram nove em 2021 –, conforme relatório da Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Maranhão novamente desponta como principal foco dos crimes contra quilombolas. Em trinta anos, a FETAEMA registrou mais de 140 homicídios e uma taxa de resolução baixíssima, de 5%, como o De Olho nos Ruralistas noticiou: “Assassinatos, incêndios e envenenamento marcam conflitos no campo no Maranhão” (grifo do autor).

Seguindo esse ponto, entendemos que existe um grande distanciamento das políticas agrárias voltadas à população dos territórios remanescentes de quilombos, a morosidade no que diz respeito ao reconhecimento, certificação e o direito a posse representado pelo documento de titulação da terra. O excesso de burocracia abre espaço a invasores e falsos proprietários, que, para ter acesso à terra, realizam invasões semelhantes às organizadas pelas expedições do governo no século XIX.

Segundo Ramos (2022, p. 3-4, grifo do autor):

Movimentos e organizações sociais do Maranhão, integrantes da Campanha Contra a Violência no Campo, divulgaram em 23 de novembro uma nota pública denunciando os ataques sofridos. “A situação de violência e perigo em que se encontram os moradores do Território Quilombola Boa Hora III e Marmorana é por demais grave”, escreveram. No documento, eles pedem que os governos adotem medidas para proteger “a vida, a saúde e a integridade pessoal” de todas as famílias, cobram a conclusão do processo de titulação, o início de uma investigação ampla dos crimes cometidos, a doação de cestas básicas para as famílias que perderam tudo em razão do incêndio e a reconstrução das casas incendiadas.

Ramos (2022) descreve o esforço dos movimentos sociais organizados para garantir a segurança das comunidades tradicionais e proteção a seus territórios, assim como apresenta, de forma clara, o quão vulnerável é viver nas terras quilombolas, aguardando o processo de legalização expedido pelos órgãos federal e estadual, INCRA e ITERMA. Enquanto isso, comunidades são invadidas e pessoas perdem a

vida tentando proteger seus bens e o local onde residem, conforme os vários casos ocorridos no Maranhão apresentados a seguir:

Os casos em Alto Alegre do Maranhão não são isolados. A FETAEMA acompanha mais de 200 conflitos agrários no estado. “E a todo momento a gente recebe denúncias”, diz o secretário de políticas agrárias. “O maior número de assassinatos foi de quilombolas — só neste ano, já foram três”, completa. “Percebe-se que eles são os mais lesados nesse contexto”. Em 17 de novembro, moradores da localidade Mimoso, em Caxias, denunciaram ações frequentes e intensas de desmatamento ilegal de córrego na área de conflito. De acordo com eles, vários homens estariam se deslocando para o território, ocupado por posseiros, a fim de garantir a empreitada criminosa dos fazendeiros. O mesmo aconteceu no Quilombo Onça, em Santa Inês, no dia 31 de outubro, e em Pindoal de Fama, em Turilândia, em 24 de novembro, quando um homem aproveitou o jogo da seleção brasileira contra a Sérvia, pela Copa do Mundo, para incendiar mais de 300 hectares (Ramos, 2022, p. 4, grifo do autor).

As ações criminosas culminam em grandes tragédias e com poucos responsabilizados pelas destruições e massacres realizados nos territórios rurais pertencentes aos quilombos. Com a impunidade sempre crescente, tornam-se corriqueiras notícias de ataques constantes a essa população, em que até mesmo o parecer da justiça favorece, em boa parte dos casos, aos que dispõem de poder aquisitivo financeiro, como publicado pela Comissão Pastoral da Terra no Maranhão (CPT) em 14 de fevereiro de 2022:

O Regional Nordeste V da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Comissão Pastoral da Terra no Maranhão, a Comissão Episcopal Pastoral da Ação Transformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a Articulação das Pastorais Sociais-REPAM do Regional NE5 e a diocese de Balsas, nas pessoas de seus bispos responsáveis, emitiram carta na última sexta-feira, 11 de fevereiro, endereçadas à Corte Judicial Maranhense devido à decisão do pleno que resultará em despejo de famílias na Comunidade Bom Acerto, em Balsas (MA) (CPT, 2022, p. 1).

Os apelos da sociedade civil organizada são as vozes que ainda ecoam em prol da defesa dos territórios tradicionais, pois as ações do poder público e judiciário permeiam constantemente por conta da mudança das estruturas governamentais, e a intensificação dos combates dependem diretamente de quem está à frente das decisões quando acontecem. Dessa forma, continuamos à mercê das autoridades conforme o seu ponto de vista da situação.

O Documento das DCNs (2012) descreve, por meio de um texto sucinto, a realidade vivenciada nas comunidades tradicionais do país, com as seguintes afirmações:

A territorialização e a desterritorialização ora se ligam com a exclusão, ora com a liberdade sonhada e buscada pelas comunidades quilombolas. Mais recentemente, pelo modelo de expansão do capitalismo no campo e a conseqüente valorização das terras e, ainda, pela sua disputa e apropriação. Lamentavelmente, as características das pressões e opressões vividas no passado se repetem em outros moldes nos dias atuais. Dentre elas, destaca-se um dos resultados negativos da violência e das desigualdades vividas por várias comunidades quilombolas no meio rural [...] (Brasil, 2012, p. 441).

A violência no campo tem deixado a população dos territórios tradicionais extremamente assustada e sem saber onde e a quem recorrer. Políticas públicas foram e ainda estão sendo desenvolvidas no tocante a essas comunidades, mas o processo de garantia do direito à terra esbarra na morosidade da burocracia. Enquanto isso, os quilombolas continuam sendo atacados, como destaca a matéria da *Agência Brasil*:

Dez famílias de uma comunidade tradicional do interior do Maranhão tiveram as casas incendiadas e foram expulsas nesse domingo (19), na cidade de São Benedito do Rio Preto, a cerca de 240 km de São Luís. Homens armados entraram com escavadeiras, levaram alimentos e mataram animais da comunidade na comunidade Baixão dos Rocha. Ao todo, 57 famílias ocupam a área de aproximadamente 600 hectares, há mais de 80 anos, e vivem da agricultura familiar e do extrativismo. Os moradores gravaram vídeos descrevendo a situação das casas e dos produtos roubados (Corrêa, 2023, local 1).

Pelo exposto, compreendemos a necessidade de intensificar as cobranças por ações governamentais que assegurem às comunidades tradicionais o direito ao usufruto das áreas pertencentes aos seus territórios, políticas públicas de incentivo à geração de renda, preservação ambiental e segurança alimentar. Enquanto as medidas de segurança pública se distanciam das comunidades rurais, continuamos assistindo aos noticiários relatando violência contra mais um negro quilombola em seu ato de resistência, como o caso recente do assassinato de Mãe Bernadete, líder quilombola em Pitangas dos Palmares, em Simões Filho, no Estado da Bahia, destaque na matéria da g1 BA e TV Bahia e muitos outros meios de comunicação do país.

Figura 8- Bernadete Pacífico, liderança quilombola da Bahia, assassinada no quilombo Pitanga dos Palmares



Fonte: Conaq, 2023.

2.4 O POVO NEGRO E A NECESSIDADE DE UM DESPERTAR PARA A SUA IDENTIDADE

O reconhecer sobre quem somos e o que representamos necessita, cada dia mais, do entendimento de onde viemos, como e, principalmente, onde pretendemos chegar a partir dessa compreensão social e histórica.

De acordo com Fernandes (2016, local 1):

As representações de todos os grupos sociais circulam no meio social produzindo sentidos e consequências. No entanto, algumas representações ganham maior visibilidade e passam a ser consideradas como expressão da realidade social.⁴ Na sociedade brasileira, assim como em outras, as representações que prevalecem são construídas por narrativas hegemônicas, capazes de representar um grupo social em detrimento de outros. Essas representações foram construídas mediante a óptica eurocêntrica, que institui sentidos de "normalidade" e "anormalidade", estabelecendo como norma padrão o homem, branco, heterossexual, cristão. Os indivíduos que não correspondem a esse padrão são vistos como desviantes, abjetos, e excluídos socialmente.

A considerada normalidade padrão da sociedade tem formação de teor seletivo e excludente, que ainda insiste em ter como referência do perfeito e correto os padrões estéticos e socioculturais eurocentristas, e os que não correspondem a essas definições são diretamente levados a situações que os conduzem ao fracasso, pois são vistos por uma considerável parcela da sociedade, como minorias com futuro claramente incerto.

De acordo com Melo (2009, local 4):

A desvalorização na história das pessoas negras do Brasil na escola é constante e suas referências históricas, na maioria dos casos, estão sempre subjugadas ou conformadas com a escravização. A narração quase sempre é de como o povo negro foi raptado de suas terras e obrigado a trabalhar sob péssimas condições. No entanto, seu trabalho não é creditado, ainda se atribui aos colonizadores os méritos da construção do país, evidenciando o estilo cultural e étnico europeu.

As políticas públicas não inclusivas exercem um papel fundamental de elevar os socialmente privilegiados a alcançar e permanecer no topo da pirâmide social, e estagnar os menos favorecidos numa posição mediana, ou diretamente impulsioná-los para a base de serventia braçal com funções de subserviência, para manter de forma natural e harmônica os desejos de uma sociedade explicitamente racista e elitista.

Para Fernandes (2016, local 1):

O negro recebe a "marca" do estigma, tendo sua cor de pele utilizada como o principal elemento de estigmatização. Frantz Fanon já havia chamado esse processo de "esquema epidérmico" do sistema colonial, o arcabouço de discursos culturais, políticos e históricos de estigmatização do negro. Ele aponta que certas sociedades, não só nas Américas, constroem discursos e significados que tentam reduzir o negro a uma cor, levando-o a elaborar um esquema corporal histórico-social de acordo com elementos fornecidos por um outro, o branco, e não por ele próprio.

A luta constante pela inferiorização da população negra, onde são levadas em consideração de oportunidades a quantidade de melanina existente em sua pele e a expressão dos traços estéticos herdados de seus ancestrais, busca perpetuar o movimento de repressão construído no período escravocrata, não permitindo a esse público a oportunidade de viver a verdadeira liberdade com a garantia de seus direitos fundamentais e ascensão social. Esse arcabouço toma formato com o crescimento da população carcerária, moradores periféricos e em situação de rua que, em sua maioria, constituem-se de pessoas declaradas pretas e pardas.

Essas afirmativas seguem como base de informação à matéria publicada pelo *Correio Braziliense*, onde Barros, citado por Dourado e Fregonasse (2023, local 1), apresenta a seguinte reflexão:

A gente sabe que muitas vezes o perfilamento racial é algo que faz com que a polícia foque na abordagem de determinadas pessoas. O local onde essa pessoa mora também faz com que a polícia possa estar com olhos mais atentos para essa região do que para outras. Quando você olha para a população prisional e vê que a maior parte são pessoas negras, não tem como dizer que as instituições não possuem, em alguma medida, um olhar racista quando elas atuam. Mas também faz parte de um racismo que passa

pela desigualdade social, explica Barros.

As compreensões sobre a história da população negra no Brasil esclarecem os pontos cruciais que determinaram o modelo de sociedade que ainda vivemos, regadas de várias formas de preconceito e discriminação. Contudo, o reconhecer da mesma história fomentou o surgimento dos grandes movimentos de luta por igualdade de direitos e fortalecimento da identidade negra que se tornaram visíveis e encorpados, e aos poucos estão tendo suas reivindicações ouvidas, efetivadas como políticas públicas, em especial saúde e educação, objetivadas em formas de oportunidades de transformação da realidade vivida pela referida população.

Sobre as questões de saúde, apontamos a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, uma política do SUS (Sistema Único de Saúde), em cujo texto de apresentação traz os seguintes destaques:

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) é uma resposta do Ministério da Saúde às desigualdades em saúde que acometem esta população e o reconhecimento de que as suas condições de vida resultam de injustos processos sociais, culturais e econômicos presentes na história do País. Nossa história, construída sobre as bases da desigualdade, reservou para a população negra o lugar das classes sociais mais pobres e de condições mais precárias. Apesar da abolição oficial da escravatura dos povos africanos e seus descendentes, não há como negar que persiste ainda hoje, na nossa sociedade, um racismo silencioso e não declarado (Brasil, 2013, p. 5).

A elaboração e a aplicabilidade de ações que impulsionam a melhoria da qualidade de vida são formas de reparar as desigualdades e outras injustiças recorrentes do processo social e econômico ainda existente no Brasil, que impediram os negros de terem acesso aos serviços e atendimentos básicos relacionados à saúde, assim como a negligência sobre a busca por identificar, prevenir e tratar os tipos de doenças mais pretensas a acometer a pessoas identificadas como negras.

Em relação às Políticas Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, o MEC (Ministério da Educação), em sua apresentação, destaca a seguinte afirmação:

O Ministério da Educação, comprometido com a pauta de políticas afirmativas do governo federal, vem instituindo e implementando um conjunto de medidas e ações com o objetivo de corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro. O Brasil, ao longo de sua história, estabeleceu um modelo de desenvolvimento excludente, impedindo que milhões de brasileiros tivessem acesso à escola ou nela permanecessem. Com a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), o Ministério da Educação dá um grande passo para enfrentar a injustiça nos sistemas

educacionais do país (Brasil, 2004, p. 5).

As medidas de enfrentamento e combate ao racismo, as políticas afirmativas de inclusão e permanência nos âmbitos escolares e garantia de vagas nas universidades, são ações que visam reparar os danos construídos por séculos no sistema educacional do Brasil. Pois só reconhecer publicamente a existência da grande dívida histórica do país com os afro-brasileiros e africanos é um dos primeiros e importantes passos para a construção de uma sociedade com equidade; no entanto, ainda é pouco diante das atrocidades vividas pela população negra até os dias atuais.

As políticas públicas e o incentivo ao desenvolvimento das relações étnico-raciais permitem o fortalecimento e o autorreconhecimento do povo negro, quando estas visam, de fato, ao acesso e participação igualitária nas esferas socioculturais, com oportunidades de crescimento pessoal e profissional, longe das ações discriminatórias.

De acordo com Guimarães (2020, local 2):

A construção de identidade racial é um processo social, cultural e político, implicada em relações de poder, a partir de uma dinâmica de identificações construídas através de um vasto conjunto de significações e de práticas discursivas. Estas últimas são derivadas da posição que o indivíduo se atribui no mundo, implicando sentimentos de pertença e de autoestima, através dos quais o indivíduo vai se construindo a partir de suas referências culturais e de suas representações, complementando-se em suas relações com os outros nas suas ligações inter-relacionais na sociedade.

Outro ponto importante é a construção de conhecimentos sobre a origem do povo negro, a importância de seus ancestrais na formação da sociedade brasileira, a influência nos movimentos culturais, a religiosidade e a participação no desenvolvimento na economia do país. São temáticas necessárias, que deverão ser de conhecimento público, apresentadas e discutidas no chão da escola, para assim buscar a formação e fortalecimento da identidade negra no Brasil.

Conforme o que diz Melo (2009, local 3):

Discutir a real importância da cultura e identidade negra na escola é resgatar a autoestima e criar novas perspectivas na forma do cidadão enxergar-se como igual aos demais. Dessa maneira, cria-se um âmbito escolar em que os professores atuem como agentes construtores e empoderadores das questões étnicas, no que diz respeito ao resgate da história e sua contribuição na formação do país e do cidadão.

Seguindo a afirmativa apontada por Melo, o trabalho desenvolvido nas escolas exerce um importante papel social na formação da identidade negra, pois ela

tem a missão de fomentar conhecimentos, valorização e sentimento de pertencimento, desenvolver a criticidade e empoderamento dos discentes e o seu despertar enquanto ser social que vem de uma história e que suas ações irão constituir os novos capítulos para as gerações posteriores.

3. QUILOMBO SANTO ANTÔNIO: ORIGEM E DESAFIOS PARA A SOBREVIVÊNCIA

Pertencente ao território quilombola, a Comunidade Quilombola Santo Antônio está localizada na zona rural do município de Matões do Norte. Por ser uma comunidade tradicional onde as propriedades vão passando de pai para filho, o povoado Santo Antônio pouco sofre com o êxodo rural, mesmo sendo a roça no toco e os benefícios do governo federal as principais fontes de renda da população residente.

O povoado já conta com uma certa organização, com moradias construídas de alvenaria, e dispõe de alguns serviços essenciais, entre eles uma escola quilombola para atender as crianças residentes na comunidade.

A Comunidade Santo Antônio foi certificada pela Fundação Palmares no dia 19 de dezembro de 2011 e tem a sua origem recontada por meio de fatos históricos comprovados por documentos e utensílios localizados e mantidos em um local preservado, como também pela memória coletiva repassada por gerações. Dentre as histórias contadas pelos mais velhos sobre a origem do Quilombo Santo Antônio, se diz o seguinte:

A fazenda Santo Antônio, hoje comunidade Santo Antônio dos Pretos é uma comunidade quilombola certificada pela Fundação Palmares e aparece em todas as narrativas coletadas enquanto lócus onde funcionava a “antiga feitoria”. De acordo com a narrativa de Senhor Henrique, a comunidade Lago do Coco era onde ficava localizada a igreja e a casa do Padre que possuía alguns escravos. Com a doação de terras a Antonio Nina foi criada uma fazenda, baseada na mão de obra escrava e no cultivo de diversos gêneros. É inevitável a relação entre a comunidade Lago do Coco e Santo Antônio dos Pretos. Em todas as narrativas essa relação é nítida, seja a partir da fala do senhor Henrique sobre as doações de terras ou das demais narrativas que atrelam esta comunidade como a “primeira feitoria” de onde a escrava (para algumas pessoas escravo) fundadora de Lago do Coco partiu até encontrar o poço (olho d’água) da região. O fato é que dentro da memória coletiva que mantém as bases para a compreensão daqueles sujeitos enquanto quilombolas, aquele território inteiro foi marcado pela presença de negros escravizados que trabalharam nas lavouras de algodão e arroz e que a ali constituíram aquelas comunidades. (INCRA, 2001, p. 54, grifo do autor).

Segundo relatório Antropológico da comunidade Lago do Coco, todas as narrativas coletadas sobre a origem do povoado indicam que ela foi estabelecida onde funcionava uma antiga feitoria na fazenda Santo Antônio, hoje comunidade Santo Antônio. Seu histórico segue duas versões, uma recontada a partir de datas, documentos e nome dos proprietários que estão ligados genealogicamente aos

moradores do quilombo contemporâneo, e a segunda é constituída a partir de um mito fundador, que desperta o imaginário tanto dos griôs da comunidade, como de seus espectadores, como é destacado nas narrativas do Sr. Henrique Casas Novas, quilombola e descendente direto dos negros escravizados, Maria da Glória Mendes e Euclides Teófilo Mendes:

Após a morte do Padre Aureliano Antônio Nina os 38.000 hectares foram divididos entre Euclides Teófilo Mendes, irmão de sua bisavó Maria da Glória Mendes e Dona Joaquina (irmã da igreja do padre) que repassou para o irmão do Padre Nina, Antônio Firmino Nina, uma porção de terra onde era localizada a fazenda de Santo Antônio (INCRA, 2018, p.53).

As afirmativas apresentadas nos relatos do Sr. Henrique foram constatadas com informações encontradas no jornal *Publicador Maranhense* de 1864, disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, onde constam arquivos que confirmam a presença de Antônio Firmino Nina na região do Mearim no século XIX, como “Fazendeiro de algodão, arroz, farinha e mais gêneros” na fazenda intitulada Santo Antônio, Rio Mearim (INCRA, 2018, p. 53).

A outra versão da história que deu origem à comunidade Santo Antônio não conta com documentos comprobatórios, no entanto, são relatos contados e repassados para as gerações seguintes e carregam em seu bojo misticismo e detalhes sobre a maldade recorrente na vida da população negra escravizada (castigos e açoites), conforme relatado pelo Sr. Mariano Leitão, morador da comunidade:

Eis aqui a foto do Poço que foi achado pela escrava, no tempo da escravatura. Nega veia, o patrão dela deu uma pisa nela e ela ganhou o mato. Santo Antônio (o povoado Santo Antônio dos Pretos) era escasso de água e ela veio bater no meio desse pedregueiro danado aqui do Lago do Coco. E ela pegou uma pedra e saiu água, aí ela voltou, chegou e disse: Ei, patrão se você não me bater e me der a carta de alforria eu descubro onde tem água. E ele (o senhor de escravos) disse assim: Nega, se tu descobrir onde tem água eu te dou a carta de alforria. E aí ela veio, o lugar ela foi marcando, que é longe Santo Antônio para cá. E quando chegou aqui, ela mostrou e eles viram a água, deram a carta de alforria para ela, e mudaram a sede do Santo Antônio para cá, porque eles iam buscar água no rio e mudaram a sede para Lago do Coco. E é o motivo de vocês verem aquele Mangal. E essa história é verídica, que meus pais e meus avós contavam (Mariano Leitão, 67 anos, 2017) (INCRA, 2018, p. 55).

O direito à ocupação das terras tem versão comprovada de forma documental, com registros que afirmam que as terras foram doadas aos negros que serviam à casa-grande e nos trabalhos da igreja que eram conduzidos pelo Padre Aureliano Antônio Nina (primeiro dono do território pleiteado), além da presença de

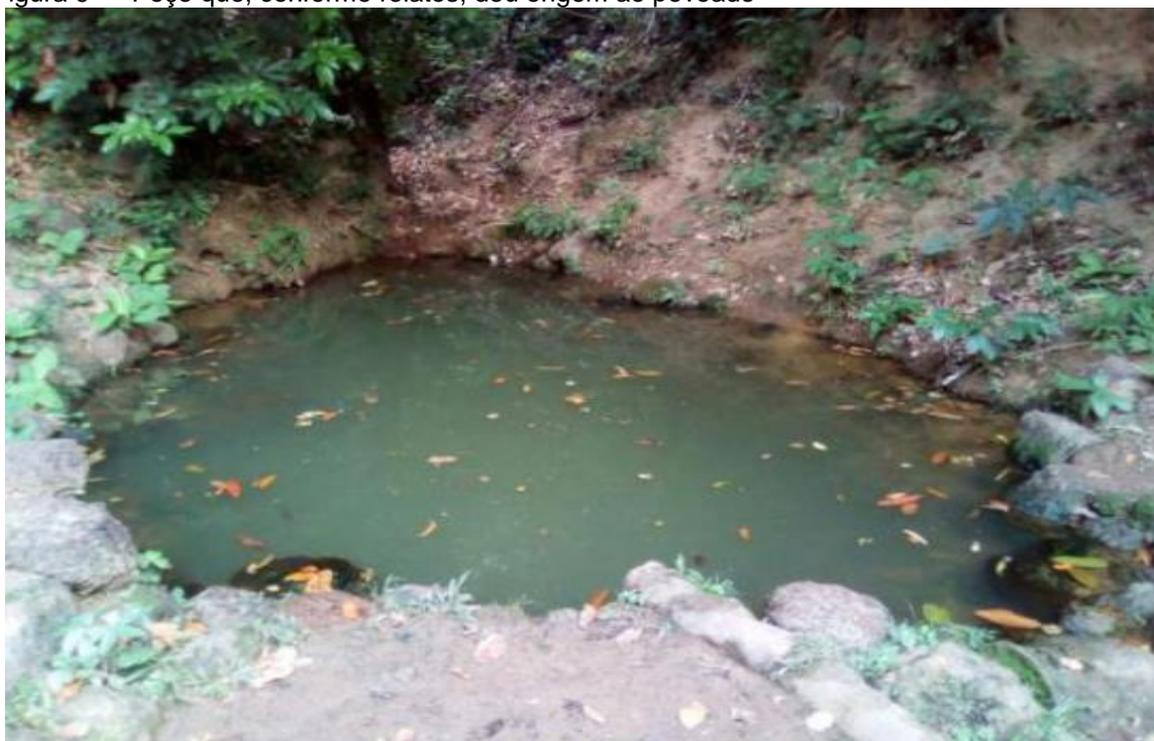
utensílios como caldeirões, grilhões, forno, lustres, ruínas de construções antigas, característicos do período da escravidão e parte preservada de plantações, conhecidas como mangal.

A parte imaginária pertencente às memórias coletivas discorda apenas do gênero da pessoa escravizada, que para garantir sua liberdade após receber castigos cruéis fugiu na mata e apareceu com a notícia de ter encontrado um olho d'água (fonte) que resolveria o grande problema de escassez da localidade, trocando essa informação por sua carta de alforria (INCRA, 2018).

As duas vertentes que contam a história de origem do território quilombola em Matões do Norte não apresentam resistência em sua narrativa. De acordo com relatos, a formação da Comunidade de Santo Antônio dos Pretos ocorreu a partir da mudança da sede da Fazenda Santo Antônio para o Lago do Coco, por conta do acesso à fonte d'água achada pela escravizada, e essa desocupação ocorrida com a saída do fazendeiro permitiu a povoação da localidade.

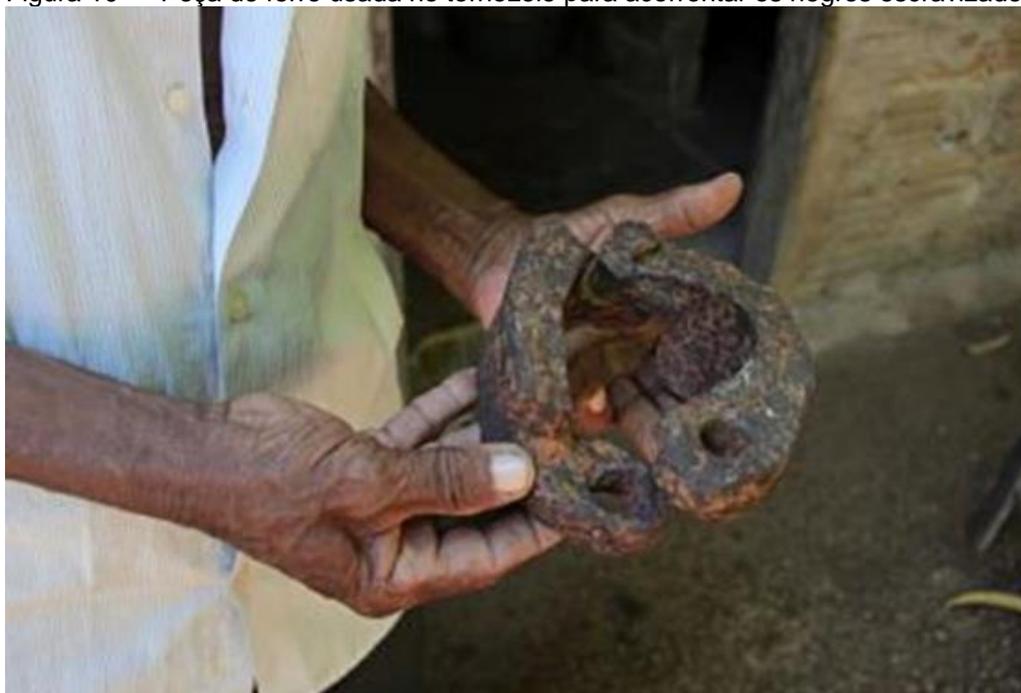
As figuras abaixo apresentam o poço que, segundo os relatos apresentados no relatório antropológico do INCRA, deu origem ao quilombo, assim como um objeto pertencente ao acervo ainda encontrado na Comunidade Santo Antônio, utilizado no período da escravidão:

Figura 9 — Poço que, conforme relatos, deu origem ao povoado



Fonte: Silvia Lilia, 2007.

Figura 10 — Peça de ferro usada no tornozelo para acorrentar os negros escravizados



Fonte: Silvia Lilia, nov. 2018.

As famílias tradicionais descendentes dos povos negros escravizados residentes na Comunidade Santo Antônio afirmam que não se pode desvincular Lago do Coco da Comunidade Santo Antônio, pois as duas se originam genealogicamente dos mesmos troncos familiares e pela proximidade territorial, sendo que uma faz fronteira com a outra.

Dentro do território é possível destacar três troncos familiares locais importantes fundantes dos grupos existentes no território são eles: Mendes, Casas Novas e Lopes. De acordo com as narrativas dos moradores antigos do território, uma parte do território era ocupada pelos Casas Novas que descendem dos Mendes, e outra dos Lopes. A título de justificativa a este relatório, é de extrema relevância citar os Lopes, enquanto grupo familiar importante na região, mesmo estes se negando a fazer parte do processo (INCRA, 2018, p. 84).

Outras famílias que migraram e deram continuidade a expansão do território foram os “Licá”, “Corrêa” e “Leitão”, que ainda hoje formam as famílias mais numerosas do município e são os remanescentes mais engajados no processo de reconhecimento, certificação e titulação das comunidades pertencentes ao território quilombola de Matões do Norte. Essas lutas são destacadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, como necessárias no processo de sobrevivência e continuidade do povo negro remanescente de quilombo, como

destacado a seguir:

A história dos quilombos não se limita à resistência à escravidão. Ela está imersa nos processos de resistência ao padrão de poder, apropriação, expropriação da terra, imposto aos africanos escravizados e a seus descendentes. Os povos quilombolas têm consciência dessa relação persistente entre sua história e as lutas pela manutenção de seus territórios. Nessa tensa relação, têm construído e afirmado a sua consciência do direito à terra e ao território e, nesse sentido, aproximam-se das lutas dos movimentos sociais do campo (Brasil, 2013, p. 440).

Mesmo com vários fatores comprobatórios sobre a origem e desenvolvimento das comunidades pertencentes ao território quilombola em Matões do Norte, encontramos descendentes residentes tanto no quilombo Santo Antônio como nas comunidades adjacentes que renegam o passado de seus ancestrais, não aceitam ser vistos e tratados como quilombolas e essa negativa tem sido muito determinante na formação das crianças que ainda enxergam a população negra a partir de uma ótica negativa de desvalorização.

As dificuldades em acessar as políticas públicas voltadas às comunidades tradicionais que atendam às necessidades e até mesmo a morosidade em adquirir a titulação da área pertencente aos quilombos, reforçam o pensamento de distanciamento da autodeclaração, pois os benefícios direcionados aos assentamentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e do Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (ITERMA) são recebidos com mais agilidade, tornando mais vantajoso fazer parte de um Projeto de Assentamento (PA) ou Projeto de Assentamento Estadual (PE), com direitos individuais do que coletivos.

Ferreira (2022, p. 3) destaca que a titulação é uma ferramenta jurídica. “A falta de titulação fragiliza demais os quilombos e as comunidades tradicionais em geral, pois encoraja avanços sobre territórios, especialmente por grileiros e ruralistas [...]”.

A ausência de um documento que demarque o território quilombola, dando direito ao pleno uso de suas terras, possibilita a invasão do perímetro e acesso a posseiros, além de limitar acessos a créditos de incentivo à agricultura familiar.

3.1 TAMBOR DE CRIOLA RAÍZES DE SANTO ANTONIO, REAFIRMANDO AS TRADIÇÕES DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO NA COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO

O Tambor Raízes de Santo Antônio foi criado na Comunidade Quilombola Santo Antônio e essa manifestação teve início com a chegada dos negros escravizados na antiga fazenda Santo Antônio no século XVII. Destaque nas apresentações culturais no município e cidades adjacentes, com o passar dos tempos foi perdendo visibilidade por motivos ainda não identificados, carecendo de reorganização estrutural, partindo desde a renovação das indumentárias.

Lourenço (2023, local 1) faz a seguinte afirmativa:

Uma das mais importantes rodas de danças afrobrasileiras, o tambor de crioula nasceu em quilombos maranhenses, ainda no regime escravocrata, conforme aponta a maioria das pesquisas historiográficas — não há informações precisas, porém, sobre o ano e as comunidades que deram início à onda cultural. O festejo teria emergido como um alento aos negros, com momentos de integração e lazer entre escravizados e ex-escravizados, numa tentativa de minimizar o sofrimento que viviam.

O grupo encontra muitas dificuldades, como a escassez dos materiais utilizados na confecção dos tambores (grande, meio e crivador), tais como: madeira para o corpo do tambor (sapucaia, camucá e pau d'arco) e a cobertura, que antes era de couro de animais silvestres (veado, jacaré e sucuri). Para não deixar a tradição se extinguir, esses materiais são substituídos corriqueiramente por pele de bovinos, que de acordo com informações dos tambozeiros, não reproduzem a mesma qualidade de som. Sem esquecer de citar a precariedade das indumentárias das coreiras que ainda utilizam vestes doadas há vários anos.

O Tambor de Crioula Raízes de Santo Antônio, mesmo vivenciando várias dificuldades, ainda mantém sua tradição e busca sempre partilhar essa cultura com as crianças e adolescentes da comunidade. O repassar de informações e o incentivo às práticas culturais no território fortalecem o entendimento sobre a vivência de um povo que trouxe, além de seu trabalho, muitas riquezas apresentadas também em suas manifestações culturais, como destacamos, o tambor de crioula, com seus imponentes tambozeiros e encantadoras coreiras.

De acordo com o Sr. Jó (morador da comunidade Santo Antônio e integrante do tambor de crioula):

Teve um tempo que a apresentação do tambor era muito valorizada, tinha roupas iguais e coloridas, tudo era muito organizado, e por isso, tudo que acontecia na cidade, a gente era chamado pra se apresentar. Hoje estamos aqui na luta pra manter nossa cultura viva (Juvenil Lopes, 13 de agosto de 2024).

A diminuição da frequência dos convites para apresentações em outras cidades e mesmo na sede do município de Matões do Norte, aponta para uma possível ausência de incentivos ao Tambor de Crioula Raízes de Santo Antônio por parte dos fazedores de cultura do município, demonstrando a partir dessa ótica, o não reconhecer sobre o fator histórico representado a partir dessa expressão cultural tão importante para a manutenção da memória coletiva do povo negro remanescente de quilombo, que carece urgentemente de apoio financeiro e organizacional para a manutenção de sua tradição.

O Projeto de Leitura trabalhado no ano letivo de 2024 nas escolas municipais pertencentes ao polo IV, zona rural de Matões do Norte, abordou o tema: “Um mundo novo em cada página”, e o subtema: “Múltiplas diversidades: Conhecendo e valorizando a diversidade cultural afro-maranhense” trouxe a missão à Escola Municipal Santo Antônio III, na Comunidade Quilombola Santo Antônio, de desenvolver o ensino sobre a cultura afro-brasileira, e apresentação do tambor de crioula com a participação dos discentes.

A inserção de um ensino centrado na real história dos afro-brasileiros e africanos, as considerações dos saberes constituídos nas relações comunitárias e familiares, são procedimentos chaves para ofertar aos estudantes o resgate de memórias nunca imaginadas, e o despertar de sentimentos de valorização e pertencimento de um povo. Dessa forma, o processo de ensino reparará um estrago causado pelo grande esforço de apagamento da participação da população negra na formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, assim como seus destaques no cenário mundial.

Nessa perspectiva, percebendo o quanto é importante e necessária a manutenção dos saberes populares dos povos tradicionais, o Serviço Social da Indústria – SESI, com o Projeto de Inovação, Robótica - SESI, em Matões do Norte, propôs aos discentes e coordenadores que estes apresentassem um projeto que representasse as comunidades e que estivesse com carência de uma intervenção, e a equipe escolheu resgatar o tambor de crioula Raízes de Santo Antônio, apresentando como missão reestruturar essa manifestação cultural tão importante

para a manutenção da memória coletiva e preservação das tradições dos remanescentes de quilombo.

Figura 11 - Equipe do Projeto de Inovação, Robótica SESI registrando as histórias do território quilombola contadas pelos grãos da comunidade



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

O projeto apresentado pela coordenação municipal ao SESI foi intitulado “Tambor de Crioula Raízes de Santo Antônio: a ausência das batidas, um povo silenciado”. As atividades desenvolvidas consistiram em rodas de conversas para sensibilização sobre a importância do tambor de crioula como manifestação cultural da população dos territórios tradicionais quilombolas; produção de indumentárias; construção de um memorial na comunidade; criação de páginas em redes sociais, para divulgação das apresentações e atividades realizadas no quilombo Santo Antônio, e organização da agenda de apresentações.

Característico do povo negro remanescente de quilombo, as manifestações culturais apresentadas nas rodas de tambor de crioula reafirmam a resistência de um povo que lutou e continua na batalha diariamente para manter-se livre e com dignidade. A continuidade do ensino dessa manifestação cultural possibilita vivenciar os costumes e tradições da comunidade tradicional Santo Antônio e a valorização dos

ensinamentos deixados para a geração atual e para as vindouras, contribuindo com novos aprendizados e fortalecendo a memória dos seus ancestrais.

Figura 12 — Integrantes do Tambor de Crioula Raízes de Santo Antônio



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, ago. 2024

Figura 13- Apresentação do Tambor de Crioula Raízes de Santo Antonio



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, ago. 2024

3.2 O DOM DA CURA E O CHAMADO PARA SERVIR

Os costumes e tradições, a religiosidade, os mitos e as lendas fazem parte do processo de formação da identidade de um povo, e buscar conhecê-los é uma forma de fortalecer e manter viva a historicidade dos que nos antecederam.

Trazemos como exemplo para esta seção o relato da história de vida da Benzedeira Raimunda Nonata Lopes, de 80 anos, nascida e criada na comunidade Lambedor, localizada ao lado do quilombo Santo Antônio. Ela é neta do Sr. João Hugo Lopes, nascido em 1888, ano da assinatura da Lei Áurea, e faz parte da terceira geração da família Lopes, que foi uma das beneficiadas com a doação das terras que pertenciam à feitoria Fazenda Santo Antônio. Atualmente, a benzedeira reside no Povoado Bacuri, no município de Matões do Norte.

De acordo com as informações repassadas durante entrevista com a Sra. Raimundinha do São João, como é conhecida em todo território nortematoense e cidades adjacentes, quando criança, ela já apresenta sinais do seu dom de curar por meio de benzimentos, e essa sensibilidade era apontada por alguns experientes que, ao vê-la, comunicaram a seus pais sobre a possível mediunidade.

Mesmo resistindo aos sinais por algum tempo, aproximadamente aos 15 anos, Raimundinha não conseguiu mais ignorar o seu chamado e iniciou os atendimentos a todo público que buscava pelo seu auxílio e cura a partir do benzimento, rezando para vencer todos os males do corpo e até mesmo a expulsar espíritos malignos incorporados.

Atualmente, a Benzedeira encontra-se com problemas de saúde, e segundo o seu relato, sua grande tristeza é de não conseguir encontrar nenhum(a) benzedor ou benzedeira que possa ajudá-la a curar suas enfermidades. Em seu entendimento, o tratamento que ela precisa ultrapassa os conhecimentos adquiridos e ofertados pela medicina.

Eu era pequena e um homem chamado Santo Leitão e uma mulher chamada Dora, disseram pra mim que quando chegasse mais pra idade eu seria uma dona de terreiro e eu apanhei muito por não aceitar. Eu não queria e não acreditava, mas começou os sonhos, e do nada o povo começou chegar na minha casa com uma dor, uma coisa e outra, e aquilo vinha na minha mente, mostrando o que eu devia fazer, até espiritado chegava e eu sabia o que fazer. De criança e velho minha casa era cheia, benzia de tudo, quebrante, vento virado, era qualquer coisa e nunca cobre nada por isso. (Raimunda Nonata Lopes, 80 anos)

Figura 14 — Raimunda Nonata Lopes, benzedeira há 65 anos, Povoado Bacuri- Matões do Norte – MA



Fonte: Silva, João Victor dos Santos, jun. 2024

3.3 SABERES POPULARES: HISTÓRIAS QUE PRECISAM SER CONTADAS

Os territórios tradicionais são repletos de histórias, contos e lendas que formam as memórias coletivas, despertam o imaginário dos seus ouvintes. E essa tradição oral, se não for valorizada com registros e repasses para as gerações seguintes, com o passar dos tempos cairá no esquecimento, com o inevitável ciclo natural da vida.

Mesmo com a partida dos mais velhos do Quilombo Santo Antônio, ainda encontramos descendentes dos negros escravizados que viveram na região, que se empenham em repassar os ensinamentos deixados pelos seus ancestrais e buscam a valorização dos saberes populares, assumindo a função de griôs.

Para a construção desta seção, contamos com a colaboração dos senhores Paulino de Jesus Martins Corrêa, 65 anos; Moisés Casas Novas Licá, 45 anos; e José Ribamar Casas Novas, 63 anos, todos nascidos em comunidade pertencentes ao território quilombola de Matões do Norte, que descreveram casos que, segundo as suas falas, de fato aconteceram.

Iniciamos com a narração do Sr. Paulino, que confirmou ter presenciado na sua infância um ato de fé da comunidade, quando esta estava sofrendo com a

escassez de água. Juntavam-se algumas pessoas que de comum acordo iam até a capela do povoado, pegavam a imagem do santo de devoção no oratório e saíam em procissão rezando e cantando ladainhas, e sem avisar ao morador, entravam na casa escolhida e lá deixava a imagem com o pedido de chuva, e segundo o narrador, não demorava muito, eles recebiam a bênção.

Seguindo para o misticismo, dessa vez com a contação da história reversada pelos senhores Moisés e José Ribamar, que afirmaram ter ouvido a história de algumas personalidades que residiram no quilombo, e que, em noite de lua cheia, sofriam a transformação em seus corpos, tomando a aparência de bichos. Alguns viravam porcos, jumentos, cachorros e até mula sem cabeça, tornando esse período de fase de lua assustador para os residentes da região.

O poço descoberto pela mulher escravizada que deu origem à comunidade, com a mudança da sede da feitoria da fazenda para o lago do coco, por causa do acesso à água, também tem seus mistérios e encantamentos a serem contados, como as aparições de uma mulher branca de cabelos longos e de grande estrutura física, que desaparecia conforme a aproximação das pessoas. Para os contadores de história, tratava-se da Mãe d'água e o poço seria a sua morada.

Figura 15 - José Raimundo Casas Novas, Paulino de Jesus Martins Corrêa e Moisés Casas Novas Licá. Contadores de histórias, griôs da atualidade



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024.

Outra história contada com a colaboração dos três griôs revela a vida de um morador do território, que tem aproximadamente 65 anos, e desde os 15 teve que buscar nas rezas de encantamentos meios para sobreviver às tentativas de assassinatos por parte de grileiros e latifundiários, que foram confrontados e denunciados por invadir áreas do território quilombola de Matões do Norte.

Segundo os contadores de história, esse senhor, buscando preservar a vida, aprendeu a se esconder atrás de qualquer árvore, ficando totalmente invisível por longos períodos, conseguindo dessa forma manter-se vivo até os dias de hoje; no entanto, tornou-se uma pessoa que não consegue se fixar em nenhum lugar, pois não se sente seguro.

Com essas histórias e outras que não foram narradas, compreendemos o quanto a tradição oral é valiosa e diz muito sobre o seu povo, e a partir dela torna-se possível resgatar os feitos dos que já não estão entre nós e despertar nessa nova geração o desejo de descobrir cada vez mais sobre os saberes populares dos seus ancestrais.

4. A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DESAFIOS PARA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO

A luta por liberdade e igualdade simboliza diretamente a identidade do povo negro quilombola, o qual, ao longo de sua dolorosa trajetória, vem conquistando direitos que lhe foram negados por várias gerações. Um destes direitos conquistados é a obrigatoriedade estabelecida pela Lei nº 10.639/03, que oportuniza aos alunos a aprender a história dos afro-brasileiros, as manifestações culturais e religiosas e as contribuições para a formação da sociedade brasileira.

Segundo Nascimento (1980, p. 19):

A imigração massiva de europeus, subsidiadas pelos cofres públicos[...] fundamentou-se não só na intenção das classes dominantes, em tornar a população do país cada vez mais branca, como também no propósito de erradicar da mente e do afeto dos descendentes escravos a imagem da África como lembrança positiva [...]. Por isso, no sistema educativo brasileiro, nunca houve qualquer disciplina ensinando apreço, interesse ou respeito às culturas, artes, línguas, religiões, sistema político, econômico ou sociais de origem africana.

Dessa forma, entendemos que o estudo da história dos afro-brasileiros trata-se de um avanço no processo educacional, permitindo aos alunos a oportunidade de conhecer a história do seu povo, bem como a valorização das práticas realizadas pelos ancestrais, que ao longo do tempo foram desvalorizadas e desprezadas.

De acordo com Campos, (2014, p. 22), já é possível notar que:

A educação quilombola teve um avanço extremamente significativo em relação às políticas educacionais voltadas para as comunidades quilombolas, no entanto, a não efetivação dessas causam um distanciamento no que se refere às práticas educativas atreladas aos saberes culturais desse grupo.

Sendo assim, a escola deve ser um lugar que contribua com o fortalecimento dessas crianças e conduza à construção da identidade positiva das crianças quilombolas. A escola quilombola deve promover uma educação não mais atrelada à ótica eurocêntrica da elite escravocrata, interrompendo, assim, o fortalecimento da ideia de supremacia branca, onde os grandes heróis, pensadores, escritores e construtores da sociedade sempre tiveram pele clara e poder aquisitivo.

Ferreira (2021) destaca a importância de conhecermos a realidade do contexto histórico que levou à promulgação da Lei Áurea. Segundo o autor, nossas

histórias por anos foram contadas por brancos, sendo apresentadas a partir de uma dinâmica persistente e bem elaborada, na qual os milhares de negros que batalharam na linha de frente da resistência contra a escravidão foram esquecidos e a princesa que assinou uma lei sob pressão foi tida por séculos como a heroína da libertação da escravatura.

Diante do exposto, torna-se necessário compreender como acontece a inserção das temáticas raciais no cotidiano escolar, observando se essas são apresentadas aos alunos a partir da história da população negra, compreendendo sua descendência, cultura, e as conquistas advindas de lutas árduas ou se as instituições de ensino ainda estão seguindo o roteiro escrito pelos escravizadores.

O Conselho Nacional de Educação (CNE), compreendendo a necessidade de intensificar a inserção de temáticas étnico-raciais no currículo escolar e ofertar ferramentas necessárias ao corpo docente das escolas, aprovou a Resolução nº 08, de 20/11/2012, que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Destacam-se, no art. 6º, alguns dos objetivos propostos, tais como:

II - orientar os processos de construção de instrumentos normativos dos sistemas de ensino visando garantir a Educação Escolar Quilombola nas diferentes etapas e modalidades, da Educação Básica, sendo respeitadas as suas especificidades; III - assegurar que as escolas quilombolas e as escolas que atendem estudantes oriundos dos territórios quilombolas considerem as práticas socioculturais, políticas e econômicas das comunidades quilombolas, bem como os seus processos próprios de ensino aprendizagem e as suas formas de produção e de conhecimento tecnológico (Brasil, 2012, p. 4).

Entendemos, assim, que a Educação Quilombola deve primar pelo resgate da memória, valorização da historicidade e fortalecimento de políticas educacionais para as comunidades remanescentes, como um direito. Aspecto que está contemplado na Resolução nº 08/2012, no art. 7º, dentre seus princípios, conforme segue:

O direito dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades quilombolas de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade (Brasil, 2012, p. 5).

De acordo com Campos (2014, p. 18):

Nesse aspecto, a Educação deve ser vista como parte da organização social e fruto da situação histórico-social da humanidade, pois é elemento do processo cultural. E a transmissão de cultura está presente em diversas

relações da realidade social, como: suas crenças, seus valores, seus hábitos, seus costumes, suas atitudes e seus desejos que evidenciam além de suas práticas, seu caráter simbólico expresso no ambiente social.

Deste modo, pressupomos que se apropriar do conhecimento é um dever dos docentes e de todos que fazem parte da gestão escolar. Contudo, quando se trata de desenvolver o processo de ensino aprendizagem em escolas quilombolas, a missão de construção do conhecimento toma uma proporção sociopolítica e esses profissionais tornam-se responsáveis pela aplicabilidade das leis educacionais que têm em seu bojo o avivamento dos costumes, a valorização e o empoderamento de um povo que possivelmente não conhece muitos dos seus direitos, bem como também ignoram a trajetória e conquistas dos seus ancestrais.

De acordo com Rocha (2018, p. 128):

Consideramos que o desconhecimento da referida Lei pode ser em decorrência da falta de conscientização da importância de se trabalhar com temáticas sobre história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula defendida, bem como pela sua pouca visibilidade no sistema educacional brasileiro.

Rocha (2018), tendo ciência da carência da aplicabilidade das leis educacionais que têm como objetivo a valorização da cultura e apresentam políticas afirmativas para a população negra, destaca em seu trabalho a grande necessidade de manter durante todo ano letivo conteúdos sobre a história afro-brasileira e africana. Para o autor, o foco principal deste trabalho é combater o racismo presente nas escolas brasileiras, não deixando que essas ações de sensibilização se restrinjam somente a datas comemorativas, como ocorre na maioria das escolas brasileira.

Campos e Gallinari (2017, p. 200) afirma que:

As escolas quilombolas foram regulamentadas com a criação de Diretrizes Curriculares Nacionais específicas em 2012; o referido documento foi fruto de uma série de discussões realizadas no campo educacional a partir década de 1980. Determinou-se, assim, que a Educação Escolar Quilombola ocorresse em escolas inseridas nas próprias comunidades, tendo no currículo temas relacionados à cultura e à especificidade étnico-cultural de cada uma delas.

A existência de uma instituição de ensino reconhecida no censo escolar como escola pertencente a um território quilombola traz o entendimento sobre o reconhecimento da história do povo pertencente à localidade em questão. Dessa forma, acreditamos que as políticas educacionais desenvolvidas na comunidade

devem estar enraizadas numa estrutura curricular que trabalhe práticas pedagógicas envolvendo as temáticas étnico-raciais, buscando desenvolver o aprendizado dos alunos, assim como o sentimento de valorização e pertencimento àquela realidade. Conforme Luna (2017, p. 26):

A Educação Quilombola é aquela própria de um povo, voltada para as suas especificidades, costumes e cultura. Sabemos que a Educação de modo geral tem suas semelhanças, bem como as comunidades têm em si aspectos homogêneos. Mas em seu processo educacional, cada uma tem sua especificidade e dinâmica as quais recebem influência das suas tradições, carregando consigo a sua identidade, passando seus costumes de geração em geração.

O ensino com o seu papel transformador surge no cenário das comunidades tradicionais como um divisor de águas, quanto à liberdade de desenvolver um processo educacional que busque reparar as injustiças e omissões executadas no decorrer da história do Brasil. Nesse contexto, o ensino deve trazer à tona a realidade vivida pela população negra ao ser escravizada, suas lutas pela liberdade e as contribuições e conquistas realizadas nesse país. Ainda segundo Luna (2017, p. 26):

Nesta perspectiva, o currículo deve ser composto de elementos, conhecimentos e saberes quilombolas, no sentido de tornar a história viva, através de um resgate constante de um passado próximo. Lembrando das lutas, vitórias e resistência dos quilombos ao longo do tempo, hoje são símbolos de resistência e identidade de um povo.

Dessa forma, entendemos quão necessário é um ensino que tenha como base os legados construídos pela população negra, principalmente dentro dos territórios tradicionais, pois esse formato possibilita um reparo nas lacunas deixadas durante o processo de formação da história do Brasil. Contudo, é essencial entender que nem tudo se resolve apenas com a disponibilidade de uma estrutura física escolar, é preciso observar se ela oferece conforto para a prática do ensino, materiais didáticos e pedagógicos pensados e elaborados para desenvolver um aprendizado.

Uma escola quilombola deve trabalhar um currículo que contemple, além do conhecimento nacionalmente estabelecido, também aqueles que despertem o sentimento de pertencimento e valorização da identidade negra, reconhecendo e respeitando seus costumes, crenças e tradições.

Outro fator fundamental está na gestão escolar, a sua capacidade de trabalhar de forma coletiva e democrática, tendo a flexibilidade de desenvolver, juntamente com os demais profissionais da educação e a comunidade em que a instituição de ensino

está inserida, um currículo que atenda às particularidades do território, e que vise à formação e ao preparo desses alunos para a vida em sociedade. Conforme o que está descrito nas diretrizes (Brasil, 2012, p. 26):

Uma proposta de educação quilombola necessita fazer parte da construção de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas. Isso significa que o próprio projeto político-pedagógico da instituição escolar ou das organizações educacionais deve considerar as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas, o que implica numa gestão democrática da escola que envolve a participação das comunidades escolares, sociais e quilombolas e suas lideranças. Por sua vez, a permanência deve ser garantida por meio da alimentação escolar e a inserção da realidade quilombola em todo o material didático e de apoio pedagógico produzido em articulação com a comunidade, sistemas de ensino e instituições de Educação Superior.

Compreendemos, dessa forma, a necessidade de ampliar as discussões em sala de aula sobre a origem dos povos afro-brasileiros, as lutas pela liberdade e sobrevivência, para que as crianças entendam a importância de preservar as memórias e os costumes de seus ancestrais e aprendam, assim, a dar importância ao território em que estão inseridos.

Conforme o que está descrito nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola:

Os quilombolas, compreendidos também como povos ou comunidades tradicionais, exigem que as políticas públicas a eles destinadas considerem a sua inter-relação com as dimensões históricas, políticas, econômicas, sociais, culturais e educacionais que acompanham a constituição dos quilombos no Brasil. Consequentemente, a Educação Escolar Quilombola não pode ser pensada somente levando-se em conta os aspectos normativos, burocráticos e institucionais que acompanham a configuração das políticas educacionais. A sua implementação deverá ser sempre acompanhada de consulta prévia e informada realizada pelo poder público junto às comunidades quilombolas e suas organizações (Brasil, 2012, p. 435).

Entendemos assim, que, para uma comunidade tradicional manter vivos seus costumes, cultura e tradição, são necessários que os ensinamentos sejam repassados de geração para geração, preservando a memória coletiva do seu povo. Diante da necessidade de que as instituições de ensino localizadas nos povoados pertencentes ao território quilombola assegurem os princípios dispostos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, torna-se urgente que as escolas dos povoados quilombolas de Matões dos Norte - MA cumpram como mais afincado este importante papel, assim como afirma Costa (2015, p. 104):

No momento em que se busca implementar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, entendemos oportuna a realização de reflexões sobre a necessidade de construção de novos paradigmas e de ampliação de quadros de referência que contemplem as especificidades por elas colocadas, haja vista que a Educação Escolar Quilombola ainda é um campo em construção, tanto no que se refere a abordagens didático-pedagógicas na formação inicial e continuada de professores, quanto no que se diz respeito à produção de conhecimentos que fundamentem a organização do trabalho na escola e a prática docente.

Para chegar ao entendimento sobre a evolução do processo de ensino e aprendizagem nos territórios tradicionais, é inevitável não buscar compreender sobre de que forma está ocorrendo a elaboração da proposta pedagógica, se o currículo está sendo seguido, e se o processo educacional trabalhado nas escolas quilombolas está pautado na valorização dos saberes deixados pelos ancestrais, em especial, na formação inicial e continuada dos professores.

4.1 ENSINO PAUTADO NA VALORIZAÇÃO DOS SABERES ORIGINÁRIOS DA POPULAÇÃO NEGRA: UMA NECESSIDADE REAL PARA A SOBREVIVÊNCIA DOS QUILOMBOS

É indiscutível quão valorosa é a aplicabilidade do ensino dos saberes universais nas instituições de ensino, pois eles apresentam realidades além do nosso campo de visão, o desenvolvimento humano e global, e todos os fatores ocorridos nesse processo. Contudo, quando tratamos de ensino voltado às comunidades remanescentes de quilombos, faz-se necessário compreender que o aprendizado principal para a construção e fortalecimento da identidade do povo negro está centrado na história, nos saberes locais e nos ensinamentos deixados pelos seus ancestrais, e não de forma depreciativa como vem ocorrendo ao longo da história, situação destacada por Cruz (2008, p. 18):

A ascendência da funcionalidade dos saberes elementares, objeto da escolarização fez parte do processo de modernização do Brasil, cuja ideia de civilidade estivera centrada no esforço de adequar a vida cultural do Brasil aos valores e costumes das nações europeias, consideradas, numa perspectiva hierárquica, o ápice do desenvolvimento humano. Em contrapartida, almejava-se atingir o maior distanciamento possível da cultura das nações consideradas inferiores, as quais eram identificadas como detentoras de um nível baixo de desenvolvimento que se localizava entre a selvageria e a barbárie.

A deturpação e a ocultação dos fatos ocorridos no período colonial, a

imponência da cultura europeia e a difamação da cultura advinda da África prejudicaram fortemente o entendimento sobre a ancestralidade, principalmente a população afro-brasileira, que precisou lutar e ainda continua lutando para que a real história seja partilhada, principalmente nos livros didáticos, e discutida no âmbito escolar, local responsável pela formação da aprendizagem.

De acordo com Campos (2017, p. 214):

As leis educacionais voltadas a Educação Escolar Quilombola direcionam e ofertam ferramentas, para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem nos âmbitos escolares, pois são constituídas no respeito aos costumes e às particularidades dos alunos. No entanto, o que ainda dificulta esse processo, é a não efetivação das referidas normas, que têm como um dos principais focos, tornar público e de ciência de todos, o quão grande foi e continua sendo o papel da população negra na construção da sociedade brasileira.

A aplicabilidade da Lei nº 10.639/03, que alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), em seu artigo 26-A, tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana em todas as escolas da educação básica, ainda enfrenta resistência em seu cumprimento. A necessidade de viabilizar as alterações curriculares definidas pela Lei nº 10.639/03 corresponde a uma forma de justiça social a um povo que por séculos sofreu um doloroso processo de negação que resultou num apagamento em massa de seus feitos. Tal processo de negação contribuiu com a representação histórica distorcida do povo negro, ato perpetrado pelos mesmos ocultadores de suas memórias.

A inserção de um ensino centrado na real história do povo afro-brasileiros e africano, as considerações dos saberes constituídos nas relações comunitárias e familiares são procedimentos-chaves para ofertar aos alunos o resgate de memórias ancestrais e o despertar de sentimentos de valorização e pertencimento de um povo. Dessa forma, o processo de ensino reparará um estrago causado pelo grande esforço de apagamento da participação da população negra na formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, assim como seus destaques no cenário mundial.

Pressupomos, então, que trabalhar práticas pedagógicas com base nos saberes dos povos remanescentes de quilombo em sala de aula possibilitará o fortalecimento de um elo entre a escola e a comunidade, e as ações afirmativas desenvolvidas permitirão que as histórias e culturas do povo negro permaneçam vivas e potencializadas no cotidiano dos alunos. E esse resgate e valorização permanente

possibilitará a construção de um entendimento de que todos deverão ser vistos e tratados com igualdade, independentemente de cor e credo.

De acordo com Carvalho (2020, p. 1):

A Educação Escolar Quilombola faz parte de um quadro mais amplo de políticas educacionais voltadas para a (re) educação das relações étnico-raciais. Todavia, dentro da perspectiva educacional voltada para essas comunidades, a proposta de ensino possui especificidades em relação as diretrizes pensadas para as escolas tradicionais. Essa singularidade da proposta pedagógica voltada para as escolas dentro de comunidades quilombolas é pautada na compreensão de que cada território possui uma trajetória única, isto é, memórias, práticas, ancestralidade, religiosidade, experiências que lhes são próprias e que constituem os elementos que dão coesão e significado ao grupo e aos indivíduos.

Dessa forma, os professores, como os principais mediadores na construção da aprendizagem e formação da identidade dos discentes, precisam estar em constante atualização, compreendendo a grande relevância do ensino desenvolvido nas escolas dos territórios tradicionais, como ferramenta de resistência da cultura afro-brasileira e africana nas comunidades remanescentes de quilombo.

Buscando melhorias do processo educacional, a Conferência Nacional da Educação - CONAE (2010, p. 132), entendendo a necessidade de preparar os professores de forma pontual e direcionada, estabeleceu em suas determinações: “Promover formações específicas e diferenciadas (inicial e continuada) aos profissionais das escolas quilombolas”, com a finalidade de capacitá-los, para desenvolver materiais didáticos e pedagógicos, e metodologias de ensino, que atendam às especificidades da identidade étnico-racial da comunidade a que pertence.

Assim sendo, compreendemos a grande necessidade de trazer as temáticas étnico-raciais para o chão da escola, bem como a importância do trabalho dos professores em desenvolver metodologias de ensino pautadas no currículo real que dê enfoque às necessidades de aprendizagem da comunidade.

4.2 CURRÍCULO ESCOLAR QUILOMBOLA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO DOS SABERES ADVINDOS DA HISTÓRIA, COSTUMES E TRADIÇÕES DA POPULAÇÃO NEGRA

A partir de muitas lutas, a educação escolar quilombola, ao longo dos anos,

vem conquistando muitos avanços, entre eles um currículo direcionado ao atendimento específico para as necessidades educacionais da população negra remanescente dos territórios tradicionais e a aplicação de políticas afirmativas de valorização, conforme apresentado na Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012:

Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução. § 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica: I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se: a) da memória coletiva; b) das línguas reminiscentes; c) dos marcos civilizatórios; d) das práticas culturais; e) das tecnologias e formas de produção do trabalho; f) dos acervos e repertórios orais; g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) da territorialidade (Brasil, 2012).

Compreendemos, assim, que a existência de um currículo oficial permitirá o livre trabalho dos profissionais da educação a desenvolverem metodologias de ensino que, além de auxiliarem no desenvolvimento dos alunos na leitura e escrita, também os preparem para viver com dignidade na sociedade, com entendimento sobre o quanto foi e continua sendo importante a história de seu povo. Esse feito ocorrerá a partir das formações iniciais e contínuas dos docentes para que estes se capacitem cada vez mais para trabalhar metodologias de ensino pautadas na valorização dos saberes centrados nos costumes da população negra remanescente de quilombo, como determinado pela Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004:

Art. 1º A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores (Brasil, 2004, p.1).

Além da necessidade de manter as formações específicas e contínuas para os professores das comunidades remanescentes de quilombo, também precisamos acompanhar a aplicação das práticas de valorização dos saberes centrados na história, costumes e tradições da população negra no âmbito escolar, desde as temáticas a serem trabalhadas, as leituras apresentadas, as personalidades em destaque, o sentido das datas comemorativas, chegando até à elaboração do cardápio e preparo da alimentação, para que dessa forma as memórias permaneçam vivas e presentes na vida dos alunos, como orienta a CONAE 2010 no seu documento

final, onde determina que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão:

a) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional (Brasil, 2012, p. 425).

Haja vista que a sobrevivência histórica e cultural da população negra está vinculada à preservação dos costumes, como também aos ensinamentos trabalhados nas escolas pertencentes a seus territórios, potencializa-se, assim, a necessidade de elaboração de um currículo real que acompanhe as características e especificidades do quilombo e seus remanescentes, bem como a necessidade da preparação dos professores em suas formações, para que estes busquem práticas de ensino com destaque às ações afirmativas de valorização dos saberes existentes e advindos dos fazeres ancestrais.

Seguindo o que diz Carvalho (2020, p. 9):

Portanto alertamos para a importância de que nas escolas em territórios quilombolas o currículo seja construído em diálogo com as representações e que seja levado em consideração o ensino da cultura e história local, para que essa identidade não se torne estranha aos estudantes dentro do próprio ambiente escolar. Para isso, é indispensável que os (as) professores (as) possam ter acesso à formação continuada e de qualidade, que contribua para a sua capacitação para elaboração dos currículos e da proposta pedagógica, e não como simples palestras informativas sobre as leis e/ou prescrever fórmulas de como deve ser ensinado a temática da cultura africana e afro-brasileira nas suas aulas. O currículo deve ser construído na prática, pelos próprios que são e vivem aquela realidade, que entendem as dificuldades e necessidades daqueles jovens.

Desse modo, compreendemos que o ponto central para que os ensinamentos desenvolvidos nas escolas quilombolas assegurem a essência da história do povo negro está atrelado à presença de professores com aptidão para trabalhar as temáticas étnico-raciais e que recebam constantemente formações iniciais e continuadas específicas.

4.3 FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: DIREITO GARANTIDO AOS PROFESSORES DAS ESCOLAS QUILOMBOLAS

Ao analisar o processo de ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula, pressupomos que essa modalidade continua enfrentando

problemáticas em sua execução, e acreditamos que as principais dificuldades estão centradas em frágeis formações oferecidas aos professores e aos demais profissionais da educação.

Dessa forma, compreendemos que essa possível negligência permite a abertura de espaços para julgamentos desfavoráveis sobre a importância da inserção da temática étnico-racial nas escolas, fortalecendo a incredibilidade sobre a relevância da educação quilombola na formação dos alunos, assim como para o desenvolvimento da sociedade brasileira. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola – DCN chamam atenção para o contexto mais amplo de negligência com a educação quilombola:

Nesse contexto mais amplo de produção de legislações, ações e políticas voltadas para a questão quilombola, no Brasil, que a política educacional começa, aos poucos, a compreender que a Educação Escolar Quilombola vem sendo negada como um direito. Entretanto, na gestão dos sistemas de ensino, nos processos de formação de professores, na produção teórica educacional, essa realidade tem sido invisibilizada ou tratada de forma marginal. São as pressões das organizações do Movimento Quilombola e do Movimento Negro que trazem essa problemática à cena pública e política e a colocam como importante questão social e educacional (Brasil, 2012, p. 440).

Ainda com base nas DCNs (2012), acreditamos na necessidade de exigir dos gestores educacionais atitudes mais concisas que garantam de fato o desenvolvimento do processo educacional nas comunidades tradicionais, levando em consideração se as propostas apresentadas no projeto político pedagógico utilizado nas escolas quilombolas contemplam o seu público, como também a análise do perfil e preparo dos profissionais que irão conduzir o processo de ensino nessas localidades.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola:

Ao se analisar a realidade educacional dos quilombolas, observa-se que só o fato de uma instituição escolar estar localizada em uma dessas comunidades ou atender a crianças, adolescentes, jovens e adultos residentes nesses territórios não assegura que o ensino por ela ministrado, seu currículo e o projeto político-pedagógico dialoguem com a realidade quilombola local. Isso também não garante que os profissionais que atuam nesses estabelecimentos de ensino tenham conhecimento da história dos quilombos, dos avanços e dos desafios da luta antirracista e dos povos quilombolas no Brasil (Brasil, 2012, p. 447).

O processo de ensino e aprendizagem direcionado às comunidades remanescentes de quilombos precisa conter, intrinsecamente em sua estrutura

didática e pedagógica, metodologias que desenvolvam o sentimento de pertencimento e a valorização dos costumes vivenciados ao longo da história do território.

Contudo, preservar memórias e costumes e o despertar dos alunos pela valorização da história de seu povo só acontecerão se existir, de fato, conhecimentos e interesse dos professores e demais profissionais da educação sobre as temáticas étnico-raciais, para que possam cumprir as diretrizes estabelecidas para o funcionamento digno das instituições de ensino nas escolas quilombolas.

A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituída pelo Decreto nº 6.040, de 2007, reconhece os quilombos como comunidades tradicionais com grupos culturalmente diferenciados, que transmitem pela tradição seus conhecimentos e práticas: cultural, social, religiosa, ancestral e econômica desenvolvidas em seu território.

Conforme o exposto, compreendemos que as práticas educativas desenvolvidas no âmbito escolar nas comunidades remanescentes, deverá ter como base a realidade em que a instituição está inserida, para que haja um equilíbrio na construção e valorização dos saberes, como destacado por Pimenta (1997, p. 6):

Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem, permanentemente, irem construindo seus saberes fazeres docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino, como prática social, lhes coloca no cotidiano.

Com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola (2013), o processo de ensino e aprendizagem nos territórios tradicionais requer pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade, assim como a formação de seus professores. Dessa forma, além de proporcionar a valorização cultural e identitária do povo negro remanescente de quilombo, a escola também combaterá as várias formas de discriminações.

Conforme o que diz Tardif (2014, p. 38):

Além dos saberes produzidos pelas ciências da educação dos saberes pedagógicos, a prática docente incorpora ainda saberes sociais definidos e selecionados pela instituição universitária. Esses saberes integram-se igualmente a prática docente através da formação (inicial e contínua) dos professores...

Assim, entendemos que formar os professores é permitir que estes tragam

para a sala de aula saberes que atendam às especificidades sociais, como as desenvolvidas com base nas relações étnico-raciais, colocando em pauta abordagens com base nas descobertas e feitos de personalidades negras que contribuíram e continuam de forma árdua lutando pelo desenvolvimento da humanidade. Assim, os alunos poderão desenvolver a compreensão sobre a existência de um passado vivido, mas que propositalmente não foram mostrados, como também, o entendimento sobre a escravidão como um ato cruel e opressor, e não uma característica e definição de um povo.

De acordo com as afirmativas de Teixeira (2016, p. 169):

O estudo da história afro-brasileira na sala de aula é essencial para o entendimento da trajetória do negro no Brasil, que remonta desde a época da colonização até os dias atuais, e a partir disso entender como se desenvolveu o racismo, a discriminação e a visão do negro como ser inferior e incapaz. É também importante mostrar o “outro lado” da história, onde temos a conscientização dos alunos para uma visão realista dos acontecimentos históricos, demonstrando o verdadeiro papel do afrodescendente na nossa história e quais foram os meios usados para lhe tirarem essa posição.

A autora ressalta a importância de trazer para o âmbito escolar temáticas Étnico-Raciais, para o entendimento sobre a história do povo negro afro-brasileiro, sua importância na formação da sociedade brasileira, e os fatores causadores do processo de discriminação, negacionismo e as faces cruéis do racismo, para que os alunos consigam compreender, respeitar, valorizar sua origem e se tornem aptos para lutar pelos seus direitos.

Compreendemos que preservar memórias e valorizar a cultura e costumes de um povo vão muito além de um simples direcionamento curricular “existente” em algumas escolas de territórios quilombolas; no entanto, trata-se de fomentar a sobrevivência e a igualdade de um povo, que até na atualidade continua sofrendo usurpação de seus direitos e de sua história. Assim reforçamos mais ainda a importância da formação do professor para que este se sinta capaz e consiga exercer, de fato, o papel transformador dentro dos territórios.

Conforme destaca Costa (2015, p. 96):

Formar o professor sem termos uma definição precisa de seu trabalho é muito difícil. Em termos de educação escolar quilombola, parece-nos que a formação ainda é muito mais complexa, pois implica construção de novos quadros de referência, novos paradigmas e formas de abordagem, tanto no que diz respeito às práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, quanto no que diz respeito à formação inicial e continuada de professores, de modo que possam melhor corresponder aos princípios e objetivos que orientam a

educação escolar quilombola.

A complexidade de trabalhar a educação quilombola exige cada vez mais da gestão educacional, a identificação do perfil dos profissionais, em especial os professores e gestores escolares que desenvolverão trabalhos nas instituições pertencentes aos territórios quilombolas. Esses profissionais devem receber formações iniciais e continuadas pautadas nos saberes e valorização da população negra, respeitando as particularidades dessas comunidades.

O entendimento sobre a necessidade de direcionar professores que vivam, entendam e reconheçam o processo histórico da formação e construção da sociedade brasileira, e, principalmente, tenham satisfação em trabalhar as temáticas étnico-raciais nas escolas tradicionais, também estão descritos nos princípios da educação escolar quilombola em seu art. 8, § 4º, com a seguinte redação: “Presença preferencial de professores e gestores quilombolas nas escolas quilombolas e nas escolas que recebem estudantes oriundos de territórios quilombolas” (Brasil, 2012, p. 26).

Entendemos, dessa forma, que o sentimento de pertencimento e a valorização dos saberes acontecerão com mais afinco, se esse for advindo de professores que têm sua história gestada no contexto das comunidades quilombolas. Esses profissionais devem conjugar a formação acadêmica com o lindo e importantíssimo papel dos griôs, que, com seus conhecimentos empíricos mantiveram viva a memória cultural e identitária de seu povo.

5. UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO NO CONTEXTO ESCOLAR DA ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANTONIO III – MATÕES DO NORTE - MA

A Escola Municipal Santo Antônio III está localizada na zona rural de Matões do Norte, a 15 km da sede do município, inscrita no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) sob o número 21057044, e está inserida num território quilombola que engloba aproximadamente 30 comunidades, segundo relatório do INCRA (2018).

A referida instituição de ensino faz parte das escolas da educação do campo, pertencentes ao Polo IV, divisão realizada para o melhor atendimento e acompanhamento dos trabalhos.

No que se refere ao espaço físico, a escola tem sua construção em alvenaria, com 02 (duas) salas, 01 (uma) cozinha, 02 (dois) banheiros, e área externa demarcada com muros. Sua estrutura física está sendo ampliada e receberá mais duas salas de aula climatizadas para melhor atender os discentes. A referida escola dispõe sobre abastecimento próprio de água (poço artesiano) e recebe cobertura de internet banda larga.

Figura 16 - Fachada da Escola Municipal Santo Antônio III



Fonte: Silva, Thiago Mesquita, jun. 2024

A Escola Municipal Santo Antônio III, em sua estrutura de ensino, oferta as seguintes etapas, de acordo com Censo Escolar (2022, p. 1): Educação Infantil, com atendimentos de creche e pré-escola, com 20 (vinte) alunos matriculados; Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com 16 (dezesesseis) alunos; Educação de Jovens e Adultos, com 31 (trinta e um) alunos; e Educação Especial, com matrícula de 02 (dois) alunos.

O quadro funcional da escola dispõe de 02 (dois) coordenadores, 01 (um) supervisor responsável pelo território, 01 (um) gestor, 04 (quatro) professores, 01 (uma) servente e 01 (um) agente de portaria.

5.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa visa contribuir no fortalecimento e valorização da identidade negra remanescente de quilombo, a partir da inserção e desenvolvimento das temáticas étnico-raciais no cotidiano das escolas pertencentes aos territórios tradicionais.

No que se refere à realização do estudo, buscamos o entendimento sobre como está acontecendo o processo educacional na escola Municipal Santo Antônio III, acompanhando o cotidiano da comunidade escolar e sua relação com o entorno, tendo como base a pesquisa, como destaca Minayo (2001, p. 21-22):

Ressaltamos a pesquisa qualitativa como um dos tipos de análises a serem trabalhadas, pois “Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações”

As informações adquiridas durante a pesquisa, tiveram como base de investigação os eixos norteadores constituídos a partir das problematizações, buscando o entendimento sobre a inserção e desenvolvimento das temáticas étnico-raciais no âmbito escolar da comunidade tradicional Santo Antônio.

Para início do processo investigativo, recebemos autorização do Secretário Domingos Araújo Casas Nova, da Secretaria Municipal de Educação Cultura Esporte e Lazer, que atenciosamente protocolou a Carta de Apresentação para a Concessão da Pesquisa de Campo, no dia 17 de janeiro de 2024.

Na data de 25 de junho de 2024, buscando a continuidade do trabalho, foram

realizadas visitas na Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, a primeira delas, para reunir com a Coordenadora Geral da Educação do Campo, a fim de que esta desse direcionamento sobre quais os profissionais trabalham no polo IV, especificamente, na Escola Municipal Santo Antônio III, onde recebemos uma relação com nomes e função de cada funcionário.

As entrevistas³ foram realizadas no setor de Coordenação da Educação do Campo, nos dias 26 de junho e 9 de julho de 2024 com a Coordenação Pedagógica e supervisão. No dia 11 de julho do referido ano, realizamos a entrevista com o corpo docente nas dependências da Escola Municipal Santo Antônio III, para obter *in loco* as informações necessárias para a concretização deste estudo.

Realizamos mais duas visitas no Povoado Santo Antônio para fins investigativos, nos dias 13 e 25 de agosto de 2024. No primeiro dia, realizamos um momento de conversa sobre a cultura, costumes e tradições da comunidade; no segundo dia, um pouco mais de conversa, seguida de apresentação do Tambor de Crioula Raízes de Santo Antônio.

De acordo com Marconi e Lakatos, (2003, p. 186):

A pesquisa de campo, pois ela tem como objetivo: conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta ou de uma hipótese que se queira comprovar ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Buscando mais informações sobre as histórias, contos e lendas vivenciados no território quilombola de Matões do Norte, realizamos no dia 17 de novembro, no Povoado Lago do Coco, uma roda de contação de histórias, onde tivemos acesso a informações importantes que constitui a parte mística vivida pelos ancestrais da localidade.

5.1.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Os instrumentos de coleta de dados foram desenvolvidos no formato de entrevistas semiestruturadas, aplicadas com a coordenação pedagógica da educação do campo e o corpo docente da Escola Municipal Santo Antônio de Matões do Norte.

³ Sobre os entrevistados, foram bem receptivos e responderam às questões com convicção e segurança. No entanto, um dos informados pela coordenação geral, que seria também responsável por coordenar o processo educativo da escola investigada, agendou e desmarcou várias datas para entrevista e, por fim, não respondeu mais às tentativas.

Seguindo o que diz Minayo (2009, p. 64-66), a entrevista semiestruturada combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.

Quanto aos sujeitos da pesquisa, participaram: coordenadores, supervisor, gestor e professores da Escola Municipal Santo Antônio III, turno vespertino, anos iniciais do ensino fundamental, e foram direcionadas perguntas seguindo um formulário de entrevista.

As entrevistas com os coordenadores e supervisores aconteceram de forma individual e em dias distintos nas dependências da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer; as realizadas com os professores ocorreram no mesmo dia na Escola Municipal Santo Antônio III.

5.2 O CURRÍCULO DA ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANTÔNIO III E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA QUILOMBOLA

Visando analisar de que forma o currículo da Escola Municipal Santo Antônio III contempla práticas pedagógicas de valorização da identidade negra quilombola que dialoguem com a realidade quilombola dos discentes, foram entrevistados os coordenadores, supervisor, gestor e um professor da referida escola.

Os dados coletados foram analisados de acordo com as categorias originadas nas seguintes questões norteadoras da pesquisa: O que os docentes da escola quilombola Santo Antônio III sabem sobre a história política e social dos quilombos no Brasil e Maranhão? Quais entendimentos teóricos e práticos sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, os docentes da escola que será pesquisada possuem? Como os docentes da escola que será pesquisada desenvolvem suas práticas pedagógicas sobre a educação étnico-racial voltada para a população negra?

Para darmos início à discussão sobre as práticas de valorização cultural dos remanescentes de quilombos na escola quilombola Santo Antônio III, buscamos primeiramente fazer um levantamento sobre como esses profissionais que estão responsáveis pelo desenvolvimento do processo educacional da escola, pertencente ao território tradicional quilombola, localizada no município de Matões do Norte, se autodefinem quanto às categorias de raça e cor.

Para este fim, perguntamos aos participantes como eles se declaram em relação à cor de sua pele, obtendo as respostas dispostas no quadro seguinte:

Quadro1: Declaração Racial dos profissionais entrevistados

ENTREVISTADOS	PRETO	PARDO	BRANCO	INDÍGENA	AMARELO
Profissional 1		X			
Profissional 2		X			
Profissional 3		X			
Profissional 4	X				

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com as informações apresentadas durante a entrevista, os 03 (três) dos 04 (quatro) participantes do estudo se autodeclararam pardos, quando perguntados sobre a cor de sua pele, e apenas 01 (um) se reconhece como preto.

As respostas chamam a atenção ao identificar que 03 (três) dos profissionais entrevistados residem no território quilombola e têm clareza sobre a importância da autodefinição. Essa declaração fortalece a necessidade de implementar um processo educacional de relações étnico-raciais dentro dos quilombos, para que haja esse despertar do autorreconhecimento e valorização da população negra.

Visando desenvolver um melhor entendimento sobre o perfil dos entrevistados, fizemos um levantamento sobre as formações dos profissionais que estão responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem da Escola Municipal Santo Antônio III.

Para alcançar os resultados, perguntamos aos participantes da pesquisa qual a formação deles, obtendo as respostas dispostas no quadro abaixo:

Quadro 2: Formação dos profissionais entrevistados

ENTREVISTADOS	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	FORMAÇÃO
Profissional 1	Superior com especialização	Licenciatura em Ciências Biológicas; Especialização em Gestão Educacional e Escolar
Profissional 2	Superior incompleto	Licenciatura em Matemática (Cursando).
Profissional 3	Superior com especialização	Licenciatura em Pedagogia; Especialização em Gestão de

		Recursos Humanos.
Profissional 4	Superior	Licenciatura em Pedagogia

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme as respostas explicitadas no quadro acima, a maioria dos entrevistados possui formação de nível superior, sendo que 02 (dois) dos 04 (quatro) participantes já constam em seus currículos especializações. Apenas 01 (um) dos profissionais responsáveis pela organização do processo educacional da E. M. Santo Antônio III ainda não concluiu o ensino superior.

Dessa forma, compreendemos que é de fundamental importância que os gestores e demais profissionais da educação já tenham ou estejam no processo de conclusão do nível superior, contudo, também é essencial que as escolas quilombolas recebam profissionais que tenham conhecimentos sobre o ensino das relações étnico-raciais, e quão importante é desenvolver ações de enfrentamento ao racismo e fortalecimento da identidade negra nessas instituições, pertencentes aos territórios tradicionais.

Nos tópicos seguintes apresentamos os resultados das entrevistas com os participantes da pesquisa, de acordo com cada categoria gerada pelas questões norteadoras da pesquisa.

5.2.1 A HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL DOS QUILOMBOS NO BRASIL E NO MARANHÃO NA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA ESCOLA QUILOMBOLA SANTO ANTÔNIO III

A Educação Escolar Quilombola tem sido assunto bastante discutido nos últimos tempos, entre eles, surge fortemente a necessidade de capacitar professores e gestores educacionais, com formações que os preparem para trabalhar as temáticas étnico-raciais com propriedade e principalmente, com o desejo de manter viva, a história, costumes e, essencialmente, a identidade do povo negro.

Seguindo o que diz Carvalho (2020, p. 13):

É preciso que as instâncias governamentais cumpram o seu papel no oferecimento das condições necessárias para a realização de uma educação de qualidade disponibilizando os materiais didáticos-pedagógicos, formações continuadas (especializações, mestrados e doutorados) para que os(as) professores(as) possam atuar de forma mais qualificada nas suas atividades. Como também que possa ser garantido de fato as condições para a

permanência de alunos(as) e professores(as) no próprio território, para que possam desenvolver suas potencialidades sem precisar se ausentar dos seus grupos.

É de fundamental importância dispor de um corpo docente com nível superior, ou que esteja no caminho da formação, porém o desejável e mostrado em lei é que esses profissionais sejam capacitados, para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem que atenda às especificidades do seu público, e deem continuidade à função exercida pelos grãos, de manter viva a memória dos ancestrais, despertando o sentimento de pertencimento nos alunos e na comunidade de entorno.

O ensino sonhado para as comunidades tradicionais vai além da formação superior, ele carece de profissionais identificados com a causa, que pertençam ao território, ou então sejam simpatizantes e lutem por políticas afirmativas que atendam às necessidades do povo negro remanescente de quilombo.

Sendo assim, perguntamos se durante a sua formação acadêmica, eles tiveram acesso a disciplinas que trataram sobre a história da população negra no Brasil, além do que se refere à escravidão no Brasil. O quadro 3 sintetiza as respostas apresentadas.

Quadro 3: Sobre a história da população negra no Brasil, além do que se refere à escravidão, nas disciplinas estudadas na formação inicial

ENTREVISTADOS	SIM OU NÃO	COMENTÁRIO
Profissional 1	Não	Não tive uma cadeira específica, mas como se trata de um assunto bem contemporâneo, sempre foi abordado como temas de seminários e palestras durante a formação.
Profissional 2	Não	Sem comentário
Profissional 3	Não	Sem comentário
Profissional 4	Sim	Sem comentário

Fonte: Elaborado pela autora.

Com as respostas apresentadas no quadro acima, podemos entender que a temática sobre as relações étnico-raciais, mesmo sendo um assunto atual, ainda não se faz tão presente nos cursos de formação. Isto demonstra o quanto ainda precisam ser efetivadas as políticas voltadas à reparação histórica reafirmada nas leis em prol da população negra, especialmente em sala de aula.

Seguindo as afirmativas de Ribeiro (2010, p. 11):

No campo da formação se torna premente a introdução, nos cursos de formação de professores e de outros profissionais da educação: de análises das relações sociais e raciais no Brasil; de conceitos e de suas bases teóricas, tais como racismo, discriminações, intolerância, preconceito, estereótipo, raça, etnia, cultura, classe social, diversidade, diferença, multiculturalismo; de práticas pedagógicas, de materiais e de textos didáticos, na perspectiva da reeducação das relações étnico-raciais e do ensino e aprendizagem da História e Cultura dos Afro-brasileiros e dos Africanos.

Neste sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira (DCN, p. 1), em sua Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004, afirmam:

Art. 1º A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores. § 1º As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP nº 3/2004.

A inserção da temática ética-racial nos processos formativos, independentemente de qual área territorial o profissional irá exercer sua função, torna-se indispensável, pela necessidade de tornar-se público os conhecimentos referentes à história, e as grandes contribuições do povo negro na construção do país e formação da sociedade brasileira.

Ainda procurando entender se, de algum modo, estes profissionais da educação que atuam em uma escola quilombola tiveram acesso aos conhecimentos necessários para a construção identitária das crianças com quem trabalham, fizemos a seguinte pergunta: Os movimentos de enfrentamento e resistência à escravidão no Maranhão, foram conteúdos discutidos no seu processo formativo?

As respostas desta questão aparecem no quadro abaixo:

Quadro 4: Os movimentos de enfrentamento e resistência à escravidão no Maranhão como conteúdos discutidos no processo formativo inicial

ENTREVISTADOS	SIM OU NÃO	COMENTÁRIO
---------------	------------	------------

Profissional 1	Sim	Esse tema sempre estava em foco nas rodadas de discussões e diálogos
Profissional 2	Não	Sem comentário
Profissional 3	Não	Sem comentário
Profissional 4	Não	Sem comentário

Fonte: Elaborado pela autora.

A tímida inserção do ensino sobre a história, cultura e tradições dos negros nos cursos de formação superior, contribui no distanciamento da construção do conhecimento sobre as relações étnico-raciais tanto do universitário quanto do público que será atendido por esses profissionais após concluir a formação.

Conhecer ou reconhecer a história do povo negro remanescente de quilombo no Brasil requer buscar páginas não impressas de um passado vivido e não mostrado nos livros didáticos e em matérias da imprensa que relatavam o cotidiano do país.

Os movimentos de resistência à escravidão e luta por garantia de direitos, como os relacionados à educação, pouco aparecem, e o que muito se destacou por séculos foram as tentativas de alienar um povo negro e os seus diferentes, sobre a descendência de uma situação de escravo, diferente de mostrar a ação cruel de escravizado.

Conforme o que afirma Luna (2017, p. 26):

Nesta perspectiva, o currículo deve ser composto de elementos, conhecimentos e saberes quilombolas, no sentido de tornar a história viva, através de um resgate constante de um passado próximo. Lembrando das lutas, vitórias e resistência dos quilombos ao longo do tempo, hoje são símbolos de resistência e identidade de um povo.

O não entendimento sobre a importância da aplicabilidade dessas temáticas nas formações, dificultam a expansão da verdadeira história de lutas dos negros africanos e afro-brasileiros no país, além de diminuir a relevância de trabalhar as relações étnico-raciais no chão da escola, pois não são vistas como necessárias por não estarem contidas no currículo escolar, muito menos no universitário, de onde vem a responsabilidade de preparar os profissionais para o mercado de trabalho.

Observando a quase inexistência de conhecimentos voltados para as relações étnico-raciais na formação inicial dos profissionais entrevistados, direcionamos as perguntas para identificar se eles tiveram acesso a esses conhecimentos na formação

continuada. Sendo assim, elaboramos a seguinte questão: Existem formações continuadas ofertadas pelo município, com temáticas étnico-raciais direcionadas aos professores que trabalham nas escolas pertencentes aos territórios quilombolas?

O quadro 5 sintetiza as respostas dos entrevistados:

Quadro 5: Formações continuadas ofertadas pelo município, com temáticas étnico-raciais direcionadas aos professores que trabalham nas escolas pertencentes aos territórios quilombolas

ENTREVISTADOS	SIM OU NÃO	COMENTÁRIO
Profissional 1	Não	Ainda não temos formações continuadas até o momento, mas é um assunto muito importante para estarmos indo em busca para trazeremos um curso assim para o município.
Profissional 2	Não	Sem comentário
Profissional 3	Não	Sem comentário
Profissional 4	Sim	Sem comentário

Fonte: Elaborado pela autora.

Para garantir um ensino inclusivo e de respeito às diversidades socioculturais, os profissionais responsáveis por desenvolver esse trabalho necessitam de preparação, que vem principalmente das formações, seja ela inicial, seja continuada.

Sobre o processo formativo dos profissionais da educação que trabalham nas escolas pertencentes aos territórios tradicionais, de acordo com o documento final da Conferência Nacional de Educação (CONAE 2010), é de responsabilidade da União, dos Estados, Distrito Federal e dos Municípios: c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/às profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de matérias didático-pedagógico contextualizadas com a identidade étnico-racial do grupo.

As escolas pertencentes aos territórios tradicionais, além desenvolver o ensino global, necessita de um olhar e de uma metodologia muito especial, pois o seu público-alvo carrega em sua história muitos anos de direitos reprimidos, sofrendo diversas formas de castigos e preconceitos advindos de uma grande parcela da sociedade que carrega em sua essência um sentimento de superioridade.

Dessa forma, torna-se indispensável a presença de professores e profissionais da educação capacitados para desenvolver um ensino de valorização

cultural e identitária, e respeito às diferenças.

A seguir, nos deteremos nas análises sobre as opiniões dos profissionais acerca da relevância dos conteúdos sobre as relações étnico-raciais para a educação de crianças quilombolas, em conformidade com o que dispõem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

5.2.2 OS PROFISSIONAIS DA ESCOLA SANTO ANTÔNIO III E SUAS INTERPRETAÇÕES SOBRE A RELEVÂNCIA DOS CONTEÚDOS SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS EM CONFORMIDADE COM AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Visando saber o que pensavam os profissionais entrevistados acerca da relevância dos conteúdos sobre as relações étnico-raciais para a educação de crianças quilombolas, em conformidade com o Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, apresentamos a seguinte pergunta: Na sua opinião, trabalhar conteúdos que apresentem a história da população africana e afro-brasileira, suas contribuições na formação da sociedade brasileira, possibilita aos negros remanescentes de quilombo um processo de valorização e sentimento de pertencimento?

Quadro 6: Sobre a relevância de trabalhar conteúdos que apresentem a história da população africana e afro-brasileira, suas contribuições na formação da sociedade brasileira para o processo de valorização e sentimento de pertencimento dos negros remanescentes de quilombo

ENTREVISTADOS	SIM OU NÃO	COMENTÁRIO
Profissional 1	Sim	Trabalhar essa temática é reforçar o valor, a identidade, a cultura africana como uma base para a nossa identidade miscigenada que herdamos dos africanos.
Profissional 2	Sim	Estão sendo desenvolvidos trabalhos e projetos pedagógicos com essa finalidade.
Profissional 3	Sim	Porque fica mais claro, e eles podem se sentir mais valorizados
Profissional 4	Não	Sem comentário

Fonte: Elaborado pela autora.

Fazendo um paralelo do que foi apresentado como resposta, a maioria entrevistada acredita na importância de trabalhar as temáticas das relações étnico-raciais em sala para a valorização e desenvolvimento do sentimento de pertencimento dos alunos. Havendo a discordância de 01 (um) dos entrevistados sobre a relevância desse conteúdo em sala de aula.

A população negra, ao longo de séculos, teve sua história contada a partir de uma visão eurocentrista, e esse fato incentivou em muitos o desejo de fugir das características e semelhanças de seus descendentes, buscando todas as mudanças possíveis nos seus traços genéticos.

Segundo Carvalho (p. 3-4):

Um dos desafios e objetivos da educação das relações étnico-raciais é o de potencializar por meio da educação a autoestima da população negra (BRASIL, 2012), isto é, desnaturalizar a lógica eurocêntrica da narrativa histórica no saber escolar. Fato que consagra abordagens simbolicamente opressivas, legitimando toda uma carga de preconceito e discriminação que permeiam o cotidiano dos brasileiros. Essas representações da identidade negra acabam sendo perpetuadas no ambiente que deveria ser responsável por desconstruí-las: a escola.

Trazer para a sala de aula a verdadeira trajetória dos africanos e afro-brasileiros, seus feitos, as personalidades, as contribuições no desenvolvimento do Brasil, a resistência em busca da liberdade e direitos, certamente despertará um sentimento de pertencimento e orgulho de suas origens. O que antes era visto como seres que nasceram escravos e aceitaram essa condição, a pessoas que foram obrigadas a viver numa situação sub-humanas, mas que não aceitaram e lutaram fortemente por suas liberdades.

Outra pergunta que direcionamos aos entrevistados foi: No seu entendimento, as políticas sociais direcionadas à população remanescente de quilombo contribuem para o bem-estar, fortalecimento da identidade e cultura nos territórios tradicionais? No quadro 6, estão registradas as respostas dadas pelos entrevistados.

Quadro 7: Políticas sociais direcionadas à população remanescente de quilombo e que contribuem para o bem-estar, fortalecimento da identidade e cultura nos territórios tradicionais

ENTREVISTADOS	SIM OU NÃO	COMENTÁRIO
Profissional 1	Sim	Porém ainda está muito fragilizada e precisa ser mais reforçada e as leis precisam ser efetivadas como uma obrigatoriedade dos direitos

		garantidos.
Profissional 2	Não	Pois as políticas públicas não alcançam as comunidades de fato.
Profissional 3	Sim	Contribui porque informa a todos que estão inseridos.
Profissional 4	Não	Sem comentário

Fonte: Elaborado pela autora.

As respostas apresentadas no quadro demonstram uma clara insatisfação no que diz respeito à aplicabilidade das políticas públicas direcionadas aos territórios tradicionais, e essa dificuldade no acesso fragiliza os movimentos que lutam pela efetivação desses direitos.

Sabemos que a partir de muitas lutas dos movimentos sociais organizados, a população negra e remanescentes de quilombo conquistaram direitos fundamentais à terra, moradia, cultura, saúde e educação etc. No entanto, para ter acesso a esses benefícios, as comunidades necessitam de organização e resistência para vencer os processos burocráticos.

Pereira (2024, local 13) afirma que:

[...] a inclusão da população quilombola como destinatários das políticas públicas, exige a abordagem das instituições que promoveram as políticas públicas e de seus agentes, com uma atenção capaz de lidar de forma coerente com as especificidades deste povo devido às suas formas distintas de organização social e cultural. Logo, as ações de desenvolvimento voltadas para essa população devem seguir estratégias pautadas em um modelo de desenvolvimento, baseadas nas características territoriais e nas particularidades culturais dos povos e comunidades tradicionais de matriz africana, visando a sua sustentabilidade ambiental, social, cultural, econômica e política.

As dificuldades de acesso às políticas afirmativas direcionadas aos territórios quilombolas trazem insegurança em relação à aquisição desses benefícios, fazendo com que algumas comunidades passem a ser registradas como assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) ou Instituto de Colonizações e Terras do Estado do Maranhão (ITERMA).

5.2.3 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SOBRE A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL VOLTADA PARA A POPULAÇÃO NEGRA

Visando saber o sobre as práticas pedagógicas sobre a educação étnico-racial voltada para a população negra, perguntamos sobre a existência de Proposta Pedagógica Curricular na escola objeto do estudo. Questionados a esse respeito, os profissionais responderam conforme exposto no quadro seguinte:

Quadro 08. A Escola Municipal Santo Antônio III e sua Proposta Pedagógica Curricular

ENTREVISTADOS	SIM OU NÃO	COMENTÁRIO
Profissional 1	Não possui Proposta Pedagógica Curricular	Sem comentário
Profissional 2	Não possui Proposta Pedagógica Curricular	Sem comentário
Profissional 3	Não possui Proposta Pedagógica Curricular	Sem comentário
Profissional 4	Não possui Proposta Pedagógica Curricular	Sem comentário

Fonte: Elaborado pela autora.

Toda instituição de ensino necessita de uma organização curricular para um bom funcionamento da estrutura e bem-estar no ambiente escolar, assim como o foco principal, que é o bom desempenho dos alunos.

Conforme as afirmativas de Benedetti (2021):

A proposta pedagógica é o documento que reflete a identidade da escola, sua missão e seus valores. Construída por toda a comunidade escolar, a proposta pedagógica dá o direcionamento para garantir o aprendizado dos alunos e como ele será alcançado. Além das disciplinas e metodologias adotadas, a proposta pedagógica apresenta os métodos de ensino que formam a linha educacional da escola, as diretrizes que vão guiar a construção dos currículos, calendários, entre outros tópicos fundamentais. (Grifo da autora).

A ausência da Proposta Pedagógica Curricular no âmbito escolar sinaliza que esta segue direcionamentos, acompanhando as diretrizes curriculares estabelecidas em outra instituição ou polo, podendo ter semelhanças na realidade a que pertence, ou não.

Outra pergunta apresentada foi: Pressupondo que a E. M. Santo Antônio possua a Proposta Pedagógica Curricular, esse documento deveria seguir as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola?

Quadro 09: Proposta Pedagógica Curricular e adequação com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola

ENTREVISTADOS	SIM OU NÃO	COMENTÁRIO
Profissional 1	Não existe	Sem comentário
Profissional 2	Não existe	Sem comentário
Profissional 3	Sim	Sem comentário
Profissional 4	Não existe	Sem comentário

Fonte: Elaborado pela autora.

Estabelecendo uma conexão com as respostas do Quadro 8, que em sua totalidade negam a existência da proposta pedagógica curricular da E. M. Santo Antônio III. Os entrevistados, ao serem questionados, no Quadro 9, se, caso a escola tivesse esse documento norteador, esse seguiria as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola? 03 (três) dos participantes se firmaram apenas em negar a existência da proposta, apenas 01 (um) entrevistado respondeu que sim, reforçando o entendimento sobre a importância de um currículo escolar afinado com as necessidades identitárias de populações tradicionais excluídas socialmente.

Outra questão apresentada aos entrevistados foi a seguinte: Caso as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola não sejam a base norteadora na construção da Proposta Pedagógica Curricular da E. M. Santo Antônio III, quais outras diretrizes deveriam ser utilizadas na construção do referido documento?

No quadro 10, responderam da seguinte forma:

Quadro 10. Documentos norteadores na construção da Proposta Pedagógica Curricular da E. M. Santo Antônio III

ENTREVISTADOS	DIRETRIZES NORTEADORAS	COMENTÁRIO
Profissional 1	✓ Documento Curricular do Território Maranhense	Sem comentário
Profissional 2	✓ Documento Curricular do Território Maranhense; ✓ Plano de Ensino Municipal.	Sem comentário
Profissional 3	✓ Documento Curricular do Território Maranhense	Sem comentário
Profissional 4	✓ Documento Curricular do Território Maranhense	Sem comentário

Fonte: Elaborado pela autora.

Observamos que, unanimemente, os entrevistados se reportam ao Documento Curricular do Território Maranhense – DCTMA (2019) como possível base para construção de uma proposta curricular da escola. Contudo, no mesmo sentido das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, o DCTMA (2019, p. 15) chama atenção para a necessidade de considerar o contexto local, especificidades e a cultura da clientela escolar, conforme descrito:

A contextualização das propostas curriculares tem como objetivo dar sentido e aplicabilidade ao que é estudado nas escolas, por meio da exploração, do entendimento e do respeito às especificidades de cada lugar, para desse modo formar cidadãos capazes de crescer enquanto indivíduos e enquanto coletividade. Essas proposições devem, pois, apostar em atividades que estimulem a observação, a identificação e a articulação entre fenômenos científicos, culturais, sociais, políticos, comportamentais etc., que fazem parte do convívio dos estudantes.

De acordo com as informações obtidas durante a pesquisa, a Escola Municipal Santo Antônio III desenvolve o seu trabalho pedagógico a partir do Plano de Ensino, que segue como base o Documento Curricular do Território Maranhense- DCTMA. Esse, por sua vez, é construído para atender as escolas organizadas por polos da educação do campo.

O Plano de Ensino é uma importante ferramenta de organização do processo educacional nas instituições de ensino, contudo é de fundamental importância que exista em cada escola um documento norteador como a Proposta Curricular Pedagógica, que siga as orientações dos demais referenciais, tais como o Documento Curricular do Território Maranhense – DCTMA (2019):

O Documento Curricular do Território Maranhense servirá de base para que as escolas das redes públicas e privadas (re)elaborem seus Projetos Político-Pedagógicos (PPP) e planos de aulas de seus docentes. É preciso, pois, que todos assumam o compromisso com a promoção de aprendizagens significativas, uma vez que o currículo deve ser conhecido, discutido e incorporado pelos profissionais de educação, que se constituem como sujeitos da ação educativa, inclusive os que pensam as políticas públicas educacionais.

De acordo com Benedetti (2021), a proposta pedagógica (PP) é um direito da comunidade escolar garantido por lei, e tem como importante papel mostrar, revelar, registrar tudo aquilo em que a escola acredita, o que desenvolve e espera do aprendizado de seus alunos e os passos a serem seguidos para que esse aprendizado seja alcançado.

Outra questão apresentada aos entrevistados foi a seguinte: A Escola. M. Santo Antônio III desenvolve atividades estabelecendo interação com a comunidade, respeitando os costumes e tradições, ou segue retamente o planejamento geral desenvolvido em todas as escolas do município?

No quadro 11, os profissionais responderam da seguinte forma:

Quadro 11: A Escola. M. Santo Antônio III, e o desenvolvimento de atividades de interação com a comunidade e respeito aos costumes e tradições

ENTREVISTADOS	SIM OU NÃO	COMENTÁRIO
Profissional 1	Sim	A escola trabalha o projeto literário, bem como o plano de ação com ações específicas voltadas para o desenvolvimento de ações afro-brasileira, costumes, cultura e identidade de um povo.
Profissional 2	Sim	Os costumes e tradições são elementos que estão em destaque no plano de ação da escola, que tem como uma das metas, aproximar a comunidade da escola.
Profissional 3	Não	Sem comentário
Profissional 4	Não	Sem comentário

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme as informações apresentadas no quadro de resposta, não se tem um consenso quando se trata de ações da Escola Municipal Santo Antônio III que desenvolvem a interação entre escola e comunidade. Contudo, foram apresentadas como base para a afirmativa do referido questionamento: o Projeto de Leitura: um mundo novo em cada página, e a Temática: Múltiplas diversidades: Conhecendo e valorizando a diversidade cultural afro maranhense.

Constatando assim a divisão nas opiniões coletadas, criaram-se hipóteses, tais como: A escola trabalha o projeto construído de forma ampla para atender à rede municipal de ensino, e esse tem sua aplicabilidade somente dentro das dependências estruturais da instituição; ou as ações do projeto são reproduções da cultura e tradições vividas no território quilombola, e apresentadas à comunidade somente durante a culminância do projeto; ou, também, pode existir esse intercâmbio, mas pela timidez na contribuição da comunidade os entrevistados não consideram como interação.

A Educação Escolar Quilombola (EEQ) traz em suas deliberações a necessidade de desenvolver um ensino inclusivo e interativo (relação comunidade e escola), desmistificador (sobre a desvalorização da história do povo negro) e de valorização identitária (destacando as riquezas apresentadas na cultura e tradições, assim como a importante contribuição do povo negro na construção e formação da sociedade brasileira).

Sobre a Educação Escolar Quilombola (EEQ), Silva (2015, p. 10-11) diz que:

Nesse contexto, no âmbito da EEQ, o desenvolvimento das DCNs visou orientar os sistemas de ensino para implementar uma educação que considerasse a realidade dos quilombos, suas histórias, sua origem e sua realidade atual – em conjunto com seus sujeitos. A aplicação destas diretrizes não se restringe às escolas situadas em comunidades remanescentes de quilombos, compreendendo também estabelecimentos de ensino que atendem a alunos oriundos desses territórios. Escola quilombola, segundo as DCNs, são os estabelecimentos localizados em território quilombola reconhecido pelos órgãos públicos responsáveis

Considerar a realidade do aluno é fomentar um processo educativo que proporciona a autoidentificação e eleva a autoestima, se esta apresenta de forma respeitosa os costumes, crenças e tradições do território na qual está inserida.

Na questão 12, continuei insistindo em saber se mesmo não contemplados em uma proposta curricular, na prática, os conhecimentos identitários das populações quilombolas estavam, de algum modo, contemplados na escola focada. Sendo assim, apresentei a seguinte questão: Conforme o seu entendimento, o ensino ofertado na E. M. Santo Antônio III propicia aos alunos conhecimentos sobre a história e cultura afro-brasileira?

Quadro 12: Ensino ofertado na E. M. Santo Antônio III e a história e cultura afro-brasileira

ENTREVISTADOS	SIM OU NÃO	COMENTÁRIO
Profissional 1	Sim	A escola vem trabalhando com muita seriedade a importante tarefa de levar os estudantes a conhecerem e valorizar a história afro-brasileira e o seu pertencimento nesse processo de construção da identidade de um povo.
Profissional 2	Sim	O projeto pedagógico da escola está voltado a essa temática.

Profissional 3	Sim	Foi a partir desse ano que a nossa E. M. Santo Antônio III está se adequando a essa realidade.
Profissional 4	Não	Sem comentário

Fonte: Elaborado pela autora.

O ensino das relações étnico-raciais na Escola Municipal Santo Antônio III, pelas respostas obtidas durante a entrevista, já está sendo pensado e inicialmente trabalhado no âmbito escolar, pois os seus executores, os que estão na base, do chão da escola esclareceram que essas ações tiveram início nesse ano (2024), a partir do projeto de leitura elaborado pela Secretaria Municipal de Educação Cultura Esporte e Lazer, para o município de Matões do Norte. Concluindo as respostas, 01 (um) dos entrevistados discordou da questão em destaque, porém achou por bem não expor opinião a respeito.

O ensino de qualidade é um direito de todos e propicia ao aluno e à comunidade adjacente oportunidades de mudança de realidade, principalmente aos que por muitos anos viveram à margem da sociedade, sendo subjugados.

As diretrizes curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola nos trazem a seguinte afirmativa:

A oferta da educação escolar para as comunidades quilombolas faz parte do direito à educação; porém, o histórico de desigualdades, violência e discriminações que recaí sobre esses coletivos afeta a garantia do seu direito à educação, à saúde, ao trabalho e à terra. Nesse sentido, atendendo aos mesmos preceitos constitucionais, pode-se afirmar que é direito da população quilombola ter a garantia de uma escola que lhe assegure a formação básica comum, bem como o respeito aos seus valores culturais. Para tal, faz-se necessário normatização e orientações específicas no âmbito das políticas educacional e curricular (Brasil, 2012 p. 440).

Carvalho (2019, p. 6-7), por sua vez, apresenta pontos norteadores de como a educação escolar quilombola precisa ser efetivada, descrevendo desde a necessidade de termos, nas escolas dos territórios tradicionais, professores habilitados na área e suporte com formações continuadas, chegando ao importante requisito para o bom desempenho do processo de ensino e funcionamento da instituição, que é a construção do projeto político-pedagógico realizado conforme a especificidade local onde estão inseridos.

Vejamos a seguir:

Assim, os debates acerca da Educação Escolar Quilombola giram em torno de alguns pontos cruciais para a sua realização: 1) Formação inicial e continuada de professores(as) para que possam se qualificar para atuação nas comunidades quilombolas; 2) Um currículo que possa ressignificar a identidade e a cultura negra; 3) Atividades e materiais pedagógicos que possam abordar com equidade as relações étnico-raciais e a contribuição das diferentes matrizes étnicas na formação do Brasil; 4) uma educação que seja pensada mediante as relações entre o saber formal disponibilizado pelo governo e que abranje o conhecimento necessário para a relação com a sociedade em geral e o saber historicamente construído na comunidade através das práticas, das danças, do trabalho, da religiosidade, da relação com a terra, com a memória etc; 5) Condições necessárias para permanência dos indivíduos no espaço escolar e no território em geral; 6) Participação de membros e representantes da comunidade na construção curricular da escola; 7) Que o projeto político pedagógico seja realizado mediante o diagnóstico prévio que valorize os contextos específicos de cada comunidade quilombola (sua economia, trajetória, memória, relação com a terra etc).

Os pontos norteadores estabelecidos pelas DCNs impulsionam os entes federados a desenvolverem em suas instituições de ensino um processo educativo que busque resgatar, de forma honrada, a história, cultura e tradições do povo negro, repassando aos discentes o quanto foi e continua sendo essencial a contribuição dos ancestrais na construção e desenvolvimento do Brasil.

A compreensão de que se precisa fazer algo para mudar e reconstruir as heranças históricas de um povo, e as lutas travadas para garantir o direito a uma educação com foco na realidade vivida nos territórios tradicionais, demonstram o quanto avançamos em relação às ações reparatórias, no entanto, ainda continuamos gritando por socorro, quando vivenciamos as políticas de faz de conta estruturadas no papel, com a montagem de um quebra-cabeça com encaixe de peças que disfarçam ligeiramente, se não paramos para olhar mais de perto.

De acordo com Soares (2016, p. 6):

[...] a Educação Escolar Quilombola se constitui numa ação afirmativa visando quebrar o amuleto das injustiças históricas, de intervir e dissolver as marcas colonizadoras imbricadas nos saberes escolares, e, sobretudo, vislumbrar a possibilidade de imprimir uma carga de reparação cultural e material à população negra que arrasta uma situação de desvantagem social histórica.

Avançamos, de fato, quando presenciamos leis que tornam obrigatório o formato de ensino preocupado em fomentar a evolução da população negra, assim como a compreensão sobre os esforços para trazer à tona um ensino que tem em sua essência o fortalecimento da identidade e valorização cultural dos territórios tradicionais, mas precisamos estar atentos quanto à execução e resultado desses direitos na base, ou seja, no cotidiano dos quilombos.

5.3 A ORGANIZAÇÃO DO CADERNO DE ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO COMO PRODUTO EDUCACIONAL DA PESQUISA

O produto resultante do trabalho de pesquisa foi um “Caderno de Orientações Didáticas sobre as Práticas Pedagógicas de Valorização Cultural e Identitária do Povo Negro Remanescente de Quilombo”, o qual teve como base as diretrizes da educação quilombola.

Com a elaboração do referido produto de pesquisa objetivamos estimular os professores e os demais profissionais da educação a desenvolver um entendimento sobre a importância de trabalhar as temáticas étnico-raciais nas escolas, com aplicação de metodologias de ensino que despertem a valorização e o sentimento de pertencimento dos discentes e de toda comunidade escolar.

O Caderno de Orientações Didáticas é composto por 59 páginas que abordam tópicos com discursões em sua organização teórica-metodológica com destaques para duas temáticas étnico-raciais principais, que dão direcionamento ao resultado do estudo. A primeira discorre sobre quilombos e quilombolas no Maranhão como resistência, no contexto de luta pela liberdade, seguindo para a segunda, formada por dez subdivisões com apresentações do Quilombo Santo Antônio no contexto da cultura afro-brasileira, trazendo explanações sobre sua localização, processo de certificação e infraestrutura da comunidade.

A origem da comunidade, os seus primeiros moradores e os contos e lendas narrados pelos moradores mais antigos estão em destaque na história de fundação. Para tratar sobre os costumes ancestrais no cotidiano do Quilombo Santo Antônio, destacamos costumes herdados e preservados dos seus antepassados, com ênfase no tambor de crioula, fé nas benzedadeiras, ervas medicinais: práticas de curas e preservação da saúde no território quilombola, a tradição oral: contações de histórias.

A cultura material como elemento da ancestralidade no quilombo Santo Antônio é desenvolvida com exposições sobre a palmeira do coco babaçu, pilão de madeira e forno de torrar farinha, os tambores e os sons da ancestralidade.

O Caderno de Orientações Didáticas ainda apresenta propostas metodológicas para o trabalho com a cultura local do Quilombo Santo Antônio, com sugestões de atividades lúdicas e interativas e oficinas para fixação do aprendizado,

com destaques aos trabalhos realizados com a palha da palmeira do coco babaçu, o pilão de madeira e forno de torrar farinha, e a construção artesanal dos tambores. Esses representados pelos temas: A palha da palmeira do coco babaçu, explorando o quilombo: pilão de madeira e forno de torrar farinha, e o som dos quilombos e as mãos de seus construtores.

O produto educacional propõe 04 sequências didáticas integradoras com planos de aula que pretendem contribuir com o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizado nas escolas pertencentes aos territórios tradicionais quilombolas, onde são desenvolvidas as temáticas étnico-raciais e componentes curriculares que deverão ser trabalhados conforme as características vivenciadas no cotidiano da Comunidade Quilombola Santo Antônio, seguindo o que determina o Documento Curricular do Território Maranhense DCTMA e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola - DCNs.

Os objetos de conhecimentos desenvolvidos nos planos de aula são: O estudo da história, origem e formação das famílias residentes na Comunidade Tradicional Santo Antônio, Os Griôs e tradição Oral, Tambor de Crioula, A fé nas Benzedeiras, saúde e ciência no chão do terreiro. Cada um dos temas expostos também apresenta competências específicas, habilidades, objetivos da aprendizagem, duração da aula, atividades sugeridas, recursos e atividades avaliativas, logo após possíveis questionamento para contribuir no desenvolvimento do aprendizado.

O produto educacional ainda traz em sua estrutura as considerações finais do trabalho, as referências e apresentação das autoras do trabalho.

5.3.1 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL DA PESQUISA

O Caderno de Orientações Didáticas sobre as Práticas Pedagógicas de Valorização Cultural e Identitária do Povo Negro Remanescente de Quilombo traz em seu bojo, além das temáticas étnico-raciais, sugestões de leituras com título de livros, artigos e links, para aprimorar os conhecimentos, assim como imagens relacionadas aos assuntos abordados criadas pelo ChatGPT: e <https://chatgpt.com>, e fotos ilustrando cada temática abordada, com autorização prévia para uso e exposição de imagens.

O produto educacional inicia sua apresentação trazendo em sua capa uma

imagem que representa uma sala de aula pertencente a uma comunidade tradicional quilombola.

Vejamos a seguir:

Figura 18- Licença do Produto educacional (CC- BY-NY-NC-ND)



Fonte: <http://br.creativeons.net/licencas>

A organização teórica-metodológica vem apresentada pelo ícone da autora deste trabalho, que faz um convite aos leitores a participarem de um diálogo sobre a Educação com base nas relações étnico-raciais, e apresenta possíveis questionamentos: sugestões de perguntas a serem feitas aos discentes, para direcionamento dos diálogos e desenvolvimento das atividades propostas no plano de aula.

Figura 19 - Eliane Leite, convite a um diálogo sobre a Educação com base nas relações étnico-raciais



Fonte: Produto final 2024.

Visando tornar interessante a leitura do produto inserimos mais ícones representados por personagens negras, para conduzir os momentos de partilha e aprendizagem, conforme explicações abaixo:

Figura 20 - Imagem de uma estudante negra, representando o poder transformador existente na educação



Fonte: Produto final 2024

O ícone apresenta as sugestões de leituras que serão disponibilizadas logo após cada temática abordada. As indicações de leituras são relacionadas aos assuntos desenvolvidos, e tem como fonte de pesquisa: livros, artigos, revistas e sites que estimulam e auxiliam no aperfeiçoamento da aprendizagem.

Figura 21- Mulher negra desenvolvendo trabalho com o coco babaçu



Fonte: Produto final 2024.

A imagem representa as dicas para o aperfeiçoamento da Aprendizagem, onde a personagem sinaliza ideias e representa as ações que compõem as propostas e sugestões de atividades lúdicas e interativas, produção artística e oficinas a serem desenvolvidas com os discentes em sala de aula e moradores da comunidade, a partir da exploração da cultura material vivenciada no cotidiano do Quilombo Santo Antônio.

Figura 22- Anciã, retratando a sabedoria popular e os ensinamentos tradicionais



Fonte: Produto final 2024

Produção do Conhecimento: o ícone vem apresentado os planos de aula contidos nas sequências didáticas integradoras, onde serão trabalhados: Componentes Curriculares; Objetos do Conhecimento; competências específicas; habilidades; objetivo da aprendizagem; duração; atividades sugeridas; e recursos, para serem desenvolvidos durante as aulas, na Escola Municipal Santo Antônio III.

Figura 23- Concretização de ideias



Fonte: Produto final 2024.

Imagem relacionada ao tema em destaque: a disposição de imagens num texto, ilustra e possibilita a consolidação dos discursões como forma comprobatória, sobre o que está sendo tratado. As exposições de imagem que ocorrem após cada conclusão do tema em questão.

Figura 24- Possíveis questionamentos



Fonte: Produto final 2024.

Esse ícone, além de fazer um convite para um diálogo sobre a Educação com base nas relações étnico-raciais, também representa sugestões de perguntas a serem feitas aos discentes, para direcionamento dos diálogos e desenvolvimento das atividades propostas no plano de aula.

A primeira abordagem da organização teórico-metodológica, vem destacando Quilombos e quilombolas no Maranhão como resistência, trazendo como destaque o contexto de luta pela liberdade, e o surgimento dos quilombos como ferramenta essencial para a efetivação desse processo. Esse enfoque está representado pela seguinte figura:

Figura 25- Quilombos e quilombolas, símbolo de resistência



Fonte: Produto final 2024

O segundo tema desenvolvido no Caderno de Orientações Didáticas sobre as Práticas de Valorização Cultural do Povo Negro remanescente de Quilombo traz reflexões importantes sobre o Quilombo Santo Antônio no contexto da cultura afro-brasileira, abordando em suas subdivisões desde a história de fundação, aos costumes e tradições ainda vividas no território tradicional.

Para melhor entendimento, segue a figura 26, como está visualizada no produto educacional, apresentando o início das explicações sobre a temática em questão:

Figura 26 - Início das explanações sobre o quilombo Santo Antônio no contexto da cultura afro-brasileira



3.1 O QUILOMBO SANTO ANTONIO NO CONTEXTO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

A cultura afro-brasileira é uma das mais ricas e diversificadas do mundo, afirma Freitas (2022). Ela é resultado da mistura de diversas culturas africanas com as culturas dos povos originários e dos colonizadores, formando uma identidade singular.

De acordo com informações contidas no Relatório Antropológico da Comunidade Quilombola Lago do Coco, realizado Pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA 2018), o território quilombola de Matões do Norte, é composto por 30 comunidades tradicionais, compreendem a uma área de 38.000 hectares que se estendem da BR-135 até as margens do rio Mearim, entre elas está a Comunidade Quilombola Santo Antônio.

A Tradicional Comunidade Santo Antônio, está localizada na zona rural de Matões do Norte, a 15 km da sede do município. Por ser pertencente a um território tradicional, os moradores carregam a genética dos ancestrais que deram início a formação do quilombo, e pouco acontece a inserção de outros povos.

A certificação do Quilombo Santo Antônio foi realizada pela fundação Palmares no dia 19 de dezembro de 2011 e tem a sua origem recontada por meio de fatos históricos comprovados por documentos e utensílios localizados e mantidos em um local preservado, como também pela memória preservada por gerações

A estrutura física do quilombo conta com uma certa organização, tais como moradias construídas de alvenaria, a disponibilidade de alguns serviços essenciais, entre eles uma escola quilombola para atender as crianças residentes na comunidade. As principais fontes de renda que garante o sustento das famílias, geralmente são advindos da produção da roça no toco e os benefícios do governo federal, e mesmo com tantas dificuldades, o povoado sofre pouco com o êxodo rural, permitindo o repassar dos ensinamentos e propriedades de geração para geração.

Sugestões de Leituras:

- **Resistência Quilombola: A Luta Pela Preservação da Cultura Afro-Brasileira**
Autor: Lucas Freitas
<https://rabiscodahistoria.com/resistencia-quilombola-a-luta-pela-preservacao-da-cultura-afro-brasileira/>
- **Comunidades Quilombolas: Identidade Forjada Através da Resistência.**
Autora: Paula Ramón
<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/03/comunidades-quilombolas-identidade-forjada-atraves-da-resistencia>



15

Fonte: Produto final 2024.

Seguindo o desenvolvimento do assunto abordado, discorreremos sobre as suas subdivisões iniciando pela abordagem sobre a história da fundação, onde destacamos as histórias contadas sobre a origem da comunidade, tendo como base principal o Relatório Antropológico produzido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), trazendo como destaque a figura 27, conforme o que está

disposto no produto educacional, que mostra o quadro com a relação dos povoados mapeados no processo de reconhecimento do território tradicional quilombola de Matões do Norte - MA, entre elas, a Comunidade Santo Antônio dos Pretos, hoje Quilombo Santo Antônio, para reafirmar a autenticidade do estudo.

Figura 27- História da fundação: quadro com relações dos povoados pertencentes ao território tradicional



Fonte: Produto final 2024.

Os costumes ancestrais no cotidiano do quilombo Santo Antônio foram abordados, a partir de uma reflexão sobre o cotidiano da comunidade, onde identificamos que seus moradores ainda preservam costumes herdados dos seus ancestrais, como a cura de enfermidades com a utilização de plantas medicinais, o cultivo e produção de alimentos como a torração de farinha de forma artesanal e a confecção dos instrumentos utilizados em suas manifestações culturais.

Para enfatizar as ações vivenciadas no cotidiano do quilombo, trazemos a figura

28, demonstrando atos de fé e formas de sustentabilidade, como apresentamos a seguir:

Figura 28- Costumes e tradições vivenciados no cotidiano do Quilombo Santo Antônio

Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 6 - Altar no Quilombo Santo Antônio com imagens de Jesus Cristo, Santo Antônio



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

Figura 7- Dona Joana, moradora do quilombo Santo Antonio, apresentando sua principal fonte de renda



20

Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

Fonte: Produto final 2024.

O Caderno de Orientações Didáticas sobre as Práticas de valorização Cultural e Identitária do Povo Negro Remanescente de Quilombo, visando destacar mais detalhes sobre o Quilombo Santo Antônio, trouxe como continuidade sobre os costumes ancestrais no cotidiano do Quilombo Santo Antônio, a tradição do Tambor de Crioula, que de acordo com relatos dos anciãos da comunidade, sua existência vem desde o século XVIII, com a chegada dos negros escravizados, na então fazenda Santo Antônio.

Vejam a seguir a figura 29, conforme disposição no produto educacional, que apresenta o trio de tambores e o processo de aquecimento antes das apresentações:

Figura 29 – Aquecimento e apresentação do trio de tambores



Fonte: Produto final 2024.

Sobre os saberes tradicionais, o produto educacional traz à luz “A fé nas Benzedeiras”, destacando a importância dessa personalidade histórica no processo da luta pela libertação dos escravizados, sendo a única fonte de tratamento de saúde do corpo e espírito, e referência nos territórios tradicionais, como pessoa escolhida de

forma divina para cuidar e defender a vida.

Destacamos para esta apresentação imagens de Dona Brasilina e Dona Raimundinha, benzedeiros residentes em Matões do Norte, como mostra a figura 30.

Figura 30 - Benzedeiros residentes em Matões do Norte - MA



Fonte: Produto final 2024.

Os tratamentos de saúde realizados nos quilombos ainda são fortemente seguidos na atualidade, sendo estes ensinamentos repassados pelos ancestrais e

continuam sendo transmitidos às gerações seguintes, como é o caso do uso das ervas medicinais como práticas de curas e preservação da saúde nos territórios quilombolas, item importante quando se trata de continuidade dos costumes advindos do povo negro.

O produto educacional além de trazer discursões sobre a importância do uso de plantas medicinais no tratamento de saúde, também apresenta um quadro com exemplares de ervas mais comuns nas comunidades.

Vejamos a seguir:

Figura 31- Ervas medicinais utilizadas nos tratamentos de saúde

Ervas Mediciniais e suas Utilidades

 <p>CANA DA ÍNDIA utilizado no tratamento de diabetes</p>	 <p>ALFAVACA erva aromática, quando usando em forma de banho, é bom para o tratamento de gripe, dor de cabeça. O chá é usado para a tosse e dor na garganta, pressão alta e depressão. Sua semente madura é colocada dentro do olho para localizar ciscos, pelos etc.</p>
 <p>BOLDO o chá é usado para dores no estômago e má digestão; problema no fígado, dor nas articulações, reumatismo, e pedra na vesícula</p>	 <p>ANADOR suas folhas são usadas no preparo do chá, como anti-inflamatório, para combater dores de cabeça, febre, problemas respiratórios;</p>
 <p>INSULINA auxilia no tratamento de diabetes, inflamação muscular e pressão baixa;</p>	 <p>CAPIM-LIMÃO usado no combate as dores de cólica menstruais, alivia os sintomas da ansiedade e insônia, e dores estomacais.</p>
 <p>ERVA CIDREIRA É calmante, ajuda no sono e controla os sintomas da ansiedade, cólicas menstruais, gases e dores de cabeça;</p>	

Fonte: Silva, Thiago Mesquita, jun. 2024

26

Fonte: Produto final 2024.

Os costumes ancestrais no cotidiano do Quilombo Santo Antônio seguem sendo apresentados, dessa vez com importantes destaques sobre a necessidade de se manter viva a tradição oral, por meio da contação de histórias, para que as memórias e ensinamentos dos ancestrais continuem sendo reproduzidas às gerações seguintes, como exemplos demonstrados na figura 32, conforme exposto no produto educacional, apresentando grãos do território quilombola e uma roda de conversa com contações de histórias.

Figura 32 - Grãos do território quilombola e roda de conversa com contação de histórias





Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 13 - José Raimundo Casas Novas, Paulino de Jesus Martins Corrêa e Moisés Casas Novas Licá, Grãos da atualidade.



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

Figura 14 - Contação de histórias sobre as manifestações culturais no território quilombola.



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

28



Fonte: Produto final 2024.

O Caderno de Orientações Didáticas, nessa fase, destaca a cultura material como elemento da ancestralidade no Quilombo Santo Antônio, trazendo reflexões sobre a necessidade de conhecer a fundo a cultura de uma comunidade, pois ela descreve as características e identidade de seu povo, e sua preservação permite que ela sobreviva na memória individual e coletiva e tenha continuidade em suas tradições.

E como forma de incentivar a valorização da cultura local e a riqueza existente e materializada nos quilombos, desenvolvemos temas que compreendem a rotina da comunidade e que precisam ser vistas como bens, como é o caso da palmeira do coco babaçu, que ainda continua como fonte de sustentabilidade e riquezas naturais, sendo que dela tudo se aproveita, como destacamos a seguir na figura 33, que traz imagens de utensílios confeccionados com a palha e artesanatos confeccionados com fibras, o coco e a caçamba.

Figura 33- Produções artesanais com itens da palmeira do coco babaçu



Fonte: Produto final 2024.

O segundo tema, desenvolvido com intuito de trabalhar a cultura material no quilombo Santo Antônio, trouxe como referência o pilão de madeira e forno de torrar farinha, que são objetos ainda em uso nas tarefas de casa, que para serem manuseados requerem esforços físicos que reproduzem um pouco da vida dos negros escravizados. A presença desses itens nas comunidades tradicionais serve de comprovação de um passado vivido pelos ancestrais e de exemplos a serem demonstrados para fins de conhecimentos, reforçando a importância de mantê-los preservados, como destacamos na figura 34, a seguir:

Figura 34 - Apresentação do pilão de madeira, peneira e forno de torrar farinha



Fonte: Produto final 2024.

Os tambores e os sons da ancestralidade também se tornaram destaques na construção do produto educacional, sendo estes instrumentos de percussão característicos do povo negro, seus batuques soam os clamores da ancestralidade e celebram as lutas e conquistas por liberdade, sendo ela em várias esferas, em

especial a expressão cultural e religiosa.

A seguir, apresentaremos a figura 35, que mostra o artesão responsável pela construção dos tambores e uma criança sendo ensinada a tocar tambor, como visualizado no produto educacional.

Figura 35 - Artesão mostrando um tambor em fase de construção, e criança aprendendo tocar tambor



Fonte: Produto final 2024.

As propostas metodológicas para o trabalho com a cultura material no Quilombo Santo Antônio estão apresentadas em 03 sugestões de atividades lúdicas e interativas, com realização de oficinas para fixação do conhecimento. Dessa forma, vêm trazendo um convite para o corpo docente e para os discentes da escola quilombola a explorar o território, pois em seu desenvolvimento buscamos destacar

itens simples, porém importantes pela utilidade, representatividade e que dão continuidade nos saberes repassados pelos ancestrais e ainda compõem o dia a dia da comunidade, como o uso do pilão de madeira e forno de torrar farinha, o processo artesanal da construção dos tambores que ocorre na comunidade Santo Antônio, e a essencial palha da palmeira do coco babaçu, primeira sugestão apresentada no produto educacional, pois é de fundamental importância no cotidiano das comunidades, que de forma artesanal são utilizadas na construção de moradias, utensílios domésticos, como abanos e esteiras, assim como a confecção de itens necessários para o desenvolvimento do trabalho no campo (cofos e chapéus entre outros).

Vejam o exemplo a seguir:



4.1 A Palha da Palmeira do Coco Babaçu

Sensibilização:

- Os discentes receberão explicações sobre a importância da palmeira do coco babaçu, para a manutenção dos quilombos, a partir da produção de alimentos como (leite, azeite, mesocarpio, bolo, sorvete, biscoito, pão etc.), nas moradias (cobertura, paredes, portas e janelas e outros itens utilizados no cotidiano), artesanato, carvão, a sombra e o simbolismo que a planta representa;

Ludicidade e Interação:

- Realizar visitas em residências de moradores da comunidade, buscando identificar outros materiais confeccionados com a palha do coco babaçu, para despertar o interesse e curiosidade dos discentes sobre essa utilização dos meios naturais na forma de produção artesanal.

Produção Artística:

- Produzir um pequeno documentário, com a participação da comunidade, sobre a importância da palmeira do coco babaçu para a sustentabilidade das famílias que pertencem ao quilombo Santo Antônio, com destaque às quebradeiras de coco.

Oficinas:

- Com o auxílio de um morador da comunidade, mostrar para os estudantes como ocorre o processo de escolha e extração da palha, para a confecção de mensabas ou esteiras, cofos e abanos.
- Reunir os estudantes na área externa da escola para acompanharem o trabalho do artesão durante a confecção de mensabas, cofos e abanos, com intervenções e diálogos para retirar as dúvidas;
- Com pequenas partes da palha da palmeira, incentivar os alunos a fazerem seus primeiros trançados;
- Desenvolver diálogos, solicitando aos alunos que compartilhem um pouco de sua experiência durante as fases da realização da oficina.



37

Fonte: produto final 2024.

As sequências didáticas integradoras dispostas em 04 planos de aula com temáticas étnico-raciais consolidam as ações contidas no Caderno de Orientações Didáticas sobre Práticas de Valorização Cultural e Identitária do povo Negro Remanescente de Quilombo, com sugestões que têm como objetivo auxiliar os professores em suas rotinas diárias, e desse modo contribuir no processo de ensino e aprendizagem de seus discentes.

Os planos de aulas desenvolvidos a partir de componentes curriculares conforme o que está descrito no Documento Curricular do Território Maranhense DCTMA e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola - DCNs trazem como objetos de conhecimentos: O estudo da história, origem e formação das famílias residentes na comunidade tradicional Santo Antônio, os griôs e tradição oral, tambor de crioula, a fé nas benzedadeiras, saúde e ciência no chão do terreiro.

Vejamos a seguir um exemplo apresentado na figura 37, de acordo com o que foi exposto no produto educacional.

Figura 37 - Sequencia didática integradora- Plano de Aula



5.1 História e origem das Famílias residentes na Comunidade Tradicional Santo Antônio

PLANO DE AULA

COMPONENTE CURRICULAR: História, Geografia, Língua Portuguesa e Artes

PÚBLICO-ALVO: Discentes do 4º Ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais

OBJETO DE CONHECIMENTO	O estudo da história, origem e formação das famílias residentes na Comunidade Tradicional Santo Antônio
COMPETÊNCIA ESPECÍFICA	<ul style="list-style-type: none">• Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.• Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.• Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação na vida social e utilizando-se para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.• Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
HABILIDADES	<ul style="list-style-type: none">• (EF01HI02) identificar a relação entre as suas histórias e as histórias das famílias.• (EF02GE02) Comparar costumes e tradições de diferentes populações inseridas no bairro ou comunidade em que vive, reconhecendo a importância do respeito às diferenças.

42



<p>HABILIDADES</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas. • (EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
<p>OBJETIVO DA APRENDIZAGEM</p>	<p>Desenvolver nos estudantes, a compreensão dos processos dos sujeitos históricos e o desenvolvimento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços.</p> <p>Reconhecer como sujeito para que ele construa sua visão de cidadão e se situe nos diferentes espaços e tempo que o cercam, experimentando o enfrentamento do seu cotidiano em constante transformação.</p> <p>Compreensão da variação linguística e convívio com a diversidade dialetal, para evitar preconceitos.</p> <p>Compreender e utilizar a arte como linguagem, mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas;</p>
<p>DURAÇÃO</p>	<p>03 ou 04 aulas com duração de “55min”</p>
<p>ATIVIDADES SUGERIDAS</p>	<p>1º momento: A aula seguirá um formato expositivo e dialogado, onde serão disponibilizadas e apresentadas aos discentes, cópias impressas do capítulo do Relatório Antropológico, onde são relacionados os nomes das famílias tradicionais que receberam a posse da terra pleiteada que deixou de ser fazenda e transformou-se em quilombo. Após a realização da leitura do material em exposição, realizar a comparação com os sobrenomes dos estudantes, utilizando a lista de frequência, para que estes despertem a curiosidade e busquem identificar a origem de sua família;</p>

Chegando à conclusão do produto educacional, Caderno de Orientações Didáticas sobre Práticas de Valorização Cultural e Identitária do Povo Negro Remanescente de Quilombo, com as considerações finais do trabalho, em seguida as referências que embasaram a construção do produto, e finalizamos com a apresentação das autoras Eliane Cristina Leite dos Santos e Mariléia Santos Cruz da Silva.

Vejamos a seguir:

Figura 38- Apresentação das Autoras do Produto Educacional

SOBRE AS AUTORAS

Eliane Cristina Leite dos Santos, mestranda do Programa de Pós-graduação na Gestão da Educação Básica- PPGEEB, graduada em Pedagogia (ISEPRO) e Licenciada em Educação Física (UFMA), com especializações em Psicopedagogia Institucional e Clínica (IESF), e Metodologia do Ensino Fundamental (FACAP). É docente na Escola Municipal Donato Nascimento Brandão, município de Pirapemas/Maranhão atuando nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Desenvolve pesquisas nas áreas de Educação das Relações Étnico-Raciais, Gênero, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, A importância da Ludicidade no Processo de Ensino e Aprendizagem, Déficit de ensino e aprendizagem. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Investigações Pedagógicas Afro-brasileiro (GIPEAB/UFMA). E representante Municipal de políticas para Mulheres e Direitos Humanos no município de Matões do Norte/MA.

Mariléia Santos Cruz da Silva

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (1996), Mestrado em Educação pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000), doutorado em Educação Escolar Educação pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (2008), e Pós-Doutorado na mesma instituição. Atualmente é professora Associada a Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em história da educação brasileira, didática, currículo e metodologias de ensino de história, atuando principalmente como pesquisadora nos seguintes temas: história da escolarização de negros no século XIX e XX. História da educação maranhense, e história da educação de Imperatriz, história da escola primária. É docente permanente do Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica-PPGEEB.

59

Fonte: Produto final 2024.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste estudo ocorreu a partir de análises históricas, vindo desde a chegada do povo negro no Brasil em situação de escravizado, perpassando por suas lutas pela liberdade, direitos fundamentais e, principalmente, pela sobrevivência após essa grande conquista.

Apontamos fatos históricos que nos fizeram compreender quão necessário e urgente é que o povo negro desperte para a sua identidade, que vai além do reconhecer sua origem e história de ancestrais, chegando a suas lutas em todo território nacional em busca por direitos fundamentais pela sobrevivência, com destaque ao direito à terra e à moradia digna.

As abordagens sobre a origem dos quilombos rurais e urbanos buscaram trazer uma reflexão sobre a importância dos territórios tradicionais como locais de resistência, construção de saberes, preservação da cultura, religiosidade, memórias e costumes de um povo, que buscam nesses espaços curas para as enfermidades e salvaguarda para suas vidas.

Compreendemos a partir dos resultados alcançados nesse processo investigativo que alguns avanços foram conquistados ao longo dos anos, a exemplo do amparo legal garantido por um conjunto de legislações direcionadas à efetivação da educação quilombola como direitos garantidos. Embora se reconheçam os avanços, ainda nos deparamos com situações de negligências na aplicabilidade de um ensino que tenha como foco desenvolver o aprendizado dos estudantes com base na valorização dos saberes dos seus ancestrais, desvencilhando os mitos contados sobre a história do país com supremacia eurocentrista, resgatando memórias invisibilizadas por séculos.

Entendemos com essa afirmativa o quanto é necessário e urgente desenvolver e efetivar práticas pedagógicas com base nas relações étnico-raciais, que preencham as lacunas de conhecimentos históricos dessa população, que essas sejam capazes de fortalecer valorizar os saberes adquiridos ao longo da vida, haja vista que os caminhos ofertados no processo educacional ainda direcionam os discentes a enxergarem sua cultura, religiosidade e costumes como ações negativas que os conduzem ao erro.

A formação inicial e continuada dos professores e profissionais da educação, desenvolvida nos quilombos ou instituições que recebem alunos advindos das comunidades tradicionais, também são questões primordiais e que contribuem para a construção de conhecimentos e incentivam o fortalecimento e valorização da identidade da população negra remanescente de quilombos, a partir do entendimento sobre a importância de desenvolver ações que despertem o sentimento de pertencimento. Mesmo que os discentes precisem buscar crescimento profissional fora do seu local de origem, sempre conseguirão uma forma de participar e contribuir com o desenvolvimento do seu território.

Reconhecemos assim que é preciso oportunizar aos professores e profissionais da educação instrumentos que auxiliem na compreensão sobre a importância do ensino pautado nas relações étnico-raciais em sala de aula, e aos discentes a produção de conhecimentos de forma mais dinâmica, onde eles aprenderão detalhes importantes sobre a história de seu povo com mais leveza e descontração.

Portanto, entendemos que o conhecimento, quando construído de forma prazerosa, respeitando as particularidades dos territórios em que a instituição está localizada, expande a possibilidade de uma melhor absorção das informações apresentadas. Assim, acreditamos que as ferramentas a serem trabalhadas nesta dissertação auxiliarão os professores e profissionais da educação da Escola Municipal Santo Antônio III no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas de valorização cultural e identitária dos negros remanescentes de quilombo, assim como ajudarão os discentes a respeitar os saberes e a ancestralidade de seu povo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.

ANDRADE, Lúcia M; BELLINGER, Carolina K. **Quilombos Latinoamericanos**. Revista Missões. Artigos/ 11 de novembro de 2009. Disponível em: <https://www.revistamissoes.org.br/2009/11/quilombos-latinoamericanos/>.

BARROS, L. A. A. **As comunidades quilombolas do município de Alcântara –MA**. XI JOINPP. Jornada Internacional de Políticas Públicas. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFMA. Disponível em: <https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2023/>

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa**. – 2. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola**. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana** - Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Brasília, DF, de 20 de dezembro de 1996.

BELO, Lorena Alves Lima. **Quilombos urbanos em territorialização: um estudo sobre o Bairro da Liberdade, primeiro quilombo urbano do Maranhão**. XX ENANPUR 2023 – Belém 23 a 26 de maio.

BENEDITTI, Thaís. **Proposta Pedagógica: Como elaborar de acordo com a BNCC?** Tutor Mundi. Gestão Escolar. 19 de março de 2021. Disponível em: <https://tutormundi.com/blog/proposta-pedagogica/>

CAMPOS, L. R. **Educação Quilombola e o Currículo Escolar Histórico-Cultural: Olhares Sobre as Práticas Educativas de Um Olhar Quilombola em São Miguel (PA)**. In: IV Congresso Ibero-Americano de Política Administração da Educação, 2014. Cidade do Porto. Políticas de Práticas de Administração e Avaliação na Educação Ibero-americana. Pernambuco: Espaço Livre, 2014. V. 18.

CAMPOS, Luanda Martins. **Seguindo os passos dos Griôs: A oralidade como instrumento metodológico para o ensino da História e cultura afro-brasileira e africana para crianças na Unidade de Educação Básica (UEB) Tancredo Neves – ISEMA**. 2022. 249 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

CAMPOS, Margarida Cássia. GALLINARI, Tainara Sussai. **A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil**. REVISTA NERA – ANO 20, Nº. 35 – JANEIRO/ABRIL DE 2017 – ISSN: 1806-6755

CARVALHO, José Emerson Máximo De. **Educação Escolar Quilombola e os Desafios para a sua Implementação na Comunidade Cruz**. In: Anais do I Congresso Nacional do Proffhistoria. Anais...Salvador (BA) IAT, 2019.

CASTRO, Lucimêre De Souza. **A Trajetória do Negro no Brasil. Resistência e Empoderamento Feminino!** A educação enquanto fenômeno social: Propósitos econômicos, políticos e culturais. Cap. 04. Atena Editora. 02/05/2023. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br>

CASTRO, Márcio Sampaio de. **Quilombos Urbanos**. Portal Geledes. São Paulo. 25/10/2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/quilombos-urbanos/>. Acesso em: 17 set. 2023.

COSTA, Angela de Cássia; LINHARES, Jairo Fernando Pereira; e RODRIGUES, Maria Ivanilde de Araújo. **O quilombo urbano da Liberdade frente a negação de direitos em tempos de pandemia de Covid – 19**. 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em 28 de agosto a 03 de setembro de 2022 Disponível em: https://www.abant.org.br/files/1662645372_ARQUIVO_1acd2f929efdf44c0f507a665b4fb33c.pdf

COSTA, Candida Soares da. **Educação Escolar Quilombola: Experiência sobre formação de professores em Mato Grosso (Brasil)**. Revista da ABPN, v. 8, n. 18, p.90-106, nov. 2015 – fev. 2016.

CRUZ, Mariléia dos Santos. **Escravos, forros e ingênuos em processos educacionais e civilizatórios na sociedade escravista do Maranhão no século XIX**. 2008, 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

DOURADO, Isabel; FREGONASSE, Henrique. **Pretos e pobres são maioria nos presídios brasileiros**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/08/5114831-pretos-e-pobres-sao-maioria-nos-presidios-nos-presidios-brasileiros.html>. Postado em: 7 ago. 2023 04:55 / Atualizado em: 7 ago. 2023.

FAIAD, Caio Ricardo. **A contribuição de plantas e folhas das religiões de matriz africana para o ensino de Química**. Revista Balbúrdia. 03 de junho de 2020 Disponível em: <https://sites.usp.br/revistabalburdia/a-contribuicao-de-plantas-e-folhas-das-religoes-de-matriz-africana-para-o-ensino-de-quimica/>.

FERNANDES, Viviane Barboza. **Identidade Negra entre exclusão e liberdade**. *Rev. Inst. Estud. Bras.* (63), Jan-Abr. 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103-120>. Disponível em: cielo.br/j/rieb/a/Qxn7Fj4Q5d73gGYsQKHj4s/#A%20Escola%20E%20A%20Identidade%20Negra

FERREIRA, Luiz Claudio. **Princesa Isabel agiu por abolição e encarou machismo, dizem estudiosos**. AGÊNCIA BRASIL. Brasília. Publicado em 14/11/2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/princesa-isabel-agiu-por-abolicao-e-encarou-machismo-dizem-estudiosos>

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **“Aspectos da população do Maranhão”**; Brasil Escola. 2023. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/aspectos-populacao-maranhao.htm>. Acesso em: 15 mar. 2024.

FRÓES, Rafaelle. **Maranhão tem a 2º maior população quilombola do Brasil, aponta levantamento inédito do IBGE**. g1 MA, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/07/27/maranhao-tem-a-2o-maior-populacao-quilombola-do-brasil-aponta-levantamento-inedito-do-ibge.ghtml>.

GAY, A.; QUINTANS, M. T.D. **Movimento negro e a luta por direitos: a participação na ANC e as conquistas na constituição federal brasileira**. In: ROLIM, R. R.; NOVAES, A. M. C.; ROCHA, L. S. Sociologia, antropologia e cultura jurídicas I. Florianópolis: CONPEDI, 2014, v. 1a, p. 90-119.

GENNARI, Emilio. **Em busca da liberdade – traços das lutas escravas no Brasil**. Editora Expressão Popular, em julho de 2008.

GUIMARÃES Reinaldo, **O empoderamento da identidade racial da pessoa negra e Afrocidadanização**. 29 jul. 2020 SESO notícias. Disponível em: <https://sesonoticias.com.br/o-empoderamento-da-identidade-racial-da-pessoa-negra-e-afrocidadanizacao/>.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Relatório Antropológico da comunidade Lago do Coco**, São Luís/MA: 3R Tecnologia Ambiental; INCRA-MA, 2018.

KURY, Giovana. **Liberdade torna-se o primeiro quilombo urbano do Maranhão**. Agência Tambor. Publicado em 4 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://agenciatambor.net.br/geral/liberdade-torna-se-o-primeiro-quilombo-urbano-do-maranhao/>.

LOURENÇO, Marina. **O que é tambor de crioula, tradição quilombola que afina instrumento a fogo**. Folha de São Paulo 20 de jun. 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-tambor-de-crioula-tradicao-quilombola-que-afina-instrumento-a-fogo/>. Acesso em: 15 out. 2024.

LUNA, Fabiana Gomes de. **As práticas curriculares na educação quilombola na Escola Municipal Ovídio Tavares de Moraes**. João Pessoa – PB. Universidade

Federal de Pernambuco- UFPB. Dezembro – 2017.

MARANHÃO, Ministério da Educação. **Documento Curricular do Território Maranhense**: para a Educação Infantil e o Ensino fundamental. 1ª ed.

MARANHÃO. Arquivo Público do Estado. **A invasão do quilombo Limoeiro/ Arquivo Público do Estado do Maranhão**; persq. e org. Raymunda Araújo- São Paulo: SIOGE, 1992. 108 p. 23 cm.

MARANHÃO. **Documento Curricular do Território Maranhense**: para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Rio de Janeiro: FGV Editora, [2019].

MARANHÃO. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03** / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 236 p. (Coleção Educação para todos)

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed., São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, Laís. **Cultura e identidade negra na escola**: qual a importância dessa prática? 20/11/2019 Cidadania, cultura e sociedade. Portal Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/cultura-e-identidade-negra/>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Trabalho de campo**: Contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M.C.S. Deslandes, S.F.; Gomes, R., Eds., Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. Editora Vozes, Petrópolis, 2009.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões na Senzala: quilombos, Insurreições, Guerrilhas**, São Paulo, Ed. Ciências Humanas. 1981.

NASCIMENTO, A. do. **O Quilombismo**: Uma Alternativa Política Afro-Brasileira. Petrópolis: Vozes, 1980.

NUNES, Ronayre. **Entenda o movimento griô e a importância da ancestralidade na cultura**. Correio Braziliense. Acervo. 12/12/2018. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/12/12/interna_diversao_arte,724615/conheca-o-movimento-grio.shtml

OLIVEIRA, Darcicleia. **Quilombos: Locais de resistência contra a escravidão**. Educa Mais Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/quilombos>. Acesso em: 17 set. 2023.

OLIVEIRA, Wallace. **Quilombolas enfrentam dificuldades para garantir seu direito ao território**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/11/21/quilombolas-enfrentam-dificuldades->

para-garantir-seu-direito-ao-territorio/.

PEREIRA, Timna da Paixão Fagundes. **Os quilombos nas políticas públicas brasileiras e seus reflexos na extensão rural**. Ciências Agrárias, v. 28, n. 130, jan. 2024.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de Professores – Saberes da Docência e Identidade do Professor**. Nuances – vol. III, set. 1997.

PINHEIRO, Patrícia Goulart. **Saberes Tradicionais de Matriz Africana e suas potencialidades no Ensino de Ciências da Natureza**. Lume UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS. Dezembro – 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/212866/001109120.pdf?sequenc>

PINTO, Tales dos Santos. **Quilombo dos Palmares: Guerra contra a escravidão**. Brasil Escola. 2013. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/guerras/quilombos-dos-palmares-guerra-contra-escravidaio.htm>. Acesso em: 30 maio 2023.

QUINTANS, Mariana Trotta; GAY, Antônia. **Movimento Negro e a luta por direitos: a participação na ANC e as conquistas na Constituição Federal brasileira**. Ciências Sociais. Rev. Passei Direto, 2014. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/54058987/movimento-negro-e-a-luta-por-direitos-a-participacao-na-anc-e-as-conquistas-na-c>

RAMOS, Mariana Franco. Quilombos no Maranhão sofreram oito ataques desde o fim das eleições. De Olho nos Ruralistas 07- 12, 2022. Observatório do Agronegócio no Brasil. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2022/12/07/quilombos-no-ma-sofreram-oito-ataques-desde-o-fim-das-eleicoes/>.

RÉGIS, Sávia Augusta Oliveira. **Pretagogizando a contação de histórias africanas e afrobrasileiras: caminhos pedagógicos para a construção do pertencimento afro**. Repositório Institucional UFC- Universidade Federal do Ceará. Fortaleza 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32098/1/2017_dis_saor%C3%A9gis.pdf

RIBEIRO, Cristiane Maria. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade **O negro nas políticas públicas de educação no Brasil: concepções e propostas**. Faculdade de Educação – UFG.

ROCHA, Luís Félix de Barros Vieira. **O ensino de artes visuais no contexto da lei nº 10.639/2003 e o referencial curricular de arte da Secretaria Estadual de Educação do Maranhão (SEDUC/MA): Um estudo no Centro de Ensino Governador Archer**. 2018. 340f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

ROMÃO, Bruno Soares. A formação territorial do maranhão, transformações espaciais e territoriais da implantação do centro espacial de Alcântara. **Revista Geográfica de América Central. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica. II Semestre 2011. pp. 1-16**

SANTOS, Danilo Moreira dos. **Os quilombolas e sua inserção nas políticas públicas: subsídios à discussão da política de ATER quilombola**. Revista de Políticas Públicas, v. 21, n. 2, p. 1019-1043, 2017.

SILVA, Daniel Neves. **Como ficou a vida dos escravos após a Lei Áurea?** Brasil Escola. 2022. Disponível em ><https://brasilecola.uol.com.br/historiab/como-ficou-vida-dos-ex-escravos-apos-lei-aurea.htm>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SIQUEIRA, André Boccasius. **Etnoconhecimento de Benzedeiros e Rezadeiras: Resistência ao tempo e à tecnologia**. Revista Húmus vol. 11, num. 25, 2021. Lume UFRGS. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/230892/001127392.pdf>.

SODRÉ, Afonso. **No Maranhão, milhares de pessoas foram afetadas pela violência no campo em 2022**. Jornal A Verdade. Disponível em: <https://averdade.org.br/2023/03/no-maranhao-milhares-de-pessoas-foram-afetadas-pela-violencia-no-campo-em-2022/>

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos: identidade e história**/ Laura Olivieri Carneiro de Souza. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SOUZA, Gerson Pinheiro de. **Quilombos Urbanos na Ilha do Maranhão**. 2018. Disponível em: <https://igualdaderacial.ma.gov.br/noticias/artigo-quilombos-urbanos-na-ilha-do-maranhao>

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e Formação profissional**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCHWARTZ, Stuart B. **Escavidão indígena e o início da escravidão africana**. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio (org.). Dicionário da escravidão e liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Ronildo Geraldo da - **Saberes tradicionais de benzedeiros e os processos educativos da EJA** [manuscrito] / Ronildo Geraldo da Silva. Belo Horizonte, 2022. http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/dissertacoes_teses/artigo_edimara_goncalves_soares.pdf

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos: identidade e história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

TEIXEIRA, Elisa Ferreira. **Abdias do Nascimento: experiências e escritos para a educação étnico-racial**. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB. 169, 2016.

TRECCANI, Girolamo Domenico. **Terras de Quilombo: caminhos e entraves do processo de titulação**. Belém: 2006.

ANEXOS

ANEXO A- CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

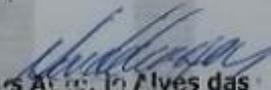
Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a IV, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção nº 169, ratificada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação nº 01420.002305/2009-14 **CERTIFICA** que a **COMUNIDADE DE SANTO ANTÔNIO**, localizada no município de MATÕES DO NORTE/MA, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 014, Registro n.1.623, fl.040, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO.**

Eu, **Alexandre Funciação Reis**, (Ass.)....., Diretor do Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extrai Brasília, em **19 de dezembro de 2011.**

O referido é verdade e dou fé.


Marcos Antonio Alves das Neves
Presidente Substituto
Fundação Cultural Palmares

ANEXO B- TERMO DE CONSCIENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, função, _____, concordo em conceder entrevista para **Eliane Cristina Leite dos Santos**, a mestranda, do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), para a **pesquisa** intitulada: **"As Práticas Pedagógicas de Valorização Cultural e Identitária do Povo Negro Remanescente de Quilombo na Escola Municipal Santo Antônio III – Matões do Norte – Ma.**

Declaro estar ciente de que minha participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Declaro, ainda, estar ciente de que por intermédio deste Termo são garantidos a mim os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) ter ampla possibilidade de negar-me a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à minha integridade física, moral e social.

São Luís, 26 de Junho de 2024

Assinatura da entrevistada



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, eu, _____,
função _____, residente
em _____, AUTORIZO o uso de minha imagem
em todo e qualquer material entre fotos e vídeos, para serem utilizados na
pesquisa intituladas **"As Práticas Pedagógicas de Valorização Cultural e
Identitária do Povo Negro Remanescente de Quilombo na Escola Municipal
Santo Antônio III – Matões do Norte – Ma**, desenvolvida por **Eliane Cristina
Leite dos Santos**, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gestão de
Ensino da Educação Básica (PPGEEB).

Declaro estar ciente de que minha participação é voluntária e que fui
devidamente esclarecido quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Declaro, ainda, estar ciente de que por intermédio deste Termo são
garantidos a mim os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores
esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) ter ampla possibilidade de negar-me a
responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem
prejudiciais à minha integridade física, moral e social.

São Luís, ____/____/ 2024

Assinatura da entrevistada

ANEXO D- PROJETO DE LEITURA **MÚLTIPLAS DIVERSIDADES: CONHECENDO E MARANHENSE. VALORIZANDO A DIVERSIDADE CULTURAL AFRO**



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO CULTURA, ESPORTE E LAZER
Av. Dr. Antonio Sampaio, Nº 1032, CEP: 65468-000, Matões do Norte – MA
CNPJ: 31.711.829/0001-26
E-mail: semed.matoesdonorte@gmail.com

PROJETO DE LEITURA

“Um mundo novo a cada página”

Múltiplas diversidades: Conhecendo e valorizando a diversidade cultural afro maranhense.



Matões do Norte
2024



1. IDENTIFICAÇÃO

PROJETO DE LEITURA: Um mundo novo a cada página

TEMÁTICA: Múltiplas diversidades: Conhecendo e valorizando a diversidade cultural afro maranhense.

OBJETIVO GERAL: Promover a inclusão e participação de todos os alunos no mundo da leitura com respeito a diversidade cultural afro maranhense.

ELABORAÇÃO: Coordenadores da Educação do Campo, Supervisor do polo e professores.

PÚBLICO ALVO: Educação Infantil e 1º ao 5º ano do polo IV

APRESENTAÇÃO E INICIO NAS ESCOLAS DO POLO IV: 13/05 a 17/05/2024

AVALIAÇÃO COM TODA A EQUIPE ESCOLAR: 05/08 e 08/08

AVALIAÇÃO COM A EQUIPE TÉCNICA – PEDAGÓGICA: 13/08



2. Sumário

1. IDENTIFICAÇÃO	95
2. Sumário	96
3. APRESENTAÇÃO	96
4. JUSTIFICATIVA	98
3. OBJETIVOS	100
3.1 Geral	100
3.2 Específicos	100
4. METODOLOGIA	101
5. CRONOGRAMA	102



3. APRESENTAÇÃO

O Polo IV da Educação do Campo, pertencente à rede municipal de ensino de Matões do Norte, tem em sua abrangência cinco escolas com turmas multisseriadas e com múltiplas etapas formadas por alunos da Educação infantil e do Ensino Fundamental anos iniciais: E.M. Boa Esperança II, E.M. Santo Antonio III, E.M. Celino dos Santos Leitão, E.M. Aprígio Assunção e E.M. São José. Traz o Projeto de Leitura intitulado "Um mundo novo a cada página", cujo propósito é fomentar a capacitação de alunos com a leitura fluente e combater os déficits de escrita convencional por meio de debates, discussões e processos de aprendizagem voltados para a valorização e respeito às diversidades.

O projeto adota como tema central Múltiplas diversidades: Conhecendo e valorizando a diversidade cultural afro-maranhense. O projeto busca enriquecer o conhecimento e contribuir para a construção de uma sociedade que reconheça e valorize sua diversidade, com especial atenção para a diversidade cultural afro maranhense. Essa abordagem será transversal, integrando-se a todos os componentes curriculares, para garantir uma compreensão abrangente e compartilhada dos aspectos relacionados a essa temática.

Para alcançar esse objetivo, é essencial estimular a participação dos alunos, tanto individualmente quanto coletivamente, por meio de rodas de conversas, momentos de leitura, pesquisas, contação de histórias, oficinas de artesanatos, brincadeiras, e produções artísticas. Assim, o Projeto de Leitura não apenas trará conhecimento e informações sobre os diversos aspectos culturais, mas também fortalecerá o senso de pertencimento e valorização da identidade de cada aluno, contribuindo para um ambiente escolar mais acolhedor e enriquecedor.



4. JUSTIFICATIVA

O Projeto de Leitura "Um mundo novo a cada página", implementado pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer – SEMECCEL, traz um desafio importante e de grande relevância ao Polo IV da Educação do Campo da rede municipal de ensino de Matões do Norte. Nesse contexto, o projeto surge como resposta à necessidade urgente de promover a valorização e o respeito às diversidades culturais, especialmente no contexto maranhense, no qual a influência da cultura afro-brasileira é profundamente enraizada.

Desde o período colonial, o Maranhão foi marcado por uma intensa miscigenação, resultando em uma população majoritariamente negra ou parda. Essa herança cultural africana se manifesta em diversos aspectos da vida cotidiana, como música, dança, artes visuais, religião, tradições e linguagem. No entanto, apesar dessa riqueza cultural, a cultura afro-brasileira muitas vezes é negligenciada no ambiente educacional, levantando questões sobre a falta de representatividade e inclusão nas salas de aula.

Munanga (2010), destaca a urgência de políticas que promovam o respeito e o reconhecimento da diversidade, visando uma nova cidadania por meio de uma pedagogia multicultural. Este projeto, alinhado com esses princípios, busca promover o conhecimento e contribuir para a construção de uma sociedade que reconheça e valorize sua diversidade, garantindo respeito, participação e interação de todos os alunos. Com o objetivo de promover a inclusão e participação de todos os alunos no mundo da leitura com respeito a diversidade cultural, o projeto buscará meios de inclusão de todos os alunos e comunidade escolar com o intuito de proporcionar a inclusão de todos os alunos no mundo da leitura e novos conhecimentos, respeitando as diversidades culturais afro maranhense e seus aspectos locais. Para alcançar esse objetivo, buscaremos chegar à solução do problema:

De que forma a escola pode promover a inclusão e participação de todos os alunos no mundo da leitura com respeito a diversidade cultural?



Nesse contexto, é essencial estimular a participação ativa dos alunos, tanto individualmente quanto coletivamente. O projeto não se limita apenas a transmitir conhecimento, mas também busca cultivar uma mentalidade de respeito e valorização das diferenças, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Portanto, ao promover uma educação que valoriza a diversidade e a inclusão social e cultural, o Projeto de Leitura "Um mundo novo a cada página" reforça a importância de reconhecer e celebrar as diversas identidades presentes na sociedade maranhense. Ao fazê-lo, contribui para a construção de uma cultura de paz e respeito mútuo, em linha com os ideais de Munanga e as necessidades da educação contemporânea.



3. OBJETIVOS

3.1 Geral

Promover a inclusão e participação de todos os alunos no mundo da leitura com respeito a diversidade cultural afro-maranhense.

3.1 Específicos

- Fomentar a interação entre os alunos por meio de atividades lúdicas, estimulando o trabalho coletivo;
- Resgatar a cultura afro-maranhense com base na leitura e releitura dos costumes e tradições dos povos descendentes.
- Apresentar elementos da cultura afro-maranhense, sensibilizando os alunos sobre a importância da diversidade cultural
- Estimular a curiosidade, o interesse e o respeito pela formação cultural de um povo.



4. METODOLOGIA

A construção, o desenvolvimento e a culminância do projeto terão como base as seguintes estratégias:

- **Escolha do tema e discussão sobre o projeto:** Reunião para escolher o tema e discutir sua importância.
- **Elaboração do projeto:** Definição de objetivos, atividades e recursos.
- **Apresentação da ficha de acompanhamento:** Coordenação apresenta uma ficha de acompanhamento aos professores.
- **Planejamento das ações:** Professores se reúnem para planejar atividades específicas.
- **Apresentação do projeto à comunidade:** Apresentação formal do projeto aos envolvidos na comunidade educativa.
- **Início do projeto:** Início das atividades conforme o cronograma estabelecido.
- **Aquisição de materiais:** Providenciar materiais necessários para as atividades.
- **Acompanhamento das atividades:** Coordenação e equipe acompanham o progresso das atividades em sala de aula.
- **Seleção de Conteúdo e explanação em sala de aula:** Identificar e explorar materiais didáticos, livros, contos, poesias e outros recursos que abordem a diversidade cultural afro-maranhense de forma adequada e acessível para as diferentes faixas etárias dos alunos da educação infantil e dos anos iniciais.
- **Atividades Lúdicas e Interativas:** Promover atividades lúdicas e interativas, como contação de histórias, dramatizações, jogos educativos, brincadeiras, danças e músicas, que envolvam os alunos e despertem o interesse pela leitura e pela cultura afro-maranhense.
- **Oficinas e Produções Artísticas:** Realizar oficinas de artesanato, dança, música e pintura, com a produção cartaz, mural, revistas, convites e outros. Permitindo aos alunos expressar sua criatividade e explorar aspectos da cultura afro-maranhense de forma prática e sensorial.
- **Rodas de Conversa e Debates:** Promover rodas de conversa e debates entre alunos, professores, lideranças e anciões das comunidades a qual a escola está inserida sobre temas relacionados à diversidade cultural, estimulando a reflexão crítica e o respeito às diferenças.
- **Projetos Colaborativos:** Incentivar projetos colaborativos entre as escolas do Polo IV da Educação do Campo, possibilitando a troca de experiências e o trabalho conjunto na promoção da inclusão e valorização da diversidade.
- **Apresentação prévia:** Amostra inicial das produções dos alunos.
- **Avaliação:** Avaliação periódica do progresso e impacto do projeto.

- **Culminância:** Evento final para apresentar os resultados do projeto à comunidade.



5. CRONOGRAMA

AÇÕES	ABR	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
Escolha do tema e discussão sobre o projeto;	26							
Elaboração e construção do projeto;	26							
Apresentação da ficha de acompanhamento pelo coordenador aos professores;	26							
Planejamentos das ações a serem desenvolvidas;	26							
Apresentação do projeto à comunidade educativa		14 a 17						
Iniciação do projeto		14 a 17						
Aquisição de materiais para a execução do projeto		X						
Desenvolvimento do projeto		Dias letivos						
Seleção de Conteúdo e explanação em sala de aula		x						
Projetos Colaborativos:		x						
Atividades Lúdicas e Interativas			x	x				
Oficinas e Produções Artísticas					x			
Rodas de Conversa e Debates						x		
Atividades Lúdicas e Interativas							x	X
Acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos professores		X	X	X	X	X	X	X
Apresentação prévia				8 a 12				
Avaliação					08		04	
Culminância								X



ANEXO IV. Lei Federal 10.639/2003

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à

História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.



V. Lei Federal 11.645/2008

LEI No 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população

brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.



APÊNDICES

APÊNDICE A- CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA A CONCESSÃO DE PESQUISA DE CAMPO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)



CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA CONCESSÃO DE PESQUISA DE CAMPO

Prezado Senhor, **Domingos Araújo Casa Nova**

Vimos por meio desta apresentar-lhe a estudante **Eliane Cristina Leite dos Santos**, regularmente matriculada no Mestrado Profissional Gestão de Ensino da Educação Básica, da Universidade Federal do Maranhão para desenvolver uma pesquisa de conclusão de curso, intitulada: **AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO NA ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANTONIO III – MATÕES DO NORTE-MA**

Na oportunidade, solicitamos autorização de Vossa Senhoria em permitir a realização da pesquisa neste recinto educacional para que a referida estudante possa coletar dados por meio de observações, entrevistas, questionários e outros meios metodológicos que se fizerem necessários.

Solicitamos ainda a permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, preservando sigilo e ética, conforme termo de consentimento livre que será assinado pelos sujeitos envolvidos na pesquisa. Esclarecemos que tal autorização é uma pré-condição.

Colocamo-nos à disposição de V. S^a para quaisquer esclarecimentos.

São Luís, 16 de Janeiro de 2024.

Profa Dra HERCILIA MARIA DE MOURA VITURIANO
Coordenadora do PPGEEB/UFMA

Recebido
em 17/01/2024
Domingos Araújo Casa Nova
Sec. Municipal de Educação
CPF: 277.003.170-19

APÊNDICE B- ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE

Pesquisadora: Eliane Cristina Leite dos Santos	
Local da pesquisa	Escola Municipal Santo Antônio III Povoado Santo Antônio, Matões do Norte – MA.
Colaboradores da Pesquisa	Coordenador (a) pedagógico (a); Supervisor; Gestor; Professor
Tipo da Pesquisa	Pesquisa de Campo
Análise e Interpretação de Dados	Entrevista semiestruturadas
Dados da pesquisa	Apresentados em quadros respostas
Data Inicial	17 de janeiro de 2024
Data de encerramento	17 de novembro de 2024

CRITÉRIOS A SEREM OBSERVADOS

1- Quanto a Estrutura de Ensino:

- a- Quantidade de Estudantes de acordo com cada etapa
- b- Comportamento e envolvimento dos estudantes nas atividades propostas

2- Quanto ao Ambiente:

- a- Quadro de funcionários
- b- Estrutura Física
- c- Caracterização
- d- Organização
- e- Horários de aulas/ rotina escolar

3- Quanto à Metodologia utilizada pelo docente:

- a- Acolhimento/ envolvimento com os estudantes
- b- trabalho com as temáticas étnico-raciais
- c- Recursos Didáticos
- d- Planejamento
- e- Avaliação de Aprendizagem

4- Quanto ao trabalho da gestão e supervisão escolar

- a- A rotina
- b- Envolvimento com a avaliação de aprendizagem
- c- Acompanhamento pedagógico.

APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA, SUPERVISOR, GESTOR E PROFESSOR DA ESCOLA MUNICIPAL SANTO ANTÔNIO III, POLO IV- EDUCAÇÃO DO CAMPO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)



PESQUISA DE CAMPO
QUESTIONÁRIO

Instituição: _____

Nome: _____

Função: _____

02-Em relação a cor da pele, você se autodeclara:

() Preto () Pardo () Branco () Indígena () Amarelo

02 - Qual sua formação?

03- Durante sua formação acadêmica, foram trabalhadas disciplinas que trataram sobre a história da população negra no Brasil, além do que se refere à escravidão no Brasil?

() Sim () Não

Estabeleça um comentário a respeito da questão em destaque:

04- Os movimentos de enfrentamento e resistência à escravidão no Maranhão, foram conteúdos discutidos no seu processo formativo?

() Sim () Não

Estabeleça um comentário a respeito da questão em destaque:

05- Existem formações continuadas ofertadas pelo município, com temáticas étnico-raciais direcionadas aos professores que trabalham nas escolas pertencentes aos territórios quilombolas?

Sim Não

Estabeleça um comentário a respeito da questão em destaque:

06 - Na sua opinião, trabalhar conteúdos que apresentem a história da população africana e afro-brasileira, suas contribuições na formação da sociedade brasileira, possibilita aos negros remanescentes de quilombo, um processo de valorização e sentimento de pertencimento?

Sim Superficialmente Não

Estabeleça um comentário a respeito da questão em destaque:

07- No seu entendimento, as políticas sociais direcionadas à população remanescente de quilombo, contribuem para o bem-estar, fortalecimento da identidade e cultura nos territórios tradicionais?

Sim Superficialmente Não

Estabeleça um comentário a respeito da questão em destaque:

08- A Escola Municipal Santo Antonio III, possui Proposta Pedagógica Curricular?

Sim Não

09- Pressupondo que a E. M. Santo Antonio possua a Proposta Pedagógica Curricular, esse documento segue as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola?

Sim Não

10- Caso as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, não seja a base norteadora na construção da Proposta Pedagógica Curricular da E. M. Santo Antonio III, quais outras diretrizes foram utilizadas na construção do referido documento?

11- A E. M. Santo Antonio III, desenvolve atividades estabelecendo interação com a comunidade, respeitando os costumes e tradições, ou segue retamente o planejamento geral desenvolvido em todas as escolas do município?

Sim Superficialmente Não

Estabeleça um comentário a respeito da questão em destaque:

12- Conforme o seu entendimento, o ensino ofertado na E. M. Santo Antonio III propicia aos alunos conhecimentos sobre a história e cultura afro-brasileiro?

Sim Superficialmente Não

Estabeleça um comentário a respeito da questão em destaque:

APÊNDICE D
PRODUTO EDUCACIONAL

Eliane Cristina Leite dos Santos
Mariléia Santos Cruz da Silva

CADERNO DE ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO



Eliane Cristina Leite dos Santos
Mariléia Santos Cruz da Silva

QUILOMBOLA

CADERNO DE ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS
SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO
CULTURAL E IDENTITÁRIA DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE
QUILOMBO



São Luís
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA)

Prof. Dr. FERNANDO CARVALHO SILVA (Reitor)
Prof. Dr. LEONARDO SILVA SOARES (Vice-Reitor)

AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO (AGEUFMA)

Profa. Dra. Flávia Raquel Fernandes do Nascimento (Pró-Reitora)

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

Profa. Dra. Hercília Maria de Moura Vituriano

VICE - COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

Prof. Dr. Antônio de Assis Cruz Nunes

AUTORAS DO PRODUTO EDUCACIONAL

Eliane Cristina Leite dos Santos
Mariléia Santos Cruz da Silva

DESIGN GRÁFICO

Mariceia Ribeiro Lima

IMAGEM CAPA

Educação Quilombola

<https://chatgpt.com/c/67486940-b82c-8003-857d-c0671ea0cfff>



PPGEEB

São Luís
2024





SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07	4 PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO COM A CULTURA LOCAL DO QUILOMBO SANTO ANTONIO	36
2. ORGANIZAÇÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA	10	4.1 A PALHA DA PALMEIRA DO COCO BABACU	37
3. QUILOMBOS E QUILOMBOLAS NO MARANHÃO COMO RESISTÊNCIA	12	4.2 EXPLORANDO O QUILOMBO: PILÃO DE MADEIRA E FORNO DE TORRAR FARINHA	38
3.1 O QUILOMBO SANTO ANTÔNIO NO CONTEXTO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA.	15	4.3 O SOM DOS QUILOMBOS E AS MÃOS DE SEUS CONSTRUTORES	39
3.1.1 HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO	17	5 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS INTEGRADORAS	40
3.2 COSTUMES E TRADIÇÕES NO COTIDIANO DO QUILOMBO SANTO ANTONIO	19	5.1 HISTÓRIA E ORIGEM DAS FAMÍLIAS RESIDENTES NA COMUNIDADE TRADICIONAL SANTO ANTÔNIO	42
3.2.1 TAMBOR DE CRIOLA	21	5.2 A IMPORTÂNCIA DA TRADIÇÃO ORAL PARA A MEMÓRIA COLETIVA DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO	45
3.2.2 FÉ NAS BENZEDEIRAS	23	5.3 TAMBOR DE CRIOLA: IDENTIDADE CULTURAL DA COMUNIDADE TRADICIONAL SANTO ANTÔNIO	48
3.2.3 ERVAS MEDICINAIS: PRÁTICAS DE CURAS E PREVENÇÃO DA SAÚDE NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA.	25	5.4 A FÉ COMO FORMA DE SOBREVIVÊNCIA NOS TERRITÓRIOS TRADICIONAIS	51
3.2.4 TRADIÇÃO ORAL: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	27	6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
3.3 A CULTURA MATERIAL COMO ELEMENTO DA ANCESTRALIDADE NO QUILOMBO SANTO ANTÔNIO	29	REFERÊNCIAS	55
3.3.1 A PALMEIRA DO COCO BABACU	30	SOBRE OS AUTORES	59
3.3.2 PILÃO DE MADEIRA E FORNO DE TORRAR FARINHA	32		
3.3.3 OS TAMBORES E SOM DA ANCESTRALIDADE	34		





APRESENTAÇÃO

Sentir-se pertencente e valorizado no meio em que vivemos, nos torna forte e consciente o suficiente para preservar nossas raízes e sempre lutar pelos ideais que acreditamos. É firmado nessa afirmativa que apresentamos a vocês, professoras e professores o nosso produto educacional, CADERNO DE ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DO POVO NEGRO REMANESCENTE DE QUILOMBO, que visa contribuir com práticas pedagógicas de valorização cultural e identitária do povo negro remanescente de quilombos no Estado do Maranhão.

Estamos geograficamente localizados no Maranhão, estado que de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística- IBGE (2022) mostra o maior número, relativamente, de quilombolas do país. Essa forma de identificação ligada ao pertencimento a territórios remanescentes de quilombos nos faz pensar: o quão os entes federados estão investindo para o desenvolvimento dessa massa populacional? E o que está sendo feito para que esse povo seja ressarcido pela dívida histórica de atrasos e humilhações, de modo a inseri-los nas políticas sociais, especialmente na educacional?

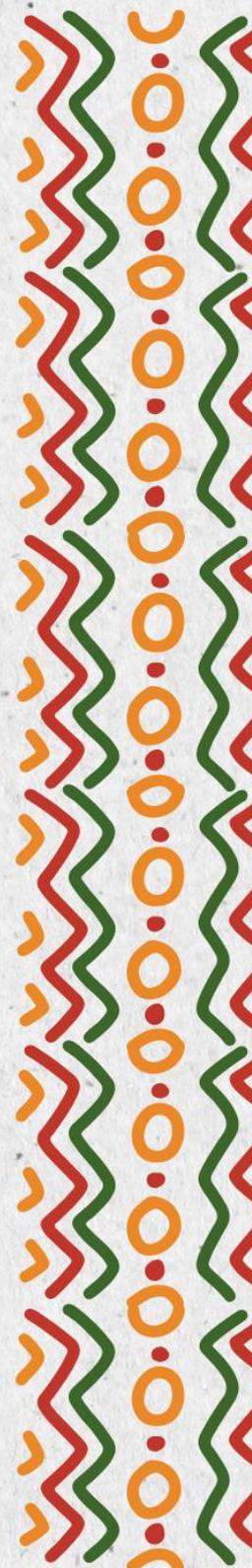
Nesse contexto, acreditamos que a população afro-brasileira pertencentes aos territórios tradicionais quilombolas, carecem de um processo educacional inclusivo, que compreenda as particularidades individuais e coletivas de seus discentes, respeitando os valores costumes e tradições de seu povo, para que o aprendizado fruto desse trabalho, proporcione a formação de cidadãos que se orgulhem de suas origens e se reconheçam como pessoas de direitos.

Assim, compreendemos que há necessidade de intensificar o ensino com base nas relações étnico-raciais nas escolas quilombolas, devido urgência do fortalecimento e valorização da identidade negra nos territórios tradicionais, para que estes tenham acesso a historicidade dos seus ancestrais, e suas imponentes contribuições na formação da sociedade política, cultural e social brasileira.



Dentro desta perspectiva, entendemos que a solução está inteiramente relacionada às urgências de se fazerem cumprir as leis, como a de nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que alterou a lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, inserido no Art. 26-A, tornando obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas do país, assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola – DCNs (BRASIL, 2012) que visa atender os direitos das comunidades tradicionais com o desenvolvimento de ações que apresentem aos alunos a verdadeira história de seu povo.

Acompanhado esse contexto, desenvolvemos este Caderno de Orientações Didáticas, produto da nossa pesquisa, que ofertará de forma simples, algumas ferramentas teóricas e práticas com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, auxiliando os docentes, no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem com base no ensino das relações étnico-raciais, que possibilita o despertar do sentimento de pertencimento dos estudantes e osproporcionem conhecimentos reais, com ações que valorizem a história, costumes e tradição dos seus ancestrais.



INTRODUÇÃO

O produto educacional que desenvolvemos é resultante do trabalho de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), encontra-se identificado como Caderno de Orientações Didáticas sobre práticas Pedagógicas de Valorização Cultural e Identitária do Povo Negro Remanescente de Quilombo.

A proposição do produto educacional consiste em oferecer orientações previstas no Documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola – DCNs (2012) e no Documento Curricular do Território Maranhense – DCTMA (2019), que sinalizam para necessidade de as escolas quilombolas contribuírem com a construção do sentimento de pertencimento dos estudantes remanescentes de quilombo.

Tornou-se notório o quão é necessário e imprescindível trazer para o âmbito escolar as discussões sobre temáticas direcionadas às relações étnico-raciais, em especial, nos territórios tradicionais, que estão distribuídos em quase todos os estados do Brasil, com exceção de Acre e Roraima, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). E mesmo com essa grande representação no país, ainda nos deparamos com a invisibilidade no contexto escolar, das verdadeiras histórias do povo negro africano e Afro-brasileiro, e suas contribuições na formação e desenvolvimento da sociedade.

Compreendemos que para ter algo como referência e modelo a ser seguido, primeiramente precisamos conhecer e reconhecer sua importância. A partir dessa afirmativa buscamos construir um Caderno de Orientação Didática, com propostas que tivessem em seu escopo, ações que direcionem às práticas pedagógicas sobre as temáticas étnico-raciais, trazendo à luz, discursões sobre o processo de ensino e aprendizagem que incentivem a valorização da cultura, tradições e memória coletiva nos territórios tradicionais e despertem o sentimento de pertencimento na população negra.

O Caderno de Orientações Didáticas traz em seu bojo a proposta de ensino com práticas pedagógicas de valorização cultural e identitária do povo negro remanescente de quilombos, com base no estudo desenvolvido na Escola Municipal Santo Antônio III, em Matões do Norte- MA.



Este documento é composto de 59 páginas que incluem a organização teórica metodológica, com duas temáticas ética-racial, sendo que a segunda é formada por dez subdivisões, três propostas metodológicas para o trabalho com a cultura local do Quilombo Santo Antônio, e quatro sequências didáticas integradoras.

A organização teórica metodológica, apresenta em sua primeira abordagem: Quilombos e quilombolas no Maranhão como resistência, trazendo a seguir: O quilombo Santo Antônio no contexto da cultura afro-brasileira, com subdivisões que discorrem sobre a História de fundação, Costumes ancestrais no cotidiano do quilombo Santo Antônio, Tambor de crioula, Fé nas benzedeadas, Ervas medicinais como práticas de curas e preservação da vida, e a Tradição oral: Contação de histórias. A cultura material como elemento da ancestralidade no quilombo Santo Antônio, vêm dando destaque aos símbolos da tradição cultural do povo negro, que ainda são utilizados no cotidiano dos quilombos com produção artesanal, com as várias formas de aproveitamento da palmeira do coco babaçu, o Pilão de madeira e o forno de torrar farinha, chegando ao Tambores que são considerados como os sons da ancestralidade.

As propostas metodológicas para o trabalho com a cultura local, indica de forma simples, atividades lúdicas e interativas, produção artística e oficinas, com apresentação de imagem relacionadas ao tema em destaque. Já as sequências didáticas integradoras, trazem sugestões de planos de aula com objetos de conhecimento vivenciados no cotidiano do Quilombo Santo Antônio, e fundamentados em competências e habilidades, conforme o que está descrito no Documento Curricular do Território Maranhense DCTMA e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola-DCNs.

As competências e habilidades utilizadas do plano de aula são as específicas para as áreas da linguagem e ciências humanas do Ensino Fundamental – anos iniciais, seguindo o que determina os documentos norteadores para o desenvolvimento do processo educacional.

Destacamos que as temáticas abordadas são constituídas por uma organização teórica metodológicas, apresentam ícones com personagens negras que indicam quais atividades serão apresentadas, e sugestões leituras para o aperfeiçoamento da aprendizagem.

Pelo exposto, acreditamos que o Caderno de Orientação Didática, produto educacional resultante das nossas pesquisas do mestrado profissional do Programa de Pós-graduação na Gestão da Educação Básica- PPGEEB, possa ser utilizado como ferramenta de auxílio aos professores em sala de aula e na construção da aprendizagem no cotidiano dos discentes pertencentes aos territórios tradicionais quilombolas, e assim contribuindo para a valorização e fortalecimento da identidade negra afro-brasileira.



2. ORGANIZAÇÃO TEÓRICA- METODOLÓGICA

Olá! Sou Eliane Leite, e te convido a um diálogo sobre a Educação com base nas relações étnico-raciais. Vamos lá!

Iniciaremos nossa conversa apresentando ícones representados por personagens negras, que irão nos conduzir nesse momento de partilha e aprendizagem. Vejamos a seguir:

Sugestões de Leituras:



Serão disponibilizadas logo após cada temática abordada indicações de leituras relacionadas aos assuntos abordados para o aperfeiçoamento da aprendizagem.

Dicas para o Aperfeiçoamento da Aprendizagem:



A personagem sinaliza ideias, e estão apresentadas com as atividades que compõem as propostas metodológicas.

Produção do Conhecimento:



O ícone vem apresentando os planos de aula contidos nas sequências didáticas integradoras.

Imagem relacionada ao Tema em Destaque:



a disposição de imagens num texto, ilustra e possibilita a consolidação dos discursos como forma comprobatória, sobre o que está sendo tratado

Possíveis Questionamentos:



sugestões de perguntas a serem feitas aos discentes, para direcionamento dos diálogos e desenvolvimento das atividades propostas no plano de aula.

3. QUILOMBOS E QUILOMBOLAS NO MARANHÃO COMO RESISTÊNCIA





No contexto de luta pela liberdade, os quilombos surgiram como ferramenta de resistência indispensável no processo de sobrevivência dos negros escravizados que conseguiam escapar dos cárceres vividos nas senzalas, dos castigos severos, trabalhos exaustivos nas grandes plantações e engenhos das fazendas no Brasil.



Os escravizados ao conseguir se desvencilhar da situação de escravidão, juntavam-se em meio as matas, outros como destaca Schwarcz (2018) preferiam esconder-se sozinhos ou em pequenos grupos nas periferias urbanas e nos pequenos núcleos suburbanos. Essas organizações denominadas quilombos possibilitava aos negros fugidos, oportunidades para recomeçar uma nova vida, formando família, vivendo em comunidade, e essa organização lhes oportunizavam reviver seus costumes, tradições e religiosidade.

No que diz respeito ao Maranhão, Francisco (2023) afirma que a sua população é uma das mais miscigenadas e apresenta a maior diversidade sociocultural do país, e esse fato teve origem, com a grande importação e comercialização de mão de obra escravizada, que movimentou por muito tempo a economia do estado. Atualmente, de acordo com o resultado do Censo Demográfico, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2022, o Maranhão ocupa o 2º lugar em números de pessoas que se autodeclararam remanescentes de quilombo, sendo um dos estados que mais a população se define como negra.

Pelo exposto reafirmamos a importância de intensificar nas escolas pertencentes aos territórios tradicionais quilombolas, propostas pedagógicas curriculares que tenham como referencial, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, assim como a efetivação da Lei 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96- (LDB), em seu Art. 26-A em todas as instituições de ensino, que apresenta a seguinte redação: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana”.

Acreditamos que a efetivação das referidas leis no desenvolvimento das propostas pedagógicas curriculares e na aplicação de ações constituídas a partir do ensino referenciado pelas diretrizes criadas para direcionar o ensino nas escolas quilombolas com abrangência e destaque nas vivências de seu entorno, irá fortalecer de forma expressiva, a organização comunitária dentro dos territórios, e como resultado, a conquista de direitos fundamentais e aplicação de políticas públicas de valorização do povo negro pertencentes aos quilombos urbanos e rurais.



Sugestões de Leituras:



- **Aspectos da População do Maranhão**
Autor: "Wagner de Cerqueira e Francisco"
<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/aspectos-populacao-maranhao.htm>
- **Os Quilombos Contemporâneos Maranhenses e a Luta pela Terra**
Autor: Adelmir Fiabani
https://estudioshistoricos.org/edicion_2/adelmir_fiabani.pdf



Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 2 – Apresentação do Tambor de Crioula Raízes de Santo Antônio em comemoração ao dia da Consciência Negra no Quilombo Santo Antônio



Fonte: Cone, Luís, nov. 2023

3.1 O QUILOMBO SANTO ANTONIO NO CONTEXTO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

A cultura afro-brasileira é uma das mais ricas e diversificadas do mundo, afirma Freitas (2022). Ela é resultado da mistura de diversas culturas africanas com as culturas dos povos originários e dos colonizadores, formando uma identidade singular.

De acordo com informações contidas no Relatório Antropológico da Comunidade Quilombola Lago do Coco, realizado Pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA 2018), o território quilombola de Matões do Norte, é composto por 30 comunidades tradicionais, compreendem a uma área de 38.000 hectares que se estendem da BR-135 até as margens do rio Mearim, entre elas está a Comunidade Quilombola Santo Antônio.

A Tradicional Comunidade Santo Antônio, está localizada na zona rural de Matões do Norte, a 15 km da sede do município. Por ser pertencente a um território tradicional, os moradores carregam a genética dos ancestrais que deram início a formação do quilombo, e pouco acontece a inserção de outros povos.

A certificação do Quilombo Santo Antônio foi realizada pela fundação Palmares no dia 19 de dezembro de 2011 e tem a sua origem recontada por meio de fatos históricos comprovados por documentos e utensílios localizados e mantidos em um local preservado, como também pela memória preservada por gerações

A estrutura física do quilombo conta com uma certa organização, tais como moradias construídas de alvenaria, a disponibilidade de alguns serviços essenciais, entre eles uma escola quilombola para atender as crianças residentes na comunidade. As principais fontes de renda que garante o sustento das famílias, geralmente são advindos da produção da roça no toco e os benefícios do governo federal, e mesmo com tantas dificuldades, o povoado sofre pouco com o êxodo rural, permitindo o repassar dos ensinamentos e propriedades de geração para geração.

Sugestões de Leituras:



- **Resistência Quilombola: A Luta Pela Preservação da Cultura Afro-Brasileira**

Autor: Lucas Freitas

<https://rabiscodahistoria.com/resistencia-quilombola-a-luta-pela-preservacao-da-cultura-afro-brasileira/>

- **Comunidades Quilombolas: Identidade Forjada Através da Resistência.**

Autora: Paula Ramón

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/03/comunidades-quilombolas-identidade-forjada-atraves-da-resistencia>



Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 3: Crianças do quilombo Santo Antônio vivenciando a cultura do tambor de Crioula



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

Figura 4: Crianças do quilombo Santo Antônio dançando na roda de Tambor de Crioula



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

3.1.1 HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO

A origem da comunidade, segundo relatório antropológico indica que sua estrutura foi estabelecida onde funcionava uma antiga feitoria, na fazenda Santo Antônio, hoje Povoado Santo Antônio. Terras doadas aos negros que serviam à casa grande e nos trabalhos da igreja que era conduzido pelo Padre Aureliano Antônio Nina (Primeiro dono do território pleiteado). Sua história de fundação segue duas versões, uma apresentada a partir de utensílios existentes característicos do período da escravidão, datas e documentos e nome dos proprietários que estão ligados genealogicamente aos moradores do quilombo contemporâneo disponíveis jornal Publicador Maranhense de 1864, e a segunda é constituída a partir de um mito fundador, que desperta o imaginário tanto dos griôs da comunidade, como dos seus ouvintes.

As histórias contadas pelos moradores mais antigos da região, descrevem a formação do Quilombo Santo Antônio cercada de lendas, descreve os horrores dos castigos e açoites que os negros escravizados vivenciavam em seu cotidiano.

Os relatos apresentados pelo Sr. Mariano Leitão (INCRA, 2018), conta a trajetória de uma negra escravizada, que após receber açoites de seu proprietário, fugiu em meio as matas. Durante essa fuga descobriu uma fonte de água potável, e utilizou essa descoberta como moeda de troca para garantir sua liberdade. Situação aceita pelo fazendeiro que enfrentava uma grande escassez de água em sua propriedade e precisava percorrer longas distância até o Rio Mearim para abastecer sua propriedade. A descoberta da fonte, além de garantir a carta de alforria à negra protagonista dessa história, ainda transformou qualidade de vida dos moradores da região e auxiliou na formação de outras comunidades, em torno da fonte de água que fora descoberta.

Sugestões de Leituras:



- **Relatório Antropológico da Comunidade Lago do Coco**

Autor: INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
<https://www.gov.br/incra/pt-br>

- **Comunidades Quilombolas: conceito. Autodefinição e direitos.**

Autora: Daiane Souza
<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/comunidades-quilombolas-conceito-autodefinicao-e-direitos>



Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 5: Quadro com relação dos Povoados que compõe o território Lago do Coco

N.	Nome	N.	Nome	N.	Nome
1	Alto Fogo (1)	11	Escorrega (1)	21	Pindoal
2	Âmago de Pau (1)	12	Falta Melhor (2)	22	Pontes (2)
3	Axixá (1)	13	Gomes	23	Ponto Certo
4	Bacabeira	14	Igarapé Grande I	24	Santa Rosa
5	Barriguda	15	Igarapé Grande II	25	Santo Antônio dos Pretos
6	Boa esperança	16	Lambedor (2)	26	Sapucaia
7	Boa Vista dos Marques	17	Lago do Coco	27	Tábuas (1)
8	Campinho	18	Marajá	28	Vaca Morta (2)
9	Caxirimbau	19	Morro Grande	29	Vai-Quem-Quer (2)
10	Coivaras	20	Muquila	30	Vala (2)

Fonte: INCRA, pesquisa de campo, dez. 2017

Nota (1) - Povoados identificados como terra de dono

Nota (2) povoado sem morador



3.2 COSTUMES ANCESTRAIS NO COTIDIANO DO QUILOMBO SANTO ANTONIO

O cotidiano do quilombo Santo Antônio ainda preserva costumes herdados dos seus ancestrais, como a cura de enfermidades com a utilização de plantas medicinais, o cultivo e produção de alimentos como a torração de farinha de forma artesanal e a confecção dos instrumentos utilizados em suas manifestações culturais. É exemplo de instrumento confeccionado no quilombo Santo Antônio os tambores usados na percussão da dança tambor de crioula, nos cultos religiosos de matriz africana, que fazem parte de práticas permanentes no cotidiano do quilombo.

A continuidade dos costumes também são representadas com o uso do pilão esculpido em madeira para descascar arroz, moer sementes de urucum para a produção de corante, e preparação do leite de coco babaçu. Constituem ações corriqueiras ainda vividas no cotidiano do quilombo Santo Antônio: a partilha dos alimentos após a colheita, caça e pescaria; e as celebrações aos santos com rezas de ladainhas, que reúnem a comunidade.

As crianças ainda desenvolvem brincadeiras nos terreiros de casa e mantêm a tradição de respeito aos mais velhos como, por exemplo a benção ao levantar-se pela manhã e ao deitar-se para dormir ao chegar da noite. Nas quintas e sextas, - feiras, santas, principalmente quem recebeu o nome de Maria segue um ritual de obediência em respeito ao sofrimento e crucificação de Jesus Cristo.

O acender das fogueiras em homenagem a Santo Antônio e São Pedro ainda são vistos com seriedade, e o passar da fogueira com o compromisso de afilhado, madrinha e comadres, são tidos como atos sagrados.

Mesmo com a inserção das tecnologias no cotidiano do quilombo, muito dos costumes e tradições ainda são preservados, e a manutenção dessa cultura advinda com o povo negro escravizado estão relacionados ao repassar dos ensinamentos, com foco na valorização dos saberes populares.

Sugestões de Leituras:



- **A Importância e a Riqueza da Cultura Afro-Brasileira**

Autor: Educamundo

<https://educamundo.com.br/blog/riqueza-importancia-cultura-afro-brasileira/>

- **Quilombolas: Significado e Importância na Cultura Brasileira.**

Autor: Cidesp

<https://cidesp.com.br/artigo/quilombolas-significado>



Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 6 - Altar no Quilombo Santo Antônio com imagens de Jesus Cristo, Santo Antônio



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

Figura 7- Dona Joana, moradora do quilombo Santo Antonio, apresentando sua principal fonte de renda



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

3.2.1 TAMBOR DE CRIOULA

Nascido nos quilombos maranhenses, ainda no período escravocrata como afirma Lourenço (2023), o tambor de crioula é uma das mais importantes rodas de danças afro-brasileiras, sendo alento para muitos negros, pela integração e momentos de lazer, numa tentativa de amenizar as dores e sofrimentos causados pelos atos cruéis da escravidão.

O tambor de crioula, conforme o que afirma Fernandes (2022), representa uma das grandes formas de expressão de matriz afro-brasileira, sendo praticado como divertimento ou em devoção a São Benedito. As suas apresentações envolvem dança circular, com rodopios e passes livres que geralmente são praticadas por mulheres, que completam a coreografia no centro da roda saudando e convidando com a punga ou umbigada. A percussão de tambores e canto, são mais praticadas pelos homens.

Criado na Comunidade Quilombola Santo Antônio, o Tambor de Crioula Raízes de Santo Antônio é a mais conhecida manifestação cultural do território, sendo por muitos anos destaque nos eventos realizados no município e cidades adjacentes. Com o passar do tempo foram sendo esquecidos perdendo visibilidade e seus organizadores declaram sentir-se desvalorizados.

Manter viva a cultura e as tradições requerem muitos esforços, dedicação e investimentos. A valorização do tambor de crioula e de outras manifestações culturais que são vistas como características de um povo, representa a manutenção de heranças históricas, e cultivá-las demonstram as crenças e devoções que depositamos sobre elas.

O entendimento sobre o impacto que a extinção das tradições de um povo poderá provocar na preservação das memórias construídas com os feitos dos ancestrais, nos aponta que é algo que pode ser desastroso, causando uma ruptura de costumes na formação das próximas gerações que não terão oportunidade de vivenciá-las.

Mesmo diante das dificuldades que vão desde a escassez da madeira utilizada na construção do instrumento, até a diminuição dos convites para apresentações, o Tambor de Crioula Raízes de Santo Antônio, ainda mantém sua tradição, e busca sempre repassar essa cultura para as crianças e adolescentes da comunidade.

Percebendo a necessidade de uma intervenção sobre o resgate do tambor de crioula Raízes de Santo Antônio, o Serviço Social da Indústria – SESI, com o Projeto de Inovação, Robótica- SESI, em Matões do Norte, definiu como ação aos discentes e coordenadores, a missão de reestruturar essa manifestação cultural tão importante para a manutenção da memória coletiva e preservação das tradições dos remanescentes de quilombo.

O projeto apresentado pela coordenação municipal ao SESI foi intitulado Tambor de Crioula Raízes de Santo Antônio: a ausência das batidas, um povo silenciado, consistindo em suas atividades, rodas de conversas para sensibilização sobre a importância do tambor de crioula como manifestação cultural da população dos territórios tradicionais quilombola; produção de indumentárias; construção de um memorial na comunidade; criação de páginas em redes sociais, para divulgação das apresentações e atividades realizadas no quilombo Santo Antônio, e organização da agenda de apresentações.

A introdução das manifestações culturais locais dos territórios quilombolas permitem a valorização dos conhecimentos deixados pelos ancestrais, possibilitando às gerações atuais e vindouras, a vivência dos costumes e tradições, adquirindo novos aprendizados e fortalecendo a memória dos seus ancestrais.

Sugestões de Leituras:



- **Tambor de Crioula do Maranhão**

Autor: Museu Afro Digital – Maranhão
<https://museuafro.ufma.br/?p=5735>

- **Tambor de Crioula: História de Resistência e Memória Cultural**

Autora: Nayara Joyse Silva Monteles
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/CulturaVisual_L1_050.pdf



Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 8: Tambores sendo aquecidos próximos à fogueira para afinação do som



Foto: Oliveira, José Benedito, ago. 2024

Figura 9 – apresentação do trio de tambores, pelos tambozeiros do território quilombola



Fonte: Cone, Luís, jan. 2024

3.2.2 FÉ NAS BENZEDEIRAS

Os saberes tradicionais e populares das benzedadeiras, conforme o que diz Silva (2022), se constituem como uma das formas de cuidado à saúde do povo negro, reconhecidos ainda nos dias de hoje. São saberes centrados na religião de matriz africana, que são usados por gerações para curar enfermidades, que são repassados como heranças ancestrais significativas.

Consideradas personalidades nos territórios tradicionais, as benzedadeiras exerceram papéis fundamentais no processo de resistência a escravidão, pois tinham como missão a manutenção da saúde física e espiritual dos escravizados e ex-escravos, com o dom da misticidade contidas nos ritos do benzimento.

A figura das benzedadeiras, transcrevem a confiança e fé de um povo que acredita na religiosidade cultuada pelos seus ancestrais, e essa crença é reafirmada ainda no cotidiano, com a busca de tratamento realizados com benzimentos e ervas, que por séculos foram a única fonte de cura de enfermidades nos territórios tradicionais.

Conhecer e repassar os ensinamentos deixados pelos ancestrais, contribui com a preservação das tradições e religiosidade representadas pelas benzedadeiras, permitindo a manutenção das memórias, e destaca a importância dos saberes populares que salvaguardou e permitiu com sua atuação, a continuidade de muitas vidas.

Sugestões de Leituras:



- **As Benzedadeiras: Cultura e Religiosidade**
<https://historiahoje.com/as-benedadeiras-cultura-e-religiosidade/>

- **Benzedadeiras: quem são as mulheres que curam nosso corpo e espírito?**
Autor: Eu Sem Fronteiras
<https://www.eusemfronteiras.com.br/benedadeiras-quem-sao-as-mulheres-que-curam-nosso-corpo-e-espírito/>





Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 10 — Brasilina da Silva, benzedeira há aproximadamente 67 anos, Matões do Norte –MA.



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024



Figura 11 — Raimunda Nonata Lopes, benzedeira há 65 anos, Povoado Bacuri- Matões do Norte –MA.



Fonte: Silva, João Victor dos Santos, jun. 2024



3.2.3 ERVAS MEDICINAIS: PRÁTICAS DE CURAS E PRESERVAÇÃO DA SAÚDE NOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS

As ações históricas ancestrais praticadas nos territórios tradicionais, a exemplo do uso das ervas medicinais para tratamentos de saúde, e outras manifestações de proteção a vida, como às religiosas (rezas e benzimentos), são formas de sustento e manutenção da tradição e cultura dos negros, tendo caráter importantíssimo para a conservação da memória coletiva dos remanescentes de quilombo.

Por não ter o direito e acesso às casas de saúde, os negros remanescentes de quilombo buscavam as curas dos males do corpo e da alma, utilizando dos meios naturais das plantas medicinais, com preparos de infusões, massagens com as folhas in natura ou em pó, extração do sumo para uso oral e banhos para questões espirituais.

Sande (2018), afirma que o cultivo das plantas medicinais, e a relação dos quilombos com a terra, estabelecem uma conexão cultural dos povos negros com suas raízes africanas e são vistas como símbolos de resistência, pois mesmo com direitos garantidos de acesso aos locais de tratamento de saúde, as ervas continuam sendo uma escolha no cotidiano das comunidades.

O tratamento com ervas, além de ser uma forma de preservação da crença e cultura negra, também contribuiu no desenvolvimento e produção de medicamentos, a partir das pesquisas e análises científicas que comprovou a eficácia dos remédios naturais como importantes meios de cura das enfermidades.

De acordo com a Sra. Brasilina da Silva, benzedeira de 80 anos, residente em Matões do Norte, "para cada doença, tinha uma planta que resolvia o problema, podia ser dor de cabeça, febre até erisipela, a gente benzia com a folha de pião roxo e o remédio usado era feito com as ervas. Era as plantas e a fé, diferente de hoje que não se acredita em nada".

A vida nos quilombos sempre foi cercada de muitos desafios, e os saberes populares se apresentavam como um refúgio e alento para os seus residentes. O uso das plantas medicinais, sinalizava aos enfermos uma oportunidade de recuperação da saúde, mesmo que o problema fosse de alta complexidade.

Para a cura dos ferimentos uma das plantas usadas era o mastruz; para as fortes dores de cabeça, compressa de folha de pião roxo morna, untada com manteiga e amarrada nas frentes com um tecido; problemas nos rins, chá de quebra pedra; casca de aroeira, para o tratamento de doenças sexualmente transmissíveis; e leite de janaúba para gastrite, inflamações no útero e câncer. Esses são alguns exemplos de como a população negra resistia aos problemas de saúde.

Sugestões de Leituras:



- **Cultivo e uso de Plantas Medicinais em Comunidades Quilombolas**

Autora: Luiza Fernandes Fonseca Sandes

<https://proceedings.science/cied/trabalhos/cultivo-e-uso-de-plantas-medicinais-em-comunidades-quilombolas?lang=pt-br#institution1>

- **Práticas Fitoterápicas e a Relação Cultural de Quilombolas com o uso de Plantas Medicinais em Rituais de Cura**

Autora: Luiza Fernandes Fonseca Sandes

<http://www.fepeg2018.unimontes.br/anais/download/44a2a679-a022-4d30-a457-f6281965e4ee>



Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 12 – Tabela com exemplares de plantas medicinais, usadas em tratamento de saúde, no território quilombola de Matões do Norte –MA.

Ervas Medicinais e suas Utilidades

CANA DA ÍNDIA

utilizado no tratamento de diabetes

BOLDO

o chá é usado para dores no estômago e má digestão; problema no fígado, dor nas articulações, reumatismo, e pedra na vesícula

INSULINA

auxilia no tratamento de diabetes, inflamação muscular e pressão baixa;

ERVA CIDREIRA

É calmante, ajuda no sono e controla os sintomas da ansiedade, cólicas menstruais, gases e dores de cabeça;

ALFAVACA

erva aromática, quando usando em forma de banho, é bom para o tratamento de gripe, dor de cabeça. O chá é usado para a tosse e dor na garganta, pressão alta e depressão. Sua semente madura é colocada dentro do olho para localizar ciscos, pelos etc.

ANADOR

suas folhas são usadas no preparo do chá, como anti-inflamatório, para combater dores de cabeça, febre, problemas respiratórios;

CAPIM-LIMÃO

usado no combate as dores de cólica menstruais, alivia os sintomas da ansiedade e insônia, e dores estomacais.

Fonte: Silva, Thiago Mesquita, jun. 2024

3.2.4 TRADIÇÃO ORAL: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A tradição oral é um fator indispensável no processo de formação e manutenção da memória coletiva, e tem a capacidade de despertar o imaginário naqueles que tem o privilégio de ouvir. De acordo com Pereira (2024) podemos definir a tradição oral como um elemento fundamental da cultura brasileira, que permite a transmissão dos conhecimentos, histórias e valores de geração em geração

As histórias, contos e lendas são ferramentas indispensáveis para o fortalecimento da identidade da população residente nos territórios tradicionais, pois permite às gerações seguintes, construir conhecimentos e realizar registros sobre a forma de vida de seus ancestrais, para que os seus feitos e ensinamentos não caiam no esquecimento com o passar dos tempos.

A oralidade, conforme o que diz Nogueira (2022), é sem dúvidas uma das maneiras mais eficiente no repasse e registro da cultura e da história brasileira. Tendo como exemplo as contações de histórias dos avós, vistas como narrativas capazes de atravessaram gerações.

As narrativas que reafirmam o misticismo e manifestação da fé religiosa do povo negro descendentes de pessoas escravizadas, relembram as fases difíceis vividas no quilombo de Santo Antônio, quando ao enfrentar a escassez de água, os moradores da comunidade reuniam-se e em procissão, iam até a capela pegavam a imagem de Santo Antônio no oratório, e levavam até uma das residências sem avisar o seu proprietário com rezas e ladainhas com pedido de chuva, e só retornava ao santuário quando fosse alcançado o milagre. E conforme os relatos, a graça era sempre alcançada de forma imediata.

As transformações de pessoas em bichos nas noites de lua cheia, a aparição de Mãe D'água, sentada na beira do poço descoberto pela escrava, que deu origem a comunidade, as rezas de encantamento que permite a pessoa se esconder atrás de qualquer árvore, usadas para fugir de ameaças e salvaguardar a vida, são amostras das histórias, contos e lendas que enriquecem a tradição oral do território, pois retrata as vivências, as crenças características de um povo, resgatam os feitos e contribuições dos ancestrais e alimenta a imaginação das gerações seguintes, fortalecendo a memória coletiva da comunidade.

Sugestões de Leituras:



- **A Tradição Oral na Cultura Brasileira**
Autora: Camila Pereira
<https://culturanf.com.br/preservando-nossa-historia-valorize-a-tradicao-oral/>

- **O Papel da Tradição Oral na Preservação da Cultura no Brasil**
Autora: Lívia Nogueira
<https://labdicasjornalismo.com/noticia/12180/o-papel-da-tradicao-oral-na-preservacao-da-cultura-no-brasil>





Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 13 - José Raimundo Casas Novas, Paulino de Jesus Martins Corrêa e Moisés Casas Novas Licá, Griôs da atualidade.



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

Figura 14 – Contação de histórias sobre as manifestações culturais no território quilombola.



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

3.3 A CULTURA MATERIAL COMO ELEMENTO DA ANCESTRALIDADE NO QUILOMBO SANTO ANTÔNIO

A cultura de uma comunidade descreve as características e identidade de um povo, e sua preservação permite que ela sobreviva na memória individual e coletiva, e tenha continuidade em suas tradições. Segundo Porfírio (2024) a cultura tem a capacidade de unir pessoas pois ela é uma forma de coesão social em torno de um bem comum, que é a identificação dos seus membros e sua organização dentro de uma sociedade.

Tornar as manifestações que compõe a cultura afro-brasileira dos territórios tradicionais em atos públicos, proporciona conhecimento e o sentimento investigativo nos descendentes que vivenciam no cotidiano a experiência de estar em contato com resquícios históricos que comprovam de forma material a existência de seus ancestrais e aos visitantes das comunidades quilombolas que tem interesse em conhecer mais sobre os costumes e tradições construída durante o passar dos tempos que são contadas a partir de cada exposição.

Trazendo essa discussão para o âmbito escolar, destacamos afirmativas contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino de História - PCNs (1997), que entende a utilização de objetos materiais como possibilidade de auxílio aos professores e discentes, no que se refere a colocar em questão o significado das coisas do mundo, e análise desses objetos estimula os processos de identificação, comparação, contextualização, interpretação, além de estimular o pensamento.

Dessa forma compreendemos a importância de todas as manifestações culturais e o quanto a materialização desses atos fortalecem o processo formativo e identificação de cada grupo social, assim como entendemos o quão é essencial que estas façam parte do processo educacional e estejam presentes no cotidiano escolar, já que fazem parte da história e origem dos estudantes.

Vejamos a seguir sugestões de leituras e exemplos de preservação da cultura material, nos territórios tradicionais.

Sugestões de Leituras:



- **A cultura material e a cultural imaterial contribuem para a formação da identidade de um povo.**

Autora: Viviane Teodoro

<https://escolaeducacao.com.br/cultura-material-e-imaterial/>

- **Qual a diferença entre cultura material e imaterial?**

Autor: Blaze Themes

<https://qualeadiferenca.com.br/qual-a-diferenca-entre-cultura-material-e-imaterial/>

3.3.1 A PALMEIRA DO COCO BABAÇU

A palmeira do coco babaçu é considerada fonte de riqueza natural, pois dela tudo pode ser aproveitado, tornando-se assim símbolo de sustentabilidade, com grande importância cultural e econômica, principalmente para as famílias pertencentes às comunidades tradicionais, que tem o extrativismo do babaçu como fonte e garantia de renda e conservação dos costumes.

Descrita com tanto orgulho por Antônio Gonçalves Dias em seu Poema Canção do Exílio (1843), que longe de sua terra natal, retrata a sua saudade do Maranhão com a direta e imponente afirmação: “Minha Terra tem Palmeiras... Assim como foi destaque para o grande poeta maranhense, a palmeira do babaçu também serve como fonte de inspiração para muitos outros artistas que com seu trabalho artesanal, transformam sua matéria-prima, em verdadeiras obras de arte.

Utensílios como cofos, esteiras, abanos, chapéus, etc. são confeccionados com as palhas da palmeira, matéria essa, que se usada com o tronco, possibilita a construção de moradias.

Das amêndoas ou caroços são extraídos o leite que serve como base para produção de outros alimentos, assim como o azeite, óleos que além do uso culinário também são utilizados em produtos de limpeza e cosméticos. Sem esquecer do mesocarpo, massa retirada da casca do coco, que também é ingrediente principal em diversas receitas de pão, bolo, sorvetes etc. e é muito rico em nutrientes.

O fruto (coco) é muito usado na produção de peças artesanais de decoração e confecção de acessórios como colar, pulseira, brincos, entre outros, e as partes das cascas descartadas, após a retirada das amêndoas e do mesocarpo, são usadas comumente na produção de carvão, usado no preparo dos alimentos.

Diante do exposto e por tudo o que não foi percorrido, torna-se impossível mensurar o quão é importante a preservação e manutenção das reservas de palmeira do coco babaçu, pois além de fornecer essa expansão de riqueza natural, ela proporciona o sustento, é vista como representatividade cultural para o estado e principalmente para as comunidades quilombolas e suas resistentes quebradeiras de coco.

Sugestões de Leituras:



- **“A gente não quer que essa tradição morra”: A luta das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão.**

Autora: Maíra Soares

<https://observatoriodefavelas.org.br/a-gente-nao-quer-que-essa-tradicao-morra-a-luta-das-quebradeiras-de-coco-babacu-no-maranhao/>

- **Artesanato no Maranhão**

Autora: Paula Porta

<https://www.artesanatodomaranhao.com.br/destaques/81442/babacu>



Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 15 - Ninhos para galinhas e casa com cobertura de palha da palmeira do coco



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

Figura 16 – Produção de peças artesanais com o coco babaçu, na coordenação da mulher em Matões do Norte



Fonte: Barbosa, Enágila, nov. 2024



31

3.3.2 PILÃO DE MADEIRA E FORNO DE TORRAR FARINHA

A demonstração de como o cotidiano dos negros escravizados era sofrido, é facilmente comprovado ao observarmos objetos encontrados nas comunidades tradicionais, ainda em uso nas tarefas de casa, como o pilão de madeira e o forno de torrar farinha, que para serem manuseados requerem a aplicação do exaustivo trabalho braçal.

Para o reconhecimento dos territórios tradicionais, além dos relatos das histórias, os costumes, crenças e tradições que caracterizam a origem da localidade, também são necessárias comprovações materiais, que possam ser vistas e de certa forma tocadas, como no caso do território onde está localizada o quilombo Santo Antônio, que guardam vários utensílios reconhecidos como da época da escravidão, entre eles, um forno de torrar farinha, que só na posse da tradicional família Martins está há mais de 100 anos.

Explorar os territórios tradicionais nos permite conhecer a sua história e origem de seu povo, assim como nos faz compreender o quão foi necessário ser resistência para vencer o processo escravista e suas crueldades, e como ainda continua sendo desafiador combater às desigualdades ainda existentes nessas comunidades, que induzem essa população por falta de incentivos e políticas públicas a reproduzir ações que exigem força física, como ocorre o processo de produção de farinha, onde todas etapas ainda são realizadas de forma rudimentar, atividade ainda repetidas pela necessidade da aquisição de alimentos e sustento da família.

É essencial para a manutenção da memória coletiva, manter em exposição, utensílios e ferramentas como o pilão de madeira e o forno de farinha usados no período da escravidão no Brasil, pertences como os pomposos lustres da casa grande, assim como os grilhões usados para prender e castigar os negros escravizados que viveram nos quilombos, pois estas materializam a tradição oral e permite às novas gerações conhecer e respeitar a origem e as lutas de seu povo. Contudo, são necessários e urgentes viabilizar meios para que o progresso alcance essas comunidades tradicionais, não a descaracterizando, mas sim proporcionando qualidade de vida a seus moradores.

Sugestões de Leituras:



- **Origem do Pilão: Item Essencial para a Gastronomia Africana**

Autora: Aline Chermoula

<https://mundonegro.inf.br/origens-do-pilao-item-essencial-para-a-gastronomia-africana/>

A roda, a prensa, o forno, o tacho: cultura material e farinha de mandioca no litoral do Paraná.

Autor: José Augusto Leandro

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos>



Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 17: Sr. Paulino morador do quilombo, demonstrando o uso do pilão de madeira



Figura 18: Apresentação da peneira e do forno de torrar farinha



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

3.3.3 OS TAMBORES E SOM DA ANCESTRALIDADE

Os tambores, instrumentos de percussão característico do povo negro, que os batuques soam os clamores da ancestralidade e celebram as lutas e conquista por liberdade sendo ela em várias esferas, entre elas a de expressão cultural e religiosa.

Representação indiscutível da materialidade das tradições originárias do povo negro africano e afro-brasileiro, o tambor é importantíssimo nas expressões culturais, como as danças de roda, e indispensável nos locais de cultos de religiões de matriz africana como os terreiros de umbanda, candomblé, terêcô etc. e em sua execução, marca o ritmo e desenvolve de forma marcante a condução das apresentações.

Nos quilombos, os tambores são esculpidos de forma artesanal, onde o seu corpo é moldado em troncos de madeira, como: (sapucaia, camucá e pau d'arco), a cobertura que antes eram utilizados coro de animais silvestres, como (Veado, jacaré e sucuri) atualmente são usados corriqueiramente pele de bovinos, e essa substituição, de acordo com os tambozeiros, prejudica o desempenho nas apresentações, pois não reproduzem a mesma qualidade de som.

A produção dos tambores no quilombo de Santo Antônio, comprova a continuidade dos ensinamentos repassados pelos ancestrais, e o repassar dessa cultura possibilitando a construção e manutenção da memória coletiva e individual dos residentes no território, e possibilita o fortalecimento da identidade negra a partir da vivência com os saberes populares e suas manifestações.

Sugestões de Leituras:



- Culturas do tambor: Ritmos e Significados

Autora: Ana

<https://lucidarium.com.br/culturas-do-tambor-ritmos-e-significados/>

- O papel do tambor nas tradições musicais

<https://folkfiesta.net/pt/post/tradicoes-musicais-de-papel-tambor/>



Imagem relacionada ao Tema em Destaque:

Figura 19: Artesão responsável pela construção dos tambores



Figura 20: Ensinando tocar tambor – repasse dos saberes populares



Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

Vejamos a seguir sugestões de atividades para trabalhar com a cultura material no quilombo Santo Antônio.

Fonte: Veras, Thyago Ferreira, nov. 2024

4 PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO COM A CULTURA MATERIAL DO QUILOMBO SANTO ANTONIO

Professoras e Professores,

Nessa fase do trabalho, iremos apresentar sugestões de atividades lúdicas e interativas, produção artística e oficinas a serem desenvolvidas com os discentes em sala de aula e moradores da comunidade, a partir das ações culturais vivenciadas no cotidiano do quilombo Santo Antônio.





4.1 A Palha da Palmeira do Coco Babaçu

Sensibilização:

- Os discentes receberão explicações sobre a importância da palmeira do coco babaçu, para a manutenção dos quilombos, a partir da produção de alimentos como (leite, azeite, mesocarpo, bolo, sorvete, biscoito, pão etc.), nas moradias (cobertura, paredes, portas e janelas e outros itens utilizados no cotidiano), artesanato, carvão, a sombra e o simbolismo que a planta representa;

Ludicidade e Interação:

- Realizar visitas em residências de moradores da comunidade, buscando identificar outros materiais confeccionados com a palha do coco babaçu, para despertar o interesse e curiosidade dos discentes sobre essa utilização dos meios naturais na forma de produção artesanal.

Produção Artística:

- Produzir um pequeno documentário, com a participação da comunidade, sobre a importância da palmeira do coco babaçu para a sustentabilidade das famílias que pertencem ao quilombo Santo Antônio, com destaque às quebraadeiras de coco.

Oficinas:

- Com o auxílio de um morador da comunidade, mostrar para os estudantes como ocorre o processo de escolha e extração da palha, para a confecção de mensabas ou esteiras, cofos e abanos.
- Reunir os estudantes na área externa da escola para acompanharem o trabalho do artesão durante a confecção de mensabas, cofos e abanos, com intervenções e diálogos para retirar as dúvidas;
- Com pequenas partes da palha da palmeira, incentivar os alunos a fazerem seus primeiros trançados;
- Desenvolver diálogos, solicitando aos alunos que compartilhem um pouco de sua experiência durante as fases da realização da oficina.





4.2 Explorando o Quilombo: Pilão de madeira e forno de torrar farinha

Sensibilização

- Fazer uma breve explanação sobre como aconteciam os trabalhos braçais no período da escravidão no Brasil, relacionado algumas ferramentas que eram utilizadas na preparação dos alimentos, destacando itens que continuam presentes no cotidiano do quilombo, tais como: o pilão de madeira, usado no processo de pilar arroz, triturar o caroço do coco, para a extração do leite e azeite, da semente do urucum para o preparo do corante usado como tempero, entre outros, e o forno que além de torrar farinha, também serve para outras ações entre elas, assar bolo, preparar beiju, e torrar arroz para facilitar a extração da casca.

Ludicidade e Interação:

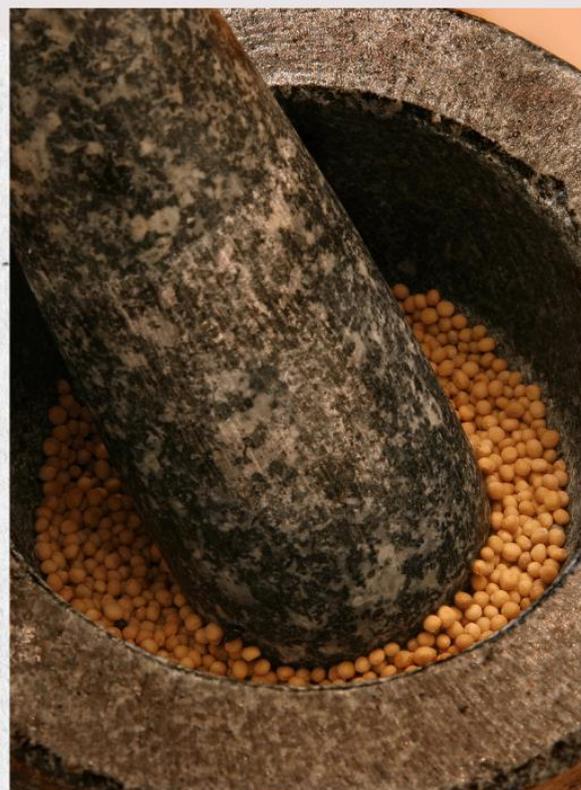
- Realizar exposição de peças confeccionadas com a palha do coco babaçu, para despertar o interesse e curiosidade dos discentes sobre a forma de produção.

Produção Artística:

- Produzir um mural para fixar no pátio da escola, com registros fotográficos com utensílios catalogados como pertencentes ao período escravocrata, existentes no território quilombola de matões do Norte.

Oficinas:

- Acompanhar o passo a passo do processo da produção de farinha, possibilitando o contato supervisionado dos alunos, com os materiais utilizados na casa de forno;
- Catalogar cada item usado na produção de farinha, com explanações sobre a sua utilidade;
- Realizar um levantamento, a partir de visitas às residências do Quilombo Santo Antônio, para identificar quais famílias possuem e ainda fazem uso do pilão de madeira;
- Confeccionar cartazes, apresentando os trabalhos que podem ser realizados com o uso do pilão de madeira.





4.3 O som dos quilombos e as mãos de seus construtores

Sensibilização

- Iniciar a atividade com explicações sobre os tambores (instrumento de percussão) e a sua presença marcante nas manifestações culturais afro-brasileiras, tais como as danças de roda mais conhecidas nessa região, como tambor de crioula, dança do coco e capoeira, e nos cultos da religião de matriz africana como o candomblé e umbanda, que fazem parte da história e identidade do povo negro remanescente de quilombo.

Ludicidade e Interação:

- Realizar um momento de aprendizado e descontração, com a participação de anciões do quilombo, para a contação de histórias sobre as expressões culturais que já foram vivenciadas na comunidade desde os seus ancestrais.

Produção Artística:

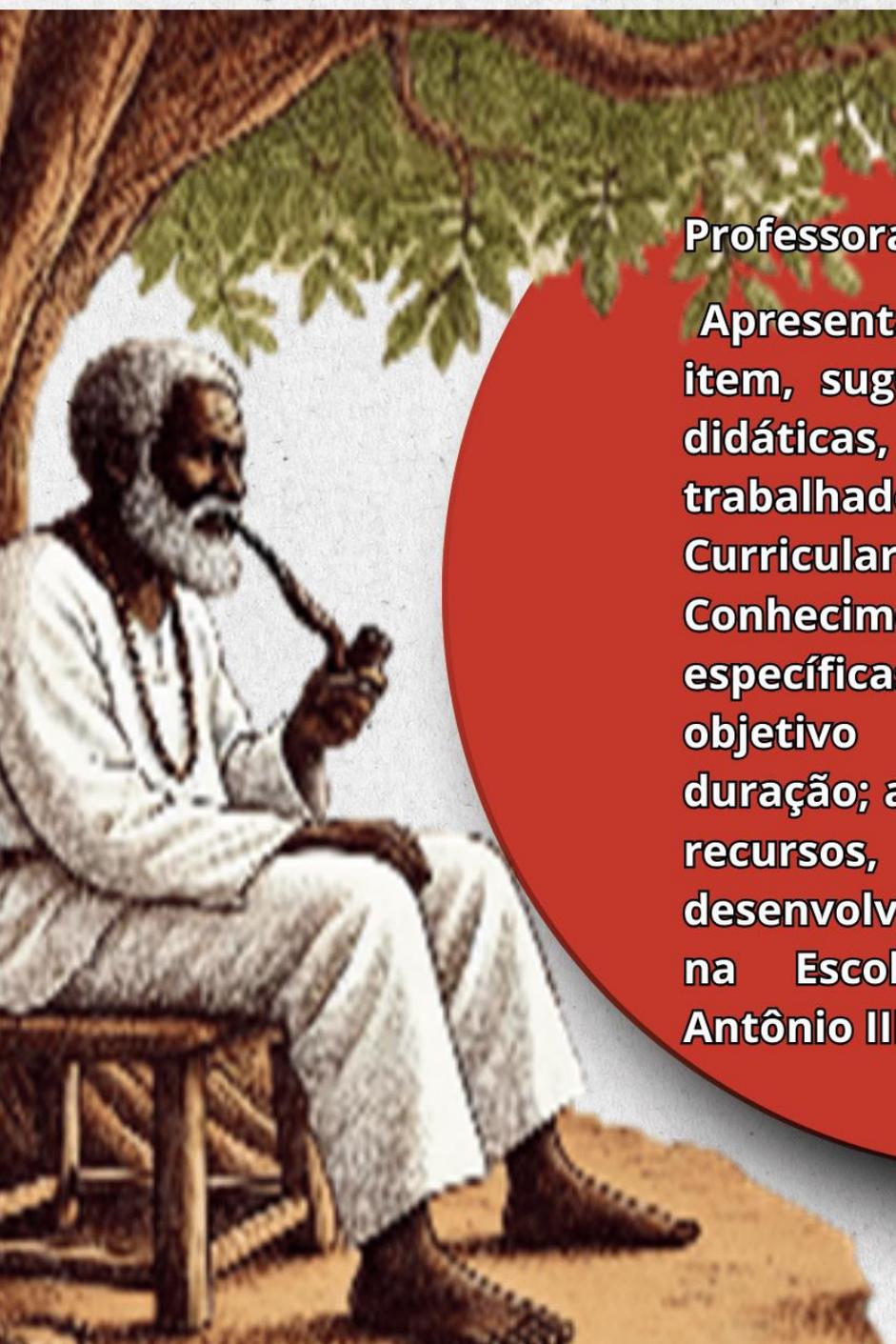
- Incentivar os discentes a produzirem letras de músicas retratando as formas de expressões culturais vivenciadas no quilombo, para serem utilizadas nas rodas de tambor de crioula da comunidade Santo Antônio.

Oficinas:

- Com a presença do professor, acompanhar o processo de escolha dos materiais e as fases da construção dos tambores (grande, meião e crivador);
- Desenvolver aulas de toque dos tambores para os estudantes com orientação dos tambozeiros que se dispuserem a contribuir com o processo de ensino e aprendizagem.



5 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS INTEGRADORAS



Professoras e Professores,

Apresentaremos a partir desse item, sugestões de sequências didáticas, onde serão trabalhados: Componentes Curriculares; Objetos do Conhecimento; competências específicas; habilidades; objetivo da aprendizagem; duração; atividades sugeridas; e recursos, para serem desenvolvidos durante as aulas, na Escola Municipal Santo Antônio III.

A educação escolar quilombola requer em sua execução, interação entre escola e comunidade, levando em consideração a forma de vida dos estudantes, respeitando os costumes e tradições de seu povo, para que o processo de ensino e aprendizagem auxilie na formação e valorização de sua identidade.

Sendo assim professoras e professores, para auxiliá-los na sua rotina escolar, desenvolvemos sequências didáticas integradoras, com componentes curriculares que deverão ser trabalhadas as temáticas étnico-raciais com características vivenciadas no cotidiano da Comunidade Quilombola Santo Antônio, seguindo o que determina as Diretrizes Curriculares da Educação Escolar Quilombola.

As sequências apresentam sugestões de aulas divididas em 04 (quatro) momentos que poderão ser trabalhados em dias alternados, sendo cada aula com duração estimada de "55min", ficando a critério do professor e da distribuição da carga horária da escola.



Imagem relacionada ao Tema em Destaque:





5.1 História e origem das Famílias residentes na Comunidade Tradicional Santo Antônio

PLANO DE AULA

COMPONENTE CURRICULAR: História, Geografia, Língua Portuguesa e Artes

PÚBLICO-ALVO: Discentes do 4º Ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais

OBJETO DE CONHECIMENTO

O estudo da história, origem e formação das famílias residentes na Comunidade Tradicional Santo Antônio

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA

- Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
- Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.
- Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação na vida social e utilizando-se para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
- Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

HABILIDADES

- (EF01HI02) identificar a relação entre as suas histórias e as histórias das famílias.
- (EF02GE02) Comparar costumes e tradições de diferentes populações inseridas no bairro ou comunidade em que vive, reconhecendo a importância do respeito às diferenças.

HABILIDADES

- (EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.
- (EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

OBJETIVO DA APRENDIZAGEM

Desenvolver nos estudantes, a compreensão dos processos dos sujeitos históricos e o desenvolvimento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços.

Reconhecer como sujeito para que ele construa sua visão de cidadão e se situe nos diferentes espaços e tempo que o cercam, experimentando o enfrentamento do seu cotidiano em constante transformação.

Compreensão da variação linguística e convívio com a diversidade dialetal, para evitar preconceitos.

Compreender e utilizar a arte como linguagem, mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas;

DURAÇÃO

03 ou 04 aulas com duração de “55min”

ATIVIDADES SUGERIDAS

1º momento:

A aula seguirá um formato expositivo e dialogado, onde serão disponibilizadas e apresentadas aos discentes, cópias impressas do capítulo do Relatório Antropológico, onde são relacionados os nomes das famílias tradicionais que receberam a posse da terra pleiteada que deixou de ser fazenda e transformou-se em quilombo. Após a realização da leitura do material em exposição, realizar a comparação com os sobrenomes dos estudantes, utilizando a lista de frequência, para que estes despertem a curiosidade e busquem identificar a origem de sua família;

ATIVIDADES SUGERIDAS

2º momento:

As atividades desenvolvidas durante a aula, seguirão um viés investigativo, com a realização de entrevistas que envolverá familiares dos discentes, para identificar quem foram os seus ancestrais, seguindo um roteiro produzido em sala de aula;

3º momento:

A partir das informações coletadas durante a entrevista realizadas pelos estudantes, serão feitas exposições de forma escrita e oral com apresentação dos apontamentos resultantes da pesquisa, detalhando as descobertas relacionadas a origem das famílias, identificando os seus ancestrais;

4º momento:

Após a apropriação dos conhecimentos relacionados a origem familiar dos discentes, serão propostos a eles, a confecção de cartazes com representações desenhadas ou com colagem de imagens ilustrativas, para a formação da árvore genealógica, abrangendo as três últimas gerações da família.

RECURSOS

- Relatório Antropológico
- Cópias xerocadas
- Quadro branco
- Pincel
- Cartolina
- Lápis colorido
- Caderno
- Caneta

ATIVIDADES AVALIATIVAS

Observação e participação nas atividades propostas; Partilha dos conhecimentos relacionados ao tema abordado; Desenvolvimento do discente como sujeito, que tenha um entendimento sobre o processo histórico, sua capacidade de conviver com a diversidade; Capacidade de produções artísticas;



Vocês já ouviram a história de sua família? De acordo com os registros históricos do território, algum dos seus familiares tem o sobrenome dos primeiros moradores do quilombo? Quem são os seus avós e onde eles nasceram? Alguns dos seus ancestrais foram escravizados ou senhores de escravos?



5.2 A importância da tradição oral, para a manutenção da memória coletiva do povo negro remanescente de quilombo.

PLANO DE AULA

COMPONENTE CURRICULAR: Geografia, matemática, língua Portuguesa

PÚBLICO-ALVO: Discentes do 4º Ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais

OBJETO DE CONHECIMENTO

- Os Griôs e tradição Oral

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA

- Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.
- Fazer observações sistemáticas de aspectos quantitativos e qualitativos presentes nas práticas sociais e culturais, de modo a investigar, organizar, representar e comunicar informações relevantes, para interpretá-las e avaliá-las criticamente e eticamente, produzindo argumentos convincentes.
- Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

HABILIDADES

(EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.

(EF04MA27) Analisar dados apresentados em tabelas simples ou de dupla entrada e em gráficos de colunas ou pictóricos, com base em informações das diferentes áreas do conhecimento, e produzir texto com a síntese de sua análise.

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

OBJETIVO DA APRENDIZAGEM

Desenvolver o raciocínio crítico e o pensamento espacial, de forma a permitir que os alunos percebam o mundo à sua volta de forma coerente e real;

DURAÇÃO

03 ou 04 aulas com duração de “55min”

ATIVIDADES SUGERIDAS

1º momento

O início da aula acontecerá com a sensibilização sobre o sentimento de pertencimento ao território quilombola, explicando os fatores que os tornaram tradicionais, e a importância de conhecer a história e formação da comunidade em que estão inseridos. Após esse momento de diálogo e reflexão, serão disponibilizadas cópias impressas do mapa do município de Matões do Norte aos estudantes, para que estes identifiquem, demarquem e façam anotações sobre as comunidades catalogadas como quilombolas.

2º momento

Após um momento de sensibilização sobre a importância de ouvir os mais velhos da comunidade para a manutenção da memória coletiva do território tradicional, os estudantes serão direcionados a realizar uma pesquisa, que envolva os pais e pessoas do quilombo, com o intuito de identificar as pessoas mais idosas nas comunidades mapeadas do território quilombola de Matões do Norte.

3º momento:

A partir das coletas de informações sobre os anciões do território quilombola de Matões do Norte, os discentes com o auxílio do professor, produzirão tabelas com a descrição da comunidade, o nome, dia, mês e ano, da pessoa identificada como morador antigo da região e confeccionarão um painel com fotos e biografia desses anciões, que ficará exposto nas dependências da escola.

4º momento:

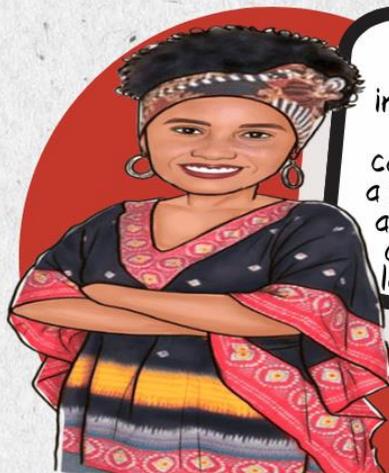
Com a identificação dos anciões e mapeamento das comunidades, será desenvolvida na área externa da E M Santo Antônio III, uma roda de conversa com a participação dos moradores mais antigos do território quilombola que se disponha a contar histórias, sobre a formação da comunidade, contos e lendas que ainda despertam o imaginário dos ouvintes.

RECURSOS

- Transporte Escolar
- Cópias xerocadas do mapa do município de Matões do Norte
- Cartolina
- Lápis de cor
- Caderno
- Caneta

ATIVIDADES AVALIATIVAS

Serão avaliadas a participação e interação durante a realização das atividades. Capacidade de ler, produzir e interpretar gráficos e tabelas. Escrita de biografia.



Por que a comunidade Santo Antônio é considerada tradicional? De acordo com informações do mapa do município de Matões do Norte, quantas comunidades foram catalogadas como quilombolas? Você conhece a pessoa mais idosa de sua comunidade? Você acha importante conhecer a história da sua comunidade? Você conhece algum conto ou lenda do povoado, contados pelos anciões?



5.3 Tambor de Crioula: identidade Cultural da Comunidade Tradicional Santo Antônio

PLANO DE AULA

COMPONENTE CURRICULAR: Artes, Ensino Religioso e História

PÚBLICO-ALVO: Discentes do 3º Ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais

OBJETO DE CONHECIMENTO

- Tambor de Crioula

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA

- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
- Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

HABILIDADES

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF05ER01) Identificar e respeitar acontecimentos sagrados de diferentes culturas e memória.

(EF03HI04) Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados.

OBJETIVO DA APRENDIZAGEM

Contribuir para a formação humana do discente, ajudando-o a desenvolver diversas habilidades e a compreender a sociedade e a cultura de forma crítica.

Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos

Facilitar a compreensão de tempo e espaço, a partir do referencial da comunidade de pertencimento.

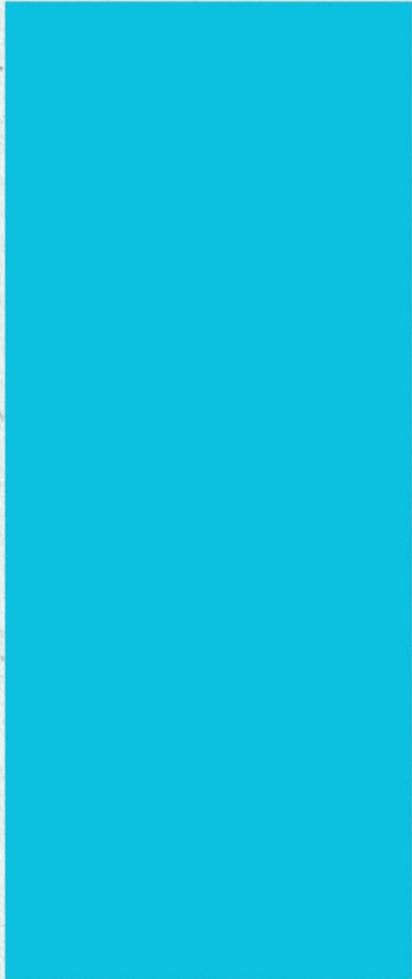
DURAÇÃO

03 ou 04 aulas com duração de “55min”

ATIVIDADES SUGERIDAS

1º momento:

O início da aula acontecerá com a reprodução de um som de tambor, após à solicitação aos estudantes, para que estes ouçam atentamente e identifiquem qual expressão cultural está sendo representada. Logo após as explanações sobre o conteúdo abordado, a aula terá continuidade com a exposição de slides com apresentações de rodas do tambor de crioula de diferentes regiões, e explicações sobre os rituais e contextos religiosos, em seguida, serão aplicados exercícios para a fixação dos conhecimentos;



2º momento:

Os estudantes serão incentivados a realizar uma produção artística, a partir da solicitação para que eles descrevam por meio de desenhos e pinturas em cartolina, os personagens que compõem uma roda de tambor de crioula, em seguida deverão fazer a exposição oral, com explicações sobre a arte criada;

3º momento:

Para um melhor aprendizado sobre o tambor de crioula, será realizada na área externa da E M Santo Antônio III rodas de conversas com integrantes do Tambor Raízes de Santo Antônio, e para materializar o estudo, exposição de indumentárias e instrumentos utilizados nas rodas de tambor no pátio da escola;

4º momento:

Após passar pela teoria sobre o objeto do conhecendo tambor de crioula, será realizado um momento de culminância, colocando em prática passo a passo do que foi abordado, com a apresentação do tambor de crioula, contando com a participação especial dos discentes



RECURSOS

- Aparelhos de mídias digitais
- Papel A4
- Cartolina
- Grafite
- Lápis de cor
- Caderno
- Caneta
- Indumentárias das coreiras e tambozeiros
- Instrumentos de precursão do tambor de crioula



ATIVIDADES AVALIATIVAS

Participação e realização das atividades propostas; Compreensão sobre a cultura local; Habilidades em produções artísticas; Expressão oral e escrita.



Voce conhece outra dança de roda, além do tambor de crioula? Na sua opinião, os ensinamentos dos anciões devem ser repassados para os mais novos? O tambor de Crioula representa a sua comunidade? Sente o interesse em participara das rodas de tambor de crioula?





5.4 A fé como forma de sobrevivência nos territórios tradicionais

PLANO DE AULA

COMPONENTE CURRICULAR: Ensino Religioso, Língua Portuguesa e Ciências

PÚBLICO-ALVO: Discentes do 4º Ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais

OBJETO DE CONHECIMENTO

A fé nas Benzedoiras, saúde e ciência no chão do terreiro

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA

- Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosóficas de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
- Reconhecer o texto como lugar de manifestação, negociação de sentidos, valores e ideologias.
- Compreender as ciências da natureza como empreendimento humano, e o conhecimento científico como provisório, cultural e histórico.

HABILIDADES

(EF04ER01) Identificar ritos presentes no cotidiano pessoal, familiar, escolar e comunitário.

(EF15LP13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).

(EF01C104) Comparar características físicas entre os colegas, reconhecendo a diversidade e a importância da valorização, do acolhimento e do respeito às diferenças (étnicas, econômicas, sociais e religiosas), estimulando a cultura de paz.

OBJETIVO DA APRENDIZAGEM

Propor reflexões sobre fundamentos, costumes e valores das diferentes religiões, de forma a estimular o diálogo e o respeito entre elas.

Formar críticos que possam participar ativamente e, que sejam capazes de identificar e interagir com diversos tipos de textos que circulam socialmente, pois não basta ler, é preciso aprimorar a linguagem para participar com sucesso da vida do bairro, da sociedade e do país.

Desenvolver competências que permitam ao educando compreender o mundo e atuar como indivíduo e como cidadão, utilizando conhecimentos de natureza científica e tecnológica

DURAÇÃO

03 ou 04 aulas com duração de “55min”

ATIVIDADES SUGERIDAS

1º momento:

A aula será iniciada com a sensibilização sobre a importância dos saberes populares advindos dos ensinamentos dos ancestrais entre eles, o fundamental papel das benzedeadas, incentivando diálogos entre o professor e os estudantes, sobre a temática abordada., realizar exposição de imagens em apresentação de slides mostrando os benzedores e benzedeadas localizadas em diferentes regiões do país, para demonstrar que as manifestações religiosas de matriz africana está presente e faz parte da construção da história do Brasil. Para fixar o aprendizado, propor exercícios para serem respondidos em casa com base no conteúdo trabalhado em sala de aula;

2º momento:

A aula terá início com o deslocamento dos estudantes e professor, com saída do prédio da escola em direção às comunidades previamente catalogadas para a realização de aula de campo, com o intuito de visitar as residências e conhecer o cotidiano das benzedeadas e benzedores residentes no território tradicional;



3º momento:

O professor promoverá uma roda de conversa com a participação das benzedeadas e benzedores, para que os discentes estabeleçam diálogo e interação entre si e com os entrevistados, e assim esclareçam suas dúvidas;

4º momento:

Entrevistas com familiares sobre práticas curativas usadas no cotidiano herdadas dos antepassados. Produção textual (desenvolver em sala de aula, uma redação discorrendo sobre a experiência vivida na aula de campo) comparando práticas das curandeadas com costumes cotidianos das famílias do território, em seguida exposição oral do texto produzido.



RECURSOS

- Transporte Escolar
- Aparelhos de mídias digitais
- Papel A4
- Caneta
- Lápis de cor
- Cartolina
- Caderno
- Caneta



ATIVIDADES AVALIATIVAS

Compreensão dos assuntos abordados, interação com a turma, com os participantes da ação; Expressão Oral e escrita. Uso da língua formal escrita.



Você conhece alguma benzedeadas ou benzedores? Já recebeu benzimento para tratamento de saúde? Quando está com problemas de saúde você usa ervas medicinais como tratamento? Na sua opinião, as rezas e benzimentos podem curar enfermidades?



5. CONSIDERAÇÕES

FINAIS

Passamos a vida lutando, para adquirir conhecimentos, conquistar espaços, para sermos vistos e principalmente, para sermos respeitados. E as batalhas diárias tornam-se mais árduas quando não temos direcionamentos e não reconhecemos o território e as formas de vida onde teremos que estabelecer estratégias de combate, e sem saber informações sobre quem e como vamos fazer o enfrentamento, dificilmente teremos êxito no objetivo final.

Conhecer a origem e história do nosso povo, seus feitos e contribuições para o desenvolvimento desse país, nos prepara para os embates contra a desvalorização, o racismo velado e estrutural, assim como nos conduz para a garantia e efetivação de direitos.

Compreendemos dessa forma, a necessidade de fortalecer o processo de ensino para garantir uma aprendizagem que tenha em seu contexto, as relações étnico-raciais que proporcione a valorização dos saberes, cultura e tradição da população afro-brasileira, para assim obter o fortalecimento e a valorização da identidade negra dos povos remanescentes de quilombo.

Acreditamos que alcançaremos resultados positivos com a aplicabilidade da lei 10.639/03 e as Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação Quilombola, nas escolas dos territórios tradicionais, pois este ensino que garante trazer a luz à verdadeira história do povo negro com sua trajetória no continente africano e no Brasil, certamente impactará de forma positiva no desenvolvimento dos estudantes, pois a eles serão repassados os valores, costumes e tradições advindos dos seus ancestrais.

É nessa perspectiva que construímos cada ação sugerida no Caderno de Orientações Didáticas, produto educacional fruto das pesquisas do mestrado profissional do Programa de Pós-graduação na Gestão da Educação Básica- PPGEEB, pensando nessa grande necessidade de valorização cultural e identitária persistente nos nossos quilombos, e assim afirmamos que a solução está nas nossas mãos professoras e professores, que tem a difícil, mas fundamental missão de levar um ensino libertador aos nossos discentes.

Esperamos que as atividades apresentadas contribuam no cotidiano escolar, e que seja ferramenta importante para o desenvolvimento do ensino e que tenha como resultados, a formação de pessoas capazes de se autorreconhecer de acordo com suas origens e tenham orgulho daqueles que os antecederam.



REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Brasília, DF, de 20 de dezembro de 1996.

CHERMOULA, Aline. Origem do Pilão: Item essencial para a gastronomia africana. Mundo Negro. 21 de novembro de 2020. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/origens-do-pilao-item-essencial-para-a-gastronomia-africana/>

CIDESP, Quilombolas: Significado e Importância na Cultura Brasileira. Blog Ciesp. 20 de set. 2024. Disponível em: <https://cidesp.com.br/artigo/quilombolas-significado>

EDUCAMUNDO. A importância e a riqueza da cultura Afro-Brasileira. Blog Educamundo. Publicado em: 03 de jun. de 2024. Disponível em: <https://educamundo.com.br/blog/riqueza-importancia-cultura-afro-brasileira/>

EU SEM FRONTEIRAS. Benzedeiras: quem são as mulheres que curam nosso corpo e espírito? Espiritualidade, Religião. Revista Eletrônica, Eu Sem Fronteiras. 2020, disponível em: <https://www.eusemfronteiras.com.br/benzedeiras-quem-sao-as-mulheres-que-curam-nosso-corpo-e-espírito/>

FERNANDES, Fernanda. Tambor de Crioula. Cultura. Cultura afro-brasileira. Dança. Música. Revista eletrônica MultiRio. 22 de fev. 2022. Disponível em: <https://multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/17567-tambor-de-crioula>

FIABANI, Adelmir. Os Quilombos Contemporâneos Maranhenses e a Luta pela Terra. Estudos Históricos. Publicado em: ago. 2009. Disponível em: https://estudioshistoricos.org/edicion_2/adelmir_fabiani.pdf

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. “Aspectos da população do Maranhão”; Brasil Escola. 2023. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/aspectos-populacao-maranhao.htm>. Acesso em: 20 de nov. 2024



FREITAS, Lucas. Resistência Quilombola: A Luta Pela Preservação da Cultura Afro-Brasileira. Revista Eletrônica, Rabiscos da História, 2022. Disponível em: <https://rabiscodahistoria.com/resistencia-quilombola-a-luta-pela-preservacao-da-cultura-afro-brasileira/>

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Relatório Antropológico da comunidade Lago do Coco, São Luís/MA: 3R Tecnologia Ambiental; INCRA-MA, 2018.

LEANDRO, José Augusto. A roda, a prensa, o forno, o tacho: cultura material e farinha de mandioca no litoral do Paraná. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 261-278 – 2007. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/artigos/3leandro_artigo.pdf

MARANHÃO. Documento Curricular do Território Maranhense: para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Rio de Janeiro: FGV Editora, [2019].
MONTELES, Nayara Joyse Silva. Tambor de Crioula: História de Resistência e Memória Cultural. Cultura visual. Ufg.br. 2018. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/CulturaVisual_L1_050.pdf

MUSEU AFRO DIGITAL – Maranhão. Tambor de Crioula do Maranhão. 17 de fev. de 2022. Disponível em: <https://museuafro.ufma.br/?p=5735>

NOGUEIRA, Lívia. O Papel da Tradição Oral na Preservação da Cultura No Brasil. Lab Dicas Jornalismo. Cultura, 21 de nov. 2022. Disponível em: <https://labdicasjornalismo.com/noticia/12180/o-papel-da-tradicao-oral-na-preservacao-da-cultura-no-brasil>

NOGUEIRA, Natania. As Benzedeiras: Cultura e Religiosidade. História do Brasil. Revista História hoje, 2024. Disponível em: <https://historiahoje.com/as-benzederas-cultura-e-religiosidade/>

PEREIRA, Camila. A Tradição Oral na Cultura Brasileira. Cultura e Educação. Revista Eletrônica, Cultura Nova Fase. 15 de fev. de 2024. Disponível em: <https://culturanf.com.br/preservando-nossa-historia-valorize-a-tradicao-oral/>

PEREIRA, Camila. A Tradição Oral na Cultura Brasileira. Educação e Cultura. Revista Eletrônica, Cultura Nova Fase, 15. De fev. de 2024. Disponível em: <https://culturanf.com.br/preservando-nossa-historia-valorize-a-tradicao-oral/#:~:text=A%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20oral%20%C3%A9%20um%20aspecto%20fundamental%20da,significativo%20na%20preserva%C3%A7%C3%A3o%20da%20identidade%20cultural%20do%20pa%C3%ADs.>



PORFÍRIO, Francisco. "Cultura material e cultura imaterial"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/cultura/cultura-material-e-cultura-imaterial.htm> 2024

PORTA, Paula. Artesanato no Maranhão. Destaque/Babaçu. Acesso em dez. 2024 Disponível em: <https://www.artesanatodomaranhao.com.br/destaques/81442/babacu>

RAMÓN, Paula. Comunidades quilombolas: identidade forjada através da resistência. História. Rev. National Geographic. Publicado em 21 de Mar. de 2022. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/03/comunidades-quilombolas-identidade-forjada-atraves-da-resistencia>

SANDES, Luiza Fernandes Fonseca. Cultivo e uso de Plantas Medicinais em Comunidades Quilombolas. I congresso Internacional de educação: diversidade, formação e saberes docentes. agosto de 2018. Montes claros, minas gerais Brasil. Disponível em: <https://proceedings.science/cied/trabalhos/cultivo-e-uso-de-plantas-medicinais-em-comunidades-quilombolas?lang=pt-br#institution1>

SANDES, Luiza Fernandes Fonseca. Práticas fitoterápicas e a relação cultural de quilombolas com o uso de plantas medicinais em rituais de cura. FEPEG – Forum ensino. pesquisa. Extensão. Gestão 2018. Disponível em: <http://www.fepeg2018.unimontes.br/anais/download/44a2a679-a022-4d30-a457-f6281965e4ee>

SCHWARTZ, Stuart B. Escravidão indígena e o início da escravidão africana. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). Dicionário da escravidão e liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Ronildo Geraldo da. Saberes tradicionais de benzedeiras e os processos educativos da EJA. Repositório Institucional da UFMG.- Belo Horizonte, 28 de Mar. De 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/43977>

SOARES, Maira. “A gente não quer que essa tradição morra”: A luta das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão. Observatório das Favelas. 26, mar. 2024. Disponível em: <https://observatoriodefavelas.org.br/a-gente-nao-quer-que-essa-tradicao-morra-a-luta-das-quebradeiras-de-coco-babacu-no-maranhao/>



SOUZA, Daiane. Comunidades quilombolas: conceito, autodefinição e direitos. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. 12/de abr. 2012. Disponível, em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/comunidades-quilombolas-conceito-autodefinicao-e-direitos>

TEODORO, Viviane. Cultura material e imaterial. Revista Escola Educação, Publicado em 02/03/2020. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/cultura-material-e-imaterial/>

THEMES, Blaze. Qual a diferença entre cultura material e imaterial? Revista eletrônica Qual a diferença? 2024. Disponível em: <https://qualeadiferenca.com.br/qual-a-diferenca-entre-cultura-material-e-imaterial/>



SOBRE AS AUTORAS

Eliane Cristina Leite dos Santos, mestranda do Programa de Pós-graduação na Gestão da Educação Básica- PPGEEB, graduada em Pedagogia (ISEPRO) e Licenciada em Educação Física (UFMA), com especializações em Psicopedagogia Institucional e Clínica (IESF), e Metodologia do Ensino Fundamental (FACAP). É docente na Escola Municipal Donato Nascimento Brandão, município de Pirapemas/Maranhão atuando nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Desenvolve pesquisas nas áreas de Educação das Relações Étnico-Raciais, Gênero, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, A importância da Ludicidade no Processo de Ensino e Aprendizagem, Déficit de ensino e aprendizagem. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Investigações Pedagógicas Afro-brasileiro (GIPEAB/UFMA). E representante Municipal de políticas para Mulheres e Direitos Humanos no município de Matões do Norte/MA.



Mariléia Santos Cruz da Silva

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (1996), Mestrado em Educação pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000), doutorado em Educação Escolar Educação pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (2008), e Pós-Doutorado na mesma instituição. Atualmente é professora Associada a Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em história da educação brasileira, didática, currículo e metodologias de ensino de história, atuando principalmente como pesquisadora nos seguintes temas: história da escolarização de negros no século XIX e XX. História da educação maranhense, e história da educação de Imperatriz, história da escola primária. É docente permanente do Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica-PPGEEB.

